BOILEAU-NARCEJAC

VERTIGO

(UM CORPO QUE CAI)



O LIVRO QUE
DEU ORIGEM AO
CLÁSSICO DO
MESTRE DO SUSPENSE

COLEÇÃO HITCHCOCK

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."

BOILEAU - NARCEJAC

VERTIGO

(Um corpo que cai)

TRADUÇÃO Fernando Scheibe

VESTÍGIO

A Pierre Véry

PRIMEIRA PARTE

I

– É isso mesmo – disse Gévigne. – Quero que você vigie minha mulher.

– Diabo!... Ela está traindo você?

– Não.

– Então, por quê?

– Não é fácil explicar. Ela anda estranha... Estou preocupado.

– O que você teme exatamente?

Gévigne hesitava. Olhava para Flavières, que percebia o que o detinha: Gévigne não confiava. Continuava o mesmo que Flavières tinha conhecido quinze anos antes na Faculdade de Direito: cordial, disposto a se abrir, mas, no fundo, fechado, tímido e infeliz. Pouco antes, por mais que tivesse exclamado abrindo os braços: “Meu velho Roger... que alegria reencontrar você!”, Flavières logo notara, instintivamente, que o gesto era meio desajeitado, um pouco forçado, um pouco duro. Gévigne se agitava um pouco demais, ria um pouco demais. Não conseguia apagar os quinze anos que tinham se passado e transformado ambos fisicamente. Gévigne estava quase careca e com um queixo duplo. Suas sobrancelhas tinham ficado ruivas, e, perto do nariz, várias sardas tinham se formado. Flavières tampouco era o mesmo. Sabia que tinha emagrecido e se encurvado desde aquela história, e sentia as mãos umedecerem só de pensar que talvez Gévigne fosse lhe perguntar por que tinha se tornado advogado se cursara Direito para entrar na polícia.

– Não temo nada em particular – retomou Gévigne.

Estendeu a Flavières um rico estojo cheio de charutos. Sua gravata também era chique, e seu terno, de corte impecável. Anéis brilhavam em seus dedos enquanto destacava um fósforo rosa de uma caixinha em que estava inscrito o nome de um dos melhores restaurantes de Paris. Ele contraiu as bochechas antes de soltar lentamente um pouco de fumaça azul. Então disse:

– É só um clima estranho no ar.

Sim, ele tinha mudado muito. Tinha conhecido o poder. Adivinhavam-se, por trás dele, comitês, sociedades, uma complexa rede de relações e influências. Contudo, seus olhos continuavam inquietos, prestes a se amedrontar e se

esconder atrás das pesadas pálpebras abaixadas.

– Um clima! – disse Flavières com uma ponta de ironia.

– Sim, acho que essa é a palavra – insistiu Gévigne. – Minha mulher é perfeitamente feliz. Estamos casados há quase quatro anos, faltam dois meses para completar... Temos mais do que precisamos para viver. Minha fábrica em Le Havre está a pleno vapor desde a mobilização. Foi, aliás, por causa dela que não fui convocado... Em suma, dadas as circunstâncias, somos privilegiados, não há dúvida.

– Não têm filhos? – interrompeu Flavières.

– Não.

– Continue.

– Madeleine tem tudo para ser feliz. Mas esta é a questão, sinto que alguma coisa está errada. Ela sempre teve um temperamento um pouco esquisito, oscilações de humor, períodos de depressão, mas, de alguns meses para cá, seu estado se agravou bruscamente.

– Você a levou a um médico?

– É claro. Consultamos as maiores sumidades. Ela não tem nada. Nada.

– Nada orgânico – admitiu Flavières. – E do ponto de vista psíquico?

– Nada... Nada... Nem mesmo *isto*! – estalou os dedos e limpou as cinzas que tinham caído em seu colete.

– Ah! É uma longa história. No começo, eu também pensei que se tratava de uma ideia fixa, de um medo irracional provocado pela guerra. Ela caía em bruscos silêncios. Se alguém falava com ela, mal escutava. Ou senão, ficava imóvel, olhando para alguma coisa na frente dela... Isso eu garanto a você que era impressionante. Parecia que ela estava vendo... sei lá... coisas invisíveis. E quando recomeçava a viver normalmente, guardava uma espécie de expressão extraviada, como se tivesse que fazer um esforço para reconhecer sua casa... para me reconhecer...

Deixou apagar seu charuto e ficou olhando, ele também, para o vazio, com aquela expressão de frustração que já tinha na época da faculdade.

– Se ela não está doente, está simulando – disse Flavières impaciente.

Gévigne ergueu sua mão gorda, como para deter aquela objeção.

– Pensei nisso, e passei a vigiá-la, discretamente. Um dia, eu a segui... Ela foi até o Bosque de Boulogne, sentou-se diante do lago e ficou ali, sem se mexer, por mais de duas horas... contemplando a água...

– Isso não parece muito grave.

– Mas... é que ela contemplava a água, como explicar, com atenção, com

uma seriedade enorme. Como se aquilo fosse de extrema importância... À noite, ela me garantiu que não tinha saído. Eu não quis dizer que a segui, você entende.

Flavières voltava a encontrar e a perder sucessivamente a antiga imagem de seu condiscípulo, e esse jogo começava a se tornar irritante.

– Escute – disse ele –, sejamos lógicos. Ou sua mulher está enganando você, ou está doente, ou, por alguma razão desconhecida, está simulando. Só pode ser uma dessas opções.

Gévigne estendeu o braço para o cinzeiro do escritório e, com o mindinho, desprendeu do charuto um longo cilindro de cinza branca. Então sorriu tristemente.

– Você está raciocinando exatamente como eu fiz. A questão é que estou absolutamente seguro de que Madeleine não está me traindo... e o professor Lavarenne me garantiu que ela é normal... E por que ela simularia?... A troco de quê?... Afinal, ninguém simula simplesmente por simular. Ninguém vai perder duas horas no bosque por nada... e olha que esse foi apenas um detalhe entre muitos outros.

– Você falou com ela?

– Sim, é claro... Perguntei o que sentia quando se punha bruscamente a devanear.

– E o que ela respondeu?

– Que eu não devia me preocupar... que ela não estava devaneando... que apenas andava preocupada com a situação, como todo mundo.

– Mas a pergunta pareceu aborrecê-la?

– Sim... na verdade, ela pareceu sobretudo constrangida, embaraçada.

– Teve a impressão de que ela estava mentindo?

– Não. Pelo contrário, de que estava assustada... Vou até confessar uma coisa que talvez o faça rir de mim: lembra daquele filme alemão que vimos no cinema Ursulines por volta de 1923 ou 24?... *Jacob Boehme*...

– Sim.

– Lembra da expressão do personagem quando o surpreendiam em meio a uma crise mística e ele tentava negar, desculpar-se, esconder suas visões... Pois bem, Madeleine... tem às vezes o mesmo rosto que o ator alemão... aquele rosto meio extraviado, meio ébrio, aqueles olhos que tateiam...

– Por favor, menos! Não vai me dizer que acha que sua mulher está sujeita a crises místicas!

– Sabia que você ia reagir assim... Exatamente como eu, meu velho!... Também me insurgi... também me recusei a me render à evidência.

– Ela é praticante?

– Como todo mundo... Vai à missa domingo, mas não é nenhuma beata.

– Por acaso não é como essas mulheres que dizem prever o futuro?

– Não. Simplesmente, repito, acontece algo nela, como se um botão fosse apertado e ela partisse para outro mundo.

– Acha que é involuntário da parte dela?

– Com toda certeza. Já faz algum tempo que a observo. Ela sente a crise vir, esforça-se para evitar, para se mexer, falar... levanta-se, às vezes vai abrir a janela, como se lhe faltasse ar, ou liga o rádio, aumenta o volume... Se, nesse momento, eu entro no jogo, faço alguma graça, falo disso ou daquilo, então sua mente consegue se controlar, reter-se... Desculpe minha prolixidade, mas não é fácil tornar inteligível o que se passa com ela... Se, ao contrário, eu também pareço estar preocupado, distraído, absorto, não dá outra. Ela logo fica parada, seus olhos seguem no espaço um ponto misterioso que se mexe... quer dizer, eu suponho que ele se mexe... e então ela solta um suspiro, passa a mão na testa e, por cinco ou dez minutos, raramente mais do que isso, assemelha-se a um sonâmbulo...

– Seus movimentos são bruscos?

– Não. Na verdade, nunca encontrei sonâmbulos. Mas não parece que ela esteja realmente dormindo. Fica distraída, como alguém que não se pertence mais. É outra pessoa. Sei que isso tudo soa idiota! No entanto, não tenho como dizer melhor. É outra pessoa.

Havia uma verdadeira angústia nos olhos de Gévigne.

– Outra pessoa – resmungou Flavières. – Isso não quer dizer nada.

– Não acredita que possa haver certas influências?...

Gévigne abandonou seu charuto mascado na beira do cinzeiro e apertou fortemente uma mão na outra.

– Já que comecei, o jeito é ir até o final... Houve, na família de Madeleine, uma mulher estranha... Chamava-se Pauline Lagerlac... Era a bisavó de Madeleine... Um parentesco relativamente próximo... Essa mulher, por volta dos 13 ou 14 anos, não sei explicar muito bem como, ficou doente; tinha convulsões estranhas e as pessoas que cuidavam dela ouviam ruídos incompreensíveis em seu quarto...

– Batidas nas paredes?

– Sim.

– Barulhos de móveis arrastados?

– Sim.

– Entendo – disse Flavières. – São fenômenos frequentemente constatados ao redor de uma garota dessa idade. Que, aliás, ninguém sabe explicar... Em geral, duram pouco.

– Não sou muito entendido nessas questões – prosseguiu Gévigne. – O que é certo é que Pauline Lagerlac ficou meio perturbada. Quis se tornar freira, mas acabou desistindo. Então se casou e, alguns meses depois, se suicidou.

– Que idade ela tinha?

Gévigne tirou o lenço e limpou os lábios.

– Ela tinha 25 anos – murmurou. – A idade de Madeleine.

– Diabo!

Os dois ficaram em silêncio. Flavières refletia.

– Naturalmente, sua mulher conhece essa história? – perguntou.

– Não, e é isso o mais estranho... Soube desses detalhes pela minha sogra. Foi pouco tempo depois do casamento que ela me falou dessa Pauline Lagerlac... Na hora, não dei muita atenção a esse papo. Se eu soubesse!... Agora, minha sogra está morta e ninguém mais pode me informar.

– Teve a impressão de que ela lhe fez essas confidências com uma intenção determinada?

– Não. Quer dizer, acho que não. Pareceu vir ao acaso, no embalo de uma conversa. Mas lembro muito bem que ela me fez jurar que não repetiria aquilo para Madeleine. Ela não gostava muito da ideia de ter tido uma avó meio louca. Preferia que sua filha não soubesse disso...

– E essa tal de Pauline Lagerlac, ao menos se suicidou por um motivo preciso?

– Não, parece que não. Ela estava feliz; tinha um filhinho de alguns meses, e todos acreditavam que a maternidade acabaria de restabelecer seu equilíbrio. Então, de repente, um dia...

– Continuo sem entender que relação isso tem com sua mulher – observou Flavières.

– A relação?... – repetiu Gévigne com uma expressão aflita. – Logo vai entender. Com a morte dos seus pais, Madeleine herdou, naturalmente, certo número de bibelôs e joias que vêm de sua bisavó; especialmente um colar de âmbar... Pois bem, ela não para de olhá-los e tocá-los... com uma espécie de... como dizer?... uma espécie de nostalgia. Temos lá em casa um autorretrato de Pauline Lagerlac, pois ela também era pintora! Madeleine é capaz de ficar horas contemplando esse quadro, como se estivesse fascinada. E o que é pior: esses dias, eu a surpreendi na sala: ela tinha posto o quadro sobre a mesa, ao lado de

um espelho. Tinha posto o colar de âmbar no pescoço e estava tentando se pentear como a mulher no retrato... Aliás, agora ela só usa esse penteado – concluiu Gévigne visivelmente contrariado: – um pesado coque sobre a nuca.

– E ela se parece com Pauline?

– Talvez... muito vagamente.

– Pergunto mais uma vez: o que você teme exatamente?

Gévigne suspirou, pegou de volta seu charuto e o examinou distraidamente.

– Nem ouso lhe confessar tudo o que passa pela minha cabeça... O que é certo é que Madeleine não é mais a mesma. Pior! Chego a pensar que a mulher que vive comigo não é Madeleine.

Flavières levantou e se forçou a rir.

– Calma lá! E quem você quer que seja?... Pauline Lagerlac?... Você é que está delirando, meu pobre amigo Paul... O que posso lhe oferecer? Porto? Cinzano? Cap Corse?

– Um porto.

Flavières foi até a copa preparar uma bandeja com a bebida. Gévigne gritou:

– E você? Sequer lhe perguntei: não se casou?

– Não – respondeu a voz abafada de Flavières. – E nem pretendo fazê-lo.

– Soube por acaso que você tinha deixado a polícia – continuou Gévigne.

Fez-se um momento de silêncio.

– Quer uma ajudinha aí?

Gévigne levantou por sua vez e avançou até a porta aberta. Flavières estava tirando a rolha de uma garrafa. Gévigne encostou o ombro na forra da porta.

– Bacana a sua casa... Desculpe-me por incomodá-lo com minhas histórias. Estou muito contente em vê-lo de novo. Deveria ter telefonado para avisar que vinha, mas ando tão ocupado com os negócios...

Flavières voltou a se erguer e desatarraxou calmamente a rolha. O momento difícil já tinha passado.

– Você falou em construções navais, é isso? – retomou enchendo os copos.

– Sim. Nesse momento, estamos fabricando cascos de torpedeiros. Uma encomenda enorme. Parece que o pessoal do Ministério está com medo de um golpe duro.

– Caramba! Mais cedo ou mais tarde será preciso sair dessa guerra enrustida. Já estamos quase em maio... À sua saúde, Paul.

– À sua, Roger.

Beberam, olhos nos olhos. De pé, Gévigne era baixinho e quadrado. Estava diante da janela, e a luz desenhava seu rosto romano, de orelhas carnudas e testa

cheia de nobreza. No entanto, Gévigne não era nenhuma águia. Bastou um pouco de sangue provençal para esculpir aquele perfil enganador de procônsul. Depois da guerra, aquele desgraçado estaria milionário... Flavières culpou-se por esse pensamento...Ele próprio não estava tirando proveito da ausência dos outros? Era verdade, tinha sido reformado, mas talvez isso não fosse desculpa. Pôs o copo de volta na bandeja.

– Já vi que não vou conseguir tirar essa história da cabeça... Sua mulher tem alguma pessoa próxima no *front?*

– Alguns primos distantes com que não temos o menor contato. Não, ninguém próximo de verdade.

– Como você a conheceu?

– De uma maneira bastante romanesca.

Gévigne olhava para o copo, procurando as palavras. Sempre aquele temor de parecer ridículo que o paralisava na faculdade e o fazia ir mal em seus exames orais. Finalmente prosseguiu.

– Encontrei-a em Roma, durante uma viagem de negócios. Estávamos no mesmo hotel.

– Qual?

– O Continental.

– O que ela estava fazendo em Roma?

– Estudando pintura. Ela pinta muito bem, ao que parece. Eu, você sabe, a pintura...

– Ela queria se tornar professora, dar aulas de pintura?

– Que nada!... Era só por prazer. Ela nunca precisou ganhar a vida. Imagine só que, aos 18 anos, já tinha seu próprio carro. Seu pai era um grande industrial...

Gévigne deu meia-volta e retornou ao escritório. Flavières notou seu passo leve e seguro. Antigamente, ele tinha um jeito de andar meio sincopado, como se o seu corpo inteiro gaguejasse. A fortuna de sua mulher o transformou.

– Ela continua a pintar?

– Não. Pouco a pouco foi parando... Por falta de tempo. Sabe, uma parisiense vive sempre tão ocupada!

– Mas... as perturbações de que está falando... devem ter uma causa. Não houve, no início, um incidente preciso? Uma briga, talvez? Uma má notícia? Você deve ter procurado uma causa...

– Pode crer que sim! Mas não encontrei nada... Vivo em Le Havre uma parte da semana, não deve perder isso de vista.

– Essas distrações ou ausências, como preferir, começaram enquanto você estava fora?

– Não. Eu estava aqui. Tinha acabado de voltar. Era um sábado. Madeleine estava alegre, como de costume. Foi naquela noite que ela me pareceu estranha pela primeira vez. Mas, na hora, não dei importância. Eu também estava bastante cansado.

– E antes?

– Antes?... Ela tinha às vezes alguns acessos de mau humor, só isso.

– E tem certeza de que não aconteceu nada de anormal naquele sábado?

– Absoluta. Por uma razão bem simples: passamos o dia todo juntos. Cheguei de manhã, pelas 10 horas. Madeleine tinha acabado de levantar. Conversamos... não me pergunte exatamente sobre o quê... esqueci os detalhes, evidentemente... Por que teria prestado atenção? Sei que almoçamos em casa.

– Onde vocês moram?

– O quê?... Ah! É verdade, nunca cheguei a mencionar... Comprei uma casa na Avenida Kléber, pertinho da Praça da Étoile... Tome meu cartão.

– Obrigado.

– Depois do almoço, saímos... Lembro que eu tinha que ver alguém, no Ministério... Então passeamos perto da Opéra... E foi isso. Uma tarde como as outras.

– E a crise?

– Ocorreu no final do jantar.

– Quando foi isso exatamente?

– Exatamente?...

Gévigne pegou a agenda do advogado e começou a folheá-la.

– Lembro que foi no fim de fevereiro... Por causa do encontro de que falei... Deve ter sido no dia 26, já que é um sábado.

Flavières se sentou no braço de uma poltrona, perto de Gévigne.

– Por que veio me ver?

Gévigne novamente apertou uma mão na outra. Tinha se libertado de quase todos os seus tiques, menos aquele. Agarrava-se a si mesmo quando estava embaraçado.

– Você sempre foi meu amigo... – murmurou – e lembro que era bastante curioso em relação a psicologia, esoterismo... Não ia querer que eu fosse falar com a polícia, né?

Percebeu a leve crispação nos lábios de Flavières e acrescentou:

– Foi justamente porque saiu da polícia que vim vê-lo.

– Sim – disse Flavières acariciando o couro da poltrona –, saí da polícia.

Levantou bruscamente a cabeça.

– Sabe por quê?

– Não, mas...

– Vai acabar sabendo. Essas coisas sempre se espalham...

Gostaria de sorrir, mostrar-se mestre de si mesmo, mas o rancor já começava a endurecer sua voz.

– Sofri um golpe duro... Mais um pouco de porto?

– Não, obrigado.

Flavières se serviu e continuou segurando o copo.

– Aconteceu-me uma coisa idiota... Eu era inspetor. Agora posso dizer: não gostava daquele emprego. Se meu pai não tivesse me obrigado!... Mas ele tinha se tornado um alto comissário e achava que não podia existir outra carreira. Eu devia ter recusado. Ninguém tem o direito de forçar um rapaz a... Em suma, um dia, estava perseguindo um sujeito. Não que fosse muito perigoso, mas teve a ideia de fugir para cima de um telhado... Eu estava com um colega muito gentil, chamado Leriche...

Esvaziou o copo, e lágrimas queimaram seus olhos; tossiu e deu de ombros para zombar da própria comoção.

– Está vendo – disse, tentando brincar –, assim que essa história volta à tona eu perco as estribeiras... O telhado era inclinado. Dava para ouvir os carros lá embaixo. O sujeito estava atrás de uma chaminé, sem arma. Era só agarrá-lo... Não consegui descer até ele.

– Vertigem! – exclamou Gévigne. – Sim, agora lembro... Você já tinha isso antigamente.

– Leriche desceu em meu lugar... e caiu.

– Essa não! – disse Gévigne.

Baixou os olhos e Flavières permaneceu inclinado para ele, sem saber o que o amigo estava pensando. Então continuou em voz baixa:

– De qualquer jeito, era melhor você saber.

– Os nervos podem fraquejar – disse Gévigne.

– Naturalmente – disse Flavières com amargor.

Ficaram novamente em silêncio por algum tempo. Gévigne por fim ergueu os braços num gesto vago.

– É uma história triste, mas você não teve culpa.

Flavières abriu a cigarreira.

– Sirva-se, meu velho.

Continuava a ter aquele sentimento de estupor incrédulo quando contava sua história. Ninguém o levava a sério. Como fazer as pessoas ouvirem o grito de Leriche, um grito que durava, que durava... e que passava do agudo ao grave por causa da pavorosa velocidade da queda. A mulher de Gévigne talvez tivesse um tormento secreto, mas que tormento podia ser comparável àquela lembrança? Será que ela também ouvia alguém gritar, até em seu sono? Teria também deixado alguém morrer em seu lugar?

– Posso contar com você? – perguntou Gévigne.

– O que quer exatamente que eu faça?

– Quero que você a vigie. E, sobretudo, que me dê sua opinião. Já é por si só um alívio muito grande para mim poder falar dela com alguém. Você aceita, não?

– Se isso o tranquiliza!

– Ah! Meu bom Roger, não imagina a que ponto! Está livre esta noite?

– Não.

– Pena! Poderia jantar lá em casa. Algum outro dia?

– Não. É melhor ela não me conhecer; facilitará minha tarefa.

– Tem razão – admitiu Gévigne. – Contudo, é preciso que de alguma maneira você a encontre.

– Leve-a ao teatro. Assim poderei observá-la sem risco.

– Amanhã iremos ao Marigny. Temos um camarote.

– Estarei lá.

Gévigne pegou as mãos de Flavières.

– Obrigado... Está vendo como eu tinha razão? Você sabe como lidar com essas coisas. Eu nunca teria pensado no teatro...

Mexeu no bolso interno de seu paletó, hesitou.

– Não se zangue, meu velho... Mas precisamos acertar uma questão, se é que me entende... Está sendo muito gentil por aceitar cuidar de Madeleine...

– Deixe disso – disse Flavières. – Temos todo o tempo do mundo.

– Tem certeza?

Flavières lhe deu um tapinha no ombro.

– É o caso que me interessa, não o dinheiro. Tenho a impressão de que ela se parece comigo e de que... sim... de que talvez eu tenha alguma chance de adivinhar o que está dissimulando.

– Mas lhe garanto que ela não está escondendo nada.

– É o que veremos.

Gévigne pegou seu chapéu e suas luvas.

– Seu escritório tem andado bem?

– Não posso me queixar – respondeu Flavières.

– Se eu puder ser útil, sabe... Será um prazer. Estou bem situado, sobretudo neste momento.

“Na retaguarda, como um parasita”, pensou Flavières. Aquilo lhe veio à mente tão rápido que ele virou o rosto para evitar o olhar de Gévigne.

– Por aqui... – disse – o elevador está em manutenção.

Saíram para o patamar estreito. Gévigne se aproximou de Flavières.

– Aja da maneira que achar melhor – sussurrou. – Assim que tiver algo para me contar, ligue para o meu escritório ou, ainda melhor, vá lá me ver. Nossa sede fica no prédio ao lado do *Figaro*... Tudo que lhe peço é que Madeleine não desconfie de nada... Deus sabe como reagiria se percebesse que está sendo seguida!

– Conte comigo.

– Obrigado.

Gévigne desceu. Virou-se duas vezes para acenar com a mão. Flavières voltou para dentro e se debruçou na janela. Viu um enorme carro preto se desencostando do meio-fio e deslizando para o cruzamento... Madeleine!... Gostava daquele nome um pouco dolente. Como ela tinha podido casar com aquele gordo? Na certa devia traí-lo. Devia estar representando uma comédia. Gévigne merecia ser enganado. Por seus ares de ricaço, seus charutos, seus barcos, seus conselhos administrativos, tudo! Flavières detestava as pessoas demasiado seguras de si mesmas. No entanto, daria tudo para possuir justamente um pouco daquela segurança.

Fechou a janela com um gesto brusco. Então foi para a cozinha, tentando se convencer de que estava com vontade de comer. Mas o quê? Passou em revista as latas de conserva que tinha guardado no armário. Ele também tinha acumulado provisões, por mais que achasse isso idiota, já que, segundo todas as probabilidades, a guerra seria curta. Tantos víveres, de repente, davam-lhe náusea. Pegou alguns biscoitos, uma garrafa de vinho branco começada, quase se sentou, achou a cozinha feia e voltou para o escritório mordiscando um biscoito. Ligou o rádio. Já sabia o que iam dizer: “Atividade de patrulhas. Tiros de artilharia dos dois lados do Reno”. Mas pelo menos a voz do locutor seria algo vivo. Sentou-se, bebeu um pouco de vinho. Não tinha dado certo na polícia. Era inapto ao serviço... Para que podia prestar? Abriu uma gaveta, escolheu uma pasta verde e escreveu no canto superior direito: *Caso Gévigne.* Depois colocou várias folhas brancas na pasta e permaneceu imóvel, de olhos vazios...

II

“Devo parecer um idiota”, pensava Flavières. Fingia brincar distraidamente com seu pequeno binóculo de nácar e tentava fazer cara de alguém importante e *blasé*, mas não conseguia se decidir a levá-lo aos olhos para observar Madeleine. Havia muitos uniformes ao seu redor. As mulheres que acompanhavam os oficiais tinham todas uma mesma expressão de satisfação orgulhosa, e Flavières as odiava e se punha a detestar em bloco o exército, a guerra e aquele teatro luxuoso demais, cheio de um rumor marcial e frívolo. Quando virava a cabeça, percebia Gévigne, com as mãos cruzadas sobre o parapeito do camarote. Madeleine se mantinha um pouco recuada, com a cabeça graciosamente inclinada; parecia castanha e magra, mas Flavières não distinguia bem seus traços. Tinha a impressão de que era bonita, um pouco franzina, talvez por causa de sua cabeleira pesada demais. Como o gordo Gévigne podia ter conquistado uma mulher tão elegante? Como ela tinha podido ceder a seu assédio? A cortina tinha se erguido, mas o espetáculo não interessava Flavières. Fechou os olhos; pensava no tempo em que ele e Gévigne dividiam o mesmo quarto, por economia. Eram ambos extremamente tímidos, e os outros estudantes zombavam deles, provocavam-nos de propósito. Havia rapazes que ficavam com todas as mulheres que queriam. Sobretudo um. Os outros o chamavam de Marco. Não era nem muito inteligente nem muito bonito. Flavières um dia lhe perguntou como fazia. Marco sorriu e respondeu:

“Fale com elas como se já tivesse transado com elas... É o único jeito!”

Flavières nunca tinha ousado tentar aquilo. Não sabia ser insolente. Não conseguia nem deixar de ser formal. Seus colegas, quando era um jovem inspetor, riam dele, consideravam-no um sujeito meio sonso. Temiam-no um pouco. Em que momento Gévigne teria ousado? Com que mulher? Talvez com Madeleine. Flavières a chamava de Madeleine como se ela fosse uma aliada, como se Gévigne fosse seu inimigo comum. Tentava imaginar a sala de jantar do Continental. Via-se jantando com Madeleine pela primeira vez, fazendo sinal para o *maître*, escolhendo vinhos. Não, impossível! O *maître* teria olhado para ele de um certo jeito... E depois... a imensa sala de jantar para atravessar... e,

mais tarde, o quarto... Madeleine se despindo... afinal, ela era sua mulher!... Flavières voltou a abrir os olhos, ficou agitado, quis sair dali na mesma hora. Mas estava no meio de uma fileira, e seria preciso muito topete para incomodar tantos espectadores! Ouviu risadas a seu redor, um pequeno foco de aplausos se espalhou rapidamente e incendiou a sala, ardeu por um minuto e se extinguiu. Os atores estavam falando de amor, evidentemente. Ser ator! Flavières teve um arrepio de asco. Envergonhadamente, com o rabo do olho, procurou Madeleine. Na penumbra dourada, ela se destacava à maneira de um retrato. Joias cintilavam sobre ela, em seu pescoço, em suas orelhas. Seus olhos também pareciam luminosos. Ela escutava, com o rosto inclinado, imóvel como aquelas desconhecidas que admiramos de passagem, nos museus, a *Gioconda*, *La Belle Ferronière*... Trazia na nuca um coque severo, que emitia reflexos acaju. Sra. Gévigne...

Flavières quase pôs o binóculo nos olhos, mas seu vizinho se remexeu parecendo incomodado; Flavières baixou a cabeça e guardou o binóculo no bolso com gestos miúdos. Estava decidido, partiria no entreato. Sabia agora que poderia reconhecê-la em qualquer lugar. Sentia-se perturbado com o pensamento de que a seguiria e a observaria viver. Gévigne tinha lhe pedido algo equívoco. Se Madeleine ficasse sabendo que... Afinal, ela tinha todo o direito de ter um amante! Mas ele já sabia a que ponto sofreria se descobrisse que era infiel. Mais aplausos; a sala murmurou confusamente sua aprovação à peça. Deu mais uma olhada. Madeleine se mantinha na mesma pose. Os brilhantes de suas orelhas lançavam o mesmo fogo fixo. No canto de seus olhos, havia uma pequena cintilação de luz viva, sua mão longa e branca repousava sobre o veludo escuro. O camarote desenhava ao redor dela uma moldura de ouro pálido. Faltava apenas uma assinatura no cantinho do quadro, e Flavières acreditou vê-la, por um segundo, em letrinhas vermelhas: R. F.... Roger Flavières... Quanta idiotice! Era só o que faltava, ele dar crédito às palavras de Gévigne... Deixar-se levar por sua imaginação... Ficou parado por um instante. Talvez devesse ter sido romancista, por causa daquele mundo de imagens que surgiam nele, de repente, com o relevo, a intensidade dramática da vida. O teto, por exemplo... Sua curvatura, seu reflexo luzidio, o vermelho desbotado das chaminés, as fumaças todas inclinadas na mesma direção e o rugir da rua, como o eco de uma cascata no fundo de uma garganta. Apertou uma mão na outra como Gévigne tinha feito. Se tinha escolhido o ofício de advogado era para conhecer os segredos que impedem de viver. Mesmo Gévigne, com suas fábricas, seus amigos, sua fortuna, não podia mais viver. Todas as pessoas que fingiam, como aquele Marco, ignorar

os obstáculos mentiam. Quem sabe se o próprio Marco não estaria agora em busca de um confidente? Um homem no palco beijava uma mulher. Mentira! Gévigne também beijava Madeleine, e no entanto Madeleine lhe era estranha. A verdade é que eram todos como ele, Flavières, tropeçando na beira de um abismo de vazio. Riam, transavam, mas tinham medo. O que seria deles sem os padres, os médicos e os homens da lei?

A cortina desceu, voltou a se erguer. O lustre derramou uma claridade dura que tornou cinzentos todos os rostos. Todos se levantavam para aplaudir à vontade. Madeleine se abanava lentamente com sua programação, enquanto seu marido lhe falava ao ouvido – mais uma imagem conhecida: a mulher com o leque... ou talvez a imagem de Pauline Lagerlac. Decididamente, melhor ir embora. Flavières seguiu a multidão que se espalhava pelos corredores. Por um instante, foi detido por grupos parados diante da chapelaria. Quando conseguiu se desvencilhar, praticamente esbarrou com Gévigne e sua mulher. Passou rente a Madeleine, mas só a reconheceu depois de ter passado. Quis dar meia-volta, mas os jovens oficiais que se precipitavam em direção ao bar o empurraram para frente. Desceu alguns degraus e, bruscamente, renunciou. Dane-se, precisava ficar sozinho.

Adorava aquelas noites de guerra, a longa avenida deserta pela qual deslizava um vento muito suave que tinha atravessado os gramados e cheirava a magnólia. Caminhava sem ruído, como um fugitivo. Reencontrava sem dificuldade, em sua memória, o rosto de Madeleine, seus cabelos negros, com um leve toque de hena; demorava-se nos olhos muito azuis, tão claros que não pareciam viver, que decerto não poderiam expressar nenhuma paixão. A face se escavava um pouco sob as maçãs do rosto salientes, abrigava uma lânguida sombra. A boca era fina, levemente pintada, uma boca de mocinha sonhadora. Madeleine, sim, era um nome sob medida para ela. Mas Gévigne... Ela a quem cairia tão bem um sobrenome daqueles começados com *de*, fúteis e elegantes. Só podia ser infeliz, por Deus! Gévigne tecera toda uma novela ridícula sem se tocar de que sua mulher morria de tédio junto a ele. Ela era preciosa demais, delicada demais para se resignar a uma existência de luxo espalhafatoso. Já não tinha até perdido o gosto por pintar? Não se tratava mais de a vigiar, mas sim de a proteger, talvez mesmo ajudá-la.

“Estou saindo dos trilhos”, pensou Flavières. “Mais algumas horas e estarei apaixonado. O que a Sra. Gévigne precisa é de um fortificante, só isso!”

Apressou o passo, descontente, vagamente humilhado. Quando chegou em casa estava decidido a avisar Gévigne que um negócio imprevisto exigia sua

presença fora de Paris. Por que iria sacrificar sua tranquilidade a um homem que, no fundo, não estava nem aí para ele? Afinal, Gévigne bem que podia ter dado sinal de vida mais cedo. Para o diabo o casal Gévigne!

Preparou um chá de camomila. “O que ela pensaria de mim se me visse? Um solteirão recozido em suas manias e em sua solidão!” Dormiu mal. Quando acordou, lembrou que devia seguir Madeleine e sentiu vergonha de sua alegria, mas ela estava ali, humilde, obstinada, como um cachorro perdido que não ousamos mais expulsar. Ligou o rádio. Mais tiros de artilharia e atividades de patrulha! Nada que impedisse de estar feliz. Expediu alguns negócios assobiando, almoçou num restaurantezinho de que era freguês. Sequer se constrangia mais em andar por aí em trajes civis, em sentir sobre si olhares suspeitosos ou hostis. Afinal, não era culpa sua se o tinham reformado. Nem esperou até as duas para ir à Avenida Kléber. O tempo estava bom, depois de uma semana nublada. Quase ninguém na rua. Flavières logo notou o vistoso carro preto, um Talbot, parado diante de uma casa luxuosa, e passou por ele como quem não quer nada. Era ali. Madeleine morava ali... Tirou um jornal do bolso, andou lentamente, margeando as fachadas mornas. De tempos em tempos percorria um artigo com os olhos... um avião de reconhecimento abatido na Alsácia... reforços enviados a Narvik... O que ele podia fazer? Estava de férias, tinha um encontro marcado com Madeleine; aquela hora lhe pertencia inteiramente. Voltou sobre seus passos, notou um pequeno café com três mesas na calçada entre dois amieiros.

– Um café.

Dali via toda a mansão, as janelas altas ornamentadas à moda de 1900, uma sacada cheia de vasos de flores enfileirados. Mais acima, as mansardas e o céu de um azul um pouco enferrujado. Seus olhos voltaram a descer; o Talbot estava dando a partida em direção à Praça da Étoile: Gévigne. Madeleine não tardaria.

Bebeu de um gole o café quente, sorriu para si mesmo. Nenhuma razão para que ela saísse... Mas sim! Ela sairia! Por causa de todo aquele sol, daquela festa silenciosa das folhagens, daquelas sementes aveludadas que vagavam pelo espaço... Ela sairia porque ele a esperava.

E, de repente, ela apareceu na calçada. Flavières abandonou seu jornal e atravessou a avenida. Ela vestia um *tailleur* cinza, bem apertado na cintura, e levava debaixo do braço uma bolsa preta. Olhou à sua volta terminando de calçar uma luva. Um lenço rendado tremulava em seu pescoço. Sua testa e seus olhos se esquivavam sob um curto véu que a protegia graciosamente, e ele pensou: a mulher com a máscara de lobo, de Alexis Grimou. Ele adoraria pintar aquela

fina silhueta que o sol recortava com um traço brilhante sobre um fundo pálido de casas rococó. Também tinha manejado o pincel, outrora. Sem grande sucesso. Tocava piano o suficiente para invejar os virtuoses. Era daqueles que odeiam a mediocridade, mas não conseguem superá-la. Tantos pequenos talentos... Tantos lamentos! Porém, Madeleine estava ali agora...

Ela subiu a avenida até a Praça do Trocadéro, avançou para a esplanada cuja brancura fulgurante fazia os olhos piscarem. Paris nunca tinha se parecido tanto com um parque. A Torre Eiffel, azul e avermelhada, erguia-se sobre os gramados como um totem familiar. Os jardins se inclinavam para o Sena, rodeando lances de escada semelhantes a imóveis cascatas cobertas de flores. Um rebocador soltou um grito rouco, logo abafado pelos arcos das pontes. A atmosfera parecia suspensa entre a paz e a guerra, carregada de uma emoção fácil e, contudo, pungente. Seria por isso que Madeleine caminhava tão lentamente? Tinha a impressão de que ela hesitava, perguntava-se; parou diante da entrada do museu, depois voltou a andar, como se arrastada por uma corrente invisível. Atravessou a rua, vagou por um momento entre os transeuntes no limiar da Avenida Henri-Martin. Finalmente, decidiu-se e entrou no cemitério de Passy.

Percorria os túmulos lentamente, e Flavières poderia jurar que ela simplesmente continuava seu passeio. Logo deixou o corredor central e sua fileira solene de cruzes, mármores e bronzes. Seguia os caminhos mais retirados e olhava distraidamente, à direita e à esquerda, as lápides com suas inscrições escurecidas, as cercas roídas pela ferrugem, e, aqui e ali, o esplendor de um buquê. Pardais saltitavam à sua frente. Os barulhos da cidade pareciam vir de muito longe, era como se eles estivessem num país estranho, à margem da vida, como se, bruscamente, tivessem mudado de existência. Não se via mais ninguém. Mas cada cruz era uma presença; cada epitáfio sugeria um rosto. Madeleine prosseguia lentamente em meio àquela multidão petrificada, sua sombra se alongava entre as sombras dos túmulos e passava, em fragmentos, sobre os degraus das capelas, no fundo das quais velavam anjinhos mutilados. Às vezes, ficava imóvel, pelo tempo de ler algum nome meio apagado: Família Mercier... Alphonse Mercadier. Ele foi bom pai e bom esposo. Havia pedras que penetravam de través no chão, como cascos naufragados. Lagartos se agarravam a elas, com a garganta pulsante, suas cabeças de serpente erguidas para o sol. Madeleine parecia se comprazer naquelas partes secretas onde as famílias nunca mais vinham. Continuou seu caminho que pouco a pouco a levou de volta ao centro do cemitério. Abaixou-se, apanhou uma tulipa vermelha caída de algum canteiro e, sempre sem pressa, aproximou-se de um túmulo e se deteve.

Flavières, escondido atrás de uma capela, podia observá-la à vontade. O rosto dela não manifestava nem exaltação nem desvario. Tinha, pelo contrário, uma expressão serena, tranquila, feliz. No que estaria pensando? Seus braços pendiam. Seus dedos continuavam a segurar a tulipa. Mais uma vez, ela se assemelhava a um retrato, a uma dessas mulheres que o gênio de um artista imortalizou. Completamente recolhida em si mesma, absorvida numa contemplação interior. A palavra êxtase veio à mente de Flavières. Seria a espécie de crise mencionada por Gévigne? Madeleine estaria tomada por um delírio místico? Mas o delírio místico costuma ser acompanhado de sintomas muito particulares que não deixam dúvidas. Ela devia estar simplesmente orando por algum defunto, algum parente falecido havia pouco tempo. Porém, o túmulo parecia antigo, abandonado...

Flavières olhou para o relógio. Madeleine tinha ficado 12 minutos diante do túmulo. Agora, estava voltando para o corredor central, examinando as sepulturas com o mesmo interesse um pouco *blasé*, como se, em matéria de arquitetura funerária, não tivesse nada a aprender. De passagem, Flavières leu a inscrição do túmulo tão longamente contemplado por Madeleine:

Pauline Lagerlac
1840-1865

Já esperava encontrar aquele nome sobre a lápide, mas nem por isso deixou de ficar profundamente perturbado. Voltou a segui-la. Gévigne tinha razão: havia algo de incompreensível no comportamento de Madeleine. Revia-a diante do túmulo. Sequer tinha juntado as mãos ou curvado a cabeça. Permanecera imóvel como alguém num lugar repleto de recordações; diante da casa onde cresceu, por exemplo. Afastou aquela ideia absurda que o enchia de um temor vago e chegou mais perto de Madeleine. Ela continuava com a tulipa na mão. Descia agora em direção ao Sena, com os ombros um pouco curvados, numa postura de cansaço.

Chegaram ao cais. Ela vagou um pouco, olhando para a água crivada de pontos de luz. Homens passavam, de chapéu na mão, enxugando a testa; fazia calor. A água estava muito azul sobre as pedras. Mendigos dormiam nas margens do rio e os primeiros andorinhões se esgoelavam em volta das pontes. Em seu *tailleur* cinza apertado, sobre seus saltos altos, ela parecia alheia à festa, como uma viajante que aguarda seu trem. E, volta e meia, fazia girar entre seus dedos o talo da tulipa. Atravessou o Sena, debruçou-se sobre o parapeito, com a flor encostada em seu rosto. Teria marcado encontro com alguém?... Ou estava

apenas repousando?... Talvez estivesse embalando seu tédio seguindo com os olhos os jogos da correnteza ao redor dos barcos e as fascinantes ondulações dos reflexos... Debruçou-se um pouco mais. Devia estar se vendo na água, muito longe, com todo o céu à sua volta e a longa linha curva da ponte. Flavières se aproximou. Não saberia dizer por quê. Madeleine não se mexia mais. Tinha largado a tulipa. A minúscula mancha vermelha se afastava lentamente, girando sobre si mesma, balançada pelas ondulações. Contornou o flanco de uma barcaça, avançou para o meio do rio. Flavières, de repente, também se interessava pela navegante à deriva. Já não era mais que um ponto escarlate, e ele não conseguia se resolver a olhar para outra coisa. Flutuava agora mais rápido, perdida no vasto rio; desapareceu. Na certa afundara. Madeleine, com as mãos pendendo como cachos de uvas dos pulsos, continuava a perscrutar a superfície das águas brilhantes. Flavières teve a impressão de que sorria. Então ela se reergueu. Voltou para a *rive droite* – a porção da cidade ao norte do rio – por outra ponte. Estava voltando para casa, sempre com a mesma indolência, a mesma indiferença ao espetáculo da rua. Às quatro e meia transpôs a soleira da mansão, e Flavières se sentiu desamparado, inútil e cheio de aversão. O que ia fazer aquela noite? Tê-la seguido lhe deixava um mal-estar, fazia sua solidão ainda mais insuportável. Entrou no pequeno café e ligou para Gévigne.

– Alô, Paul?... Aqui é o Roger... Posso passar aí rapidinho?... Não, nada de errado... Apenas algumas perguntas que quero fazer... Ok, estou indo para aí.

Gévigne tinha falado de seu escritório com uma indiferença de grande senhor. Na realidade, ele ocupava um andar inteiro do prédio.

– Por favor, aguarde um momento. O senhor diretor está numa reunião.

A secretária conduziu Flavières a uma sala mobiliada com bancos maciços. “Será que ele está tentando me intimidar?”, perguntou-se. Mas não. Logo percebeu Gévigne despedindo-se dos visitantes.

– Fico muito contente em ver você – disse Gévigne. – Desculpe, hoje estamos com a agenda cheia.

O escritório era amplo, claro, equipado à americana: mesa e arquivos metálicos, poltronas de tubo de aço, cinzeiros com pés niquelados. Na parede, um imenso mapa da Europa com um fio vermelho preso por alfinetes marcando a linha de fogo.

– Então?... Você a viu?

Flavières sentou, acendeu um cigarro.

– Sim.

– O que ela fez?

– Foi ao cemitério de Passy.

– O quê? No túmulo de...

– Sim.

– Está vendo? – disse Gévigne. – Está vendo só?!

No canto da escrivaninha, perto do telefone, uma foto de Madeleine. Flavières não conseguia mais tirar os olhos dela.

– O túmulo tem uma única inscrição, mas imagino que os pais de sua mulher também estejam ali, não?

– Não! Eles estão enterrados na região de Ardennes. E o jazigo da minha família fica em Saint-Ouen... Só Pauline Lagerlac está no cemitério de Passy. E é isso que me apavora!... Enfim, você saberia me explicar o porquê dessa visita, dessa peregrinação?... E pode ter certeza de que não é a primeira vez que ela vai lá.

– De fato, ela não pediu informação a nenhum funcionário. Sabia onde o túmulo estava.

– Com mil diabos!... É como se estivesse enfeitiçada por essa Pauline.

Gévigne andava atrás da escrivaninha, com as mãos nos bolsos. Seu pescoço formava uma dobra sobre o colarinho. O telefone tocou e ele atendeu com um gesto brusco, então, tapando o auscultador com a palma da mão, murmurou:

– Ela imagina ser Pauline. Você entende minha preocupação?

Uma voz abafada ronronava em sua mão. Levou o telefone ao ouvido e bradou:

– Alô, é Gévigne que está falando... Ah! É você, meu caro!

Flavières contemplava Madeleine, seu rosto de estátua que os olhos mal conseguiam animar. Gévigne ditava suas ordens, com sobrancelhas franzidas, até que desligou o aparelho. Flavières se arrependeu de ter ido até ali. Sentiu de repente que o mistério fazia parte do próprio ser de Madeleine e que Gévigne o perturbaria. A mesma ideia extravagante voltou a atormentá-lo: e se a alma de Pauline...

– É uma encheção só – disse Gévigne. – Uma confusão dos diabos, meu velho! Não imagina. E é melhor nem imaginar. É desencorajador.

– Lagerlac é o nome de solteira de sua mulher? – perguntou Flavières.

– Não. Ela se chama Givors... Madeleine Givors. Perdeu os pais três anos atrás. Seu pai tinha uma fábrica de papel perto de Mézières. Um grande negócio!... Foi o avô que fundou... Ele era de lá.

– Mas... Pauline Lagerlac morava em Paris?

– Espere um pouco...

Gévigne tamborilava na mesa com seus dedos gorduchos.

– Tudo isso é tão vago... mas sim, minha sogra me mostrou um dia a casa de sua vó Pauline, um velho imóvel na Rua dos Saints-Pères, se não me falha a memória. Parece que havia uma loja no térreo, de antiguidades, acho... O que pensa de Madeleine agora que a viu?

Flavières deu de ombros.

– Por enquanto nada.

– Mas pensa como eu, que há alguma coisa?

– Acho que... sim... Sabe se ela renunciou completamente à pintura?

– Oh! Completamente... transformou em sala de visitas o ateliê que preparei para ela.

– Por que ela parou de pintar?

– Sei lá!... É tão volúvel... Além disso, a gente muda!

Flavières se levantou e estendeu a mão a Gévigne.

– Não quero atrapalhá-lo, meu velho. Vejo que está muito ocupado.

– Não importa – interrompeu-o Gévigne. – O que interessa é Madeleine. Responda francamente... Em sua opinião, ela está louca ou o quê?

– Louca, certamente não – opinou Flavières. – Diga-me, ela lê muito? Tem manias?

– Nada. Lê um pouco, como todo mundo, livros de sucesso, revistas... E nunca reparei em nenhuma mania.

– Vou continuar a observá-la – disse Flavières.

– Não parece entusiasmado.

– É que tenho a impressão de que estamos perdendo tempo.

Não podia confessar a Gévigne que estava decidido a seguir Madeleine por semanas, meses, que só poderia reencontrar a paz uma vez esclarecido o mistério.

– Por favor, continue – disse Gévigne. – Está vendo como eu vivo: o escritório, as viagens, nem um minuto de liberdade... Por favor, cuide dela. Ficarei muito mais tranquilo.

Acompanhou Flavières até o elevador.

– Telefone se descobrir algo novo.

– Prometo.

Flavières saiu e se viu cercado pela multidão das seis da tarde. Comprou um jornal da noite. Dois aviões abatidos na fronteira de Luxemburgo. O editorial demonstrava que os alemães estavam perdendo a guerra. Estavam bloqueados, condenados à imobilidade e à asfixia. O alto estado-maior tinha previsto tudo e

só esperava, para terminar com aquilo de uma vez, uma saída desesperada do inimigo.

Flavières bocejou e enfiou o jornal no bolso. Aquela guerra não mexia mais com ele. O que contava era Madeleine. Sentou do lado de fora de um café, pediu um refrigerante. Madeleine devaneando diante do túmulo de Pauline... a nostalgia do túmulo... Não. Não era possível! Mas e quem sabe o que é possível?

Flavières voltou para casa com enxaqueca. Folheou a enciclopédia na letra L. Evidentemente, não encontrou nada. Sabia de antemão que o nome de Lagerlac não estaria ali, mas não conseguiria dormir se não tivesse ao menos verificado, para o caso de... Para o caso de... Adivinhava que faria em breve muitas coisas absurdas “para o caso de...”. Assim que pensava nela, perdia o sangue-frio. A mulher com a tulipa! Tentou desenhar a silhueta debruçada sobre o rio. Então queimou a folha e engoliu dois comprimidos para dormir.

III

Madeleine contornou a Câmara dos deputados, diante da qual um sentinela, de baioneta armada, andava para lá e para cá. Como na véspera, saiu logo após a partida de Gévigne. Mas dessa vez estava caminhando rápido, e Flavières a seguia de perto, temendo um acidente, pois ela atravessava as ruas sem dar bola para os carros. Para onde corria daquele jeito? Tinha trocado o *tailleur* por um conjuntinho marrom um tanto banal e estava usando uma boina. Os sapatos baixos alteravam sua postura. Parecia ainda mais jovem, e um pouco masculina, com sua bolsa embaixo do braço. Pegou o Bulevar Saint-Germain, mantendo-se na sombra das altas fachadas. Estaria indo para o Jardim Luxemburgo? Ou para a sala de Geografia... Alguma sessão de ocultismo?... De repente, Flavières compreendeu. Por segurança, aproximou-se um pouco mais ainda. Sentia seu perfume, uma fragrância bastante complexa que recordava sobretudo um buquê murcho, uma terra argilosa... Onde ele já tinha respirado aquilo?... É claro, na véspera, entre os corredores desertos do cemitério de Passy... Gostava daquele cheiro; evocava a casa de sua avó, construída perto de Saumur, na encosta de um morro. As pessoas ao redor moravam nos rochedos. Subiam até suas casas por uma escada, como Robinson Crusoé. Chaminés despontavam, aqui e ali, das falésias. Sobre cada uma, a fumaça negra maculava a pedra branca. Ele vagava por lá, nas férias, espiava aquelas moradas estranhas onde luziam móveis. Casas? Pedreiras? Não se sabia ao certo. Uma vez, penetrou num desses nichos, abandonado pelo proprietário. Um pouco de luz incidia sobre os fundos da habitação. As paredes eram frias e ásperas como os flancos de uma vala, e o silêncio, apavorante. De noite, deviam-se escutar os passinhos das toupeiras, em plena terra, e, talvez, volta e meia, minhocas caíssem, retorcendo-se, do teto. Na parte de trás, uma porta esbandalhada se abria para um subterrâneo que exalava mofo. Para além dali ficava decerto o mundo proibido das galerias, dos corredores, das passagens multiplicadas ao infinito no coração do rochedo. O grande medo começava ali, nesse limiar marcado por cogumelos enormes. Por toda a parte a terra exalava, exalava... o perfume de Madeleine. E ali, naquele bulevar ensolarado onde as folhas novas se agitavam como sombras de mãos

esticadas, Flavières experimentava novamente a atração pelas trevas e descobria por que Madeleine o comovia tanto. Outras imagens despertavam nele, sobretudo uma. Aos 12 anos, tinha lido, à sombra daquela muralha de onde se percebia uma imensa sequência de prados, de vinhas e de nuvens, um livro inesquecível de Rudyard Kipling: *A luz que se apagou*... Na primeira página, havia uma gravura representando uma menina e um menino. Eles estavam debruçados sobre um revólver. E uma legenda absurda, que continuava tendo o dom de comovê-lo até as lágrimas, voltava à sua memória: "Era o Barralonga que fazia a rota até a África Austral"... A menina, vestida de preto, ele tinha certeza, agora se assemelhava a Madeleine; aquela menina em que ele pensava de noite, antes de dormir, e cujos passos ouvia às vezes em seu sono. Sim, tudo aquilo era ridículo, ao menos para um homem como Gévigne. Mas era verdadeiro também, de outro modo, em outro plano, verdadeiro à maneira de um sonho perdido, reencontrado e carregado de uma misteriosa evidência. Madeleine caminhava diante dele, toda esbelta, toda de marrom, tomada por suas sombras e cheirando a crisântemo. Entrou na Rua dos Saints-Pères, e Flavières sentiu uma espécie de satisfação amarga. Aquilo também não significava nada, e no entanto...

A casa mencionada por Gévigne estava ali. Só podia ser ela, já que Madeleine estava entrando, e havia, no térreo, um antiquário. Porém, Gévigne tinha se enganado num ponto: a casa era um hotel. Family-Hotel. Não mais do que uma vintena de quartos. Um desses pequenos estabelecimentos frequentados por provincianos maníacos, professores e magistrados. Na porta, um cartaz: *lotado*. Flavières entrou e uma velha senhora que estava tricotando na recepção à luz de um abajur ergueu os olhos por cima dos óculos.

– Não – murmurou Flavières –, não estou procurando um quarto... queria apenas saber como se chama a senhora que entrou agora há pouco.

– Quem é o senhor?

Flavières mostrou seu antigo distintivo de inspetor que ainda guardava consigo como, aliás, guardava tudo: os cachimbos velhos, as canetas que não usava mais, as contas vencidas... Sua carteira estava cheia de cartas amareladas, de recibos do correio e canhotos diversos, e ele ficou feliz por aquilo lhe ser útil uma vez na vida. A velha continuava a olhar atravessado para ele.

– Madeleine Gévigne – disse ela.

– Não é a primeira vez que a vê?

– Oh, não. Ela sempre vem aqui.

– Por acaso ela recebe alguém... em seu quarto?

– É uma mulher decente, se é isso que quer saber.

Com os olhos em seu tricô, ela sorria maliciosamente.

– Responda – insistiu Flavières. – Ela recebe alguém?... Uma amiga, por exemplo?

– Não, ela nunca recebeu ninguém.

– Então o que faz aqui?

– Não sei. Não fico vigiando meus hóspedes.

– Que quarto ela ocupa?

– O 19, no terceiro andar.

– É um quarto bonito?

– É um quarto razoável. Temos outros melhores, mas esse parece lhe bastar. Ofereci a ela o 12... Foi ela que insistiu em ficar com o 19. Queria de todo jeito o quarto do terceiro andar com vista para o pátio.

– Por quê?

– Ela não me disse. Talvez por causa do sol.

– Se entendi bem, ela o aluga.

– Sim, por mês. Ou antes, alugou-o por um mês.

– Quando?

A velha parou de mexer as agulhas e consultou uma agenda.

– Já faz mais de três semanas. No começo de abril.

– Ela costuma ficar muito tempo lá em cima?

– Depende, às vezes uma hora, às vezes menos.

– Nunca traz bagagens?

– Não... nunca.

– Vem todos os dias?

– Não, só a cada dois ou três dias.

– Nunca lhe pareceu que ela estivesse... estranha?

A velha ergueu os óculos até a testa e esfregou lentamente suas pálpebras enrugadas.

– Todo mundo é estranho... Se tivesse passado sua vida na recepção de um hotel, não faria essa pergunta.

– Telefonou alguma vez?

– Não.

– Esse hotel existe há muito tempo?

Os olhos encarquilhados voltaram a se abrir e observaram Flavières com uma expressão vingativa.

– Meio século.

– O que havia aqui antes?

– Uma casa como as outras, suponho.

– Ouviu falar de uma tal de Pauline Lagerlac?

– Não. Mas se esteve aqui posso procurar... nos livros de registro...

– Inútil.

Eles se olharam mais uma vez.

– Muito obrigado – disse Flavières.

– De nada – respondeu a velha.

Suas agulhas recomeçaram a cruzar seus reflexos. Ele permaneceu apoiado ao balcão, mexendo maquinalmente no isqueiro em seu bolso. “Perdi o jeito”, pensava, “não sei mais conduzir uma investigação...”. Tinha vontade de subir, meter o olho na fechadura do quarto, mas sabia de antemão que não veria nada. Cumprimentou a velha e saiu.

Por que o quarto do terceiro andar que dava para o pátio? Na certa aquele tinha sido o quarto de Pauline! Porém, Madeleine ignorava esse detalhe. Assim como ignorava o suicídio... Então? Que misterioso chamado a atraía para aquele hotel? Flavières enumerava possíveis explicações: sugestão, clarividência, perturbação da personalidade... mas não retinha nenhuma. Madeleine sempre fora normal, equilibrada. Além disso, especialistas a examinaram escrupulosamente... Não. Havia outra coisa.

Ele voltou sobre seus passos, quase correndo. Madeleine tinha saído do hotel e estava se dirigindo para o cais. Mal tinha ficado meia-hora no quarto. Sempre apressada, percorreu a estação de Orsay e fez sinal para um táxi. Flavières pulou para dentro de outro.

– Siga aquele Renault!

Deveria ter pego seu Simca. Madeleine quase lhe escapou... Se ela se virasse... Mas o trânsito era intenso, a Ponte da Concorde e os Champs-Élysées estavam atulhados como nas horas de maior *rush* antes da guerra. O táxi de Madeleine se dirigia para a Praça da Étoile. “Está simplesmente voltando para casa!” Havia uniformes em toda parte, limusines com estandartes, como se fosse o Dia da Bastilha. Aquilo acabava provocando uma pequena febre. No fundo, Flavières apreciava aquela sensação de vida palpitante e vagamente ameaçada. O Renault contornou o Arco do Triunfo e seguiu para o Portão de Maillot. A Avenida de Neuilly se estendia, reta, num polvilhamento de sol. Os carros eram menos numerosos e rodavam sem pressa, com os vidros e os tetos abertos.

– Dizem que vão racionar a gasolina, mesmo para os táxis – disse o motorista.

Flavières pensou que, graças a Gévigne, aquele problema não o afetaria. Zangou-se consigo mesmo por aquele pensamento, mas, afinal, o que eram dez litros a mais ou a menos em meio ao desperdício geral?

– Pare aqui – ordenou.

Madeleine desceu no final da Ponte de Neuilly. Flavières já tinha preparado notas e moedas para não perder o menor tempo. Ficou surpreso ao ver Madeleine andando indolentemente, com o mesmo passo da véspera. Margeava o Sena, sem destino, pelo prazer de caminhar. Não parecia haver ligação alguma entre o hotel da Rua dos Saints-Pères e aquele cais de Courbevoie. Então, por que esse passeio? Os cais eram tão mais bonitos dentro de Paris! Estaria fugindo da multidão? Precisaria, para pensar ou devanear, seguir o fluxo das águas lentas? Ele lembrava das pequenas ilhas do Loire, das línguas de areia que queimavam os pés, dos salgueirais onde as rãs emitiam seus entrecortados gemidos de alegria. Sentia que ela era semelhante a ele, e uma vontade louca de aumentar o passo e abordá-la o invadia. Não precisariam nem conversar. Andariam lado a lado vendo as barcaças deslizar. Pronto, já estava divagando de novo. Controlou-se, parou, e deixou que ela se afastasse um pouco. Chegou a pensar em voltar para casa. Mas o fato é que segui-la lhe dava uma sensação de embriaguez, algo estranho, que o obsedava. Continuou...

Montes de areia, montes de pedras, montes de areia... Aqui e ali, um pequeno cais rústico, um guindaste, vagonetes numa estradinha de ferro enferrujada. A ilha da Grande-Jatte, à frente, em meio à bruma. O que Madeleine vinha fazer naquela periferia sem graça? Até onde o arrastaria? Estavam sozinhos, um atrás do outro. Ela andava sem se virar para trás, olhando sempre para o rio. E, à medida que o tempo passava, um temor vago se apoderava de Flavières. Não, aquilo não era um simples passeio... Uma fuga, então? Ou uma crise de amnésia? Já tinha visto amnésicos encontrados no meio de estradas, atônitos e exaustos, que falavam com uma voz de sonâmbulo. Aproximou-se mais uma vez. Nesse momento, Madeleine atravessou a rua e se sentou na parte externa de um bar para marinheiros: três mesas de ferro sob um toldo velho. Flavières, escondido atrás dos barris, não perdia nenhum gesto. Ela tirou da bolsa uma folha e uma caneta, e enxugou a mesa com as costas da mão. O dono do bar não apareceu. Ela escrevia com aplicação, o rosto um pouco contraí-do. “Está apaixonada por alguém”, pensou Flavières, “e esse alguém foi convocado”. Mas era uma hipótese tão fraca quanto as outras. Por que teria ido até ali se podia muito bem escrever em casa, onde ninguém a vigiava? Ela continuava redigindo, sem tirar a caneta do papel, sem hesitar; devia ter meditado o conteúdo enquanto

caminhava. Ou na meia hora que passou no hotel. Tudo aquilo era meio louco. E se fosse uma carta de ruptura?... Isso não explicaria melhor todas aquelas idas e vindas?... Porém, nesse caso, por que teria ido visitar o túmulo de Pauline Lagerlac?

Ninguém veio servir Madeleine. O dono devia estar no *front*, como todo mundo. Ela dobrou a carta e a lacrou cuidadosamente. Olhou ao redor, bateu palmas. Nada se mexeu no bar. Então, levantou-se, com a carta na mão. Voltaria agora sobre seus passos? Parecia hesitar, e Flavières teria dado tudo para ler o nome do destinatário por cima do ombro dela. Sempre indecisa, desceu em direção ao rio, passando bem pertinho dos barris. Ele sentiu outra vez seu perfume. Uma brisa morna soprava, levantando sua saia. Seu rosto, de perfil, estava imóvel, sem expressão senão de tédio. Ela baixou a cabeça, girou o envelope entre os dedos e, súbito, rasgou-o em dois, depois em quatro, numa miríade de pedacinhos que abandonou ao vento pouco a pouco. Eles esvoaçavam, rolavam sobre as pedras, corriam acima da superfície da água antes de pousarem e afundarem. Ela contemplava os minúsculos naufrágios. Esfregava os dedos como se quisesse liberá-los de uma impalpável poeira, purificá-los de um contato indesejável. Com a ponta do sapato, desalojou alguns fragmentos presos na grama, empurrou-os para a beira do cais. Eles desapareceram. Deu mais um passo para a frente, tranquilamente, e a água respingou no cais, quase até as mãos de Flavières.

– Madeleine!

De pé, atrás dos barris, ele olhava sem compreender. Só restava um pedacinho do envelope, dançando entre o cascalho, com paradas e fugas súbitas, como um ratinho branco.

“Madeleine!”

Tirou o paletó e o colete, saiu correndo. Ainda se viam na água as ondulações provocadas pela queda dela. Mergulhou. O frio esmagou seu peito. Porém, não parava de gritar, no fundo de si mesmo, numa espécie de delírio: “Madeleine... Madeleine...”. Com os braços esticados, apalpava a escuridão viscosa. Voltou à superfície com um impulso, emergindo até a cintura. Avistou-a a alguns metros, boiando de costas, já mole e pesada, como uma afogada. Mergulhou mais uma vez para tentar agarrá-la pela cintura, encontrou apenas finas correntes que se retorciam ao redor de seus dedos como algas, tateou, lutando com as pernas, com as coxas, contra a correnteza do rio. Com os pulmões ardendo, inspirou, girou sobre si mesmo, com os olhos cheios de lágrimas e de água, e adivinhou uma massa escura afundando lentamente. Com

um novo impulso, avançou obliquamente, agarrou um tecido, fez os dedos correrem, rápido, às cegas... rápido... o pescoço, onde estava o pescoço... conseguiu dar uma gravata nela, lançou a outra mão para a superfície, como para se erguer mais rápido. O corpo pesava terrivelmente, era preciso tirá-lo como de um buraco, arrancá-lo com todas as suas raízes da água. Flavières viu a margem que parecia correr. Não estava longe, mas suas forças estavam acabando. Respirava mal, por falta de treino. Engoliu uma enorme tragada de ar, cortou a correnteza em diagonal rumo à escada onde uma barca estava amarrada. Seu ombro esbarrou na corda, suspendeu-se, deixou-se arrastar junto à margem. Seus pés sentiram os degraus submersos. Largou a corda, segurou-se na pedra, subiu um degrau, depois outro, com o corpo de Madeleine colado ao seu. Escorria um riacho deles, tornando-os aos poucos mais leves. Colocou Madeleine sobre um degrau, ajeitou-a e, com um puxão, ergueu-a novamente e a levou até em cima. Ali, caiu sobre um joelho e deslizou para o lado, completamente esgotado. O vento gelava seu rosto. Foi Madeleine a primeira a se mexer. Então ele se sentou e olhou para ela. Estava num estado lamentável, com os cabelos grudados no rosto, a pele branca feito mármore. Seus olhos abertos fixavam pensativamente o céu. Como se buscassem reconhecer alguma coisa.

– Não está morta – disse Flavières.

Os olhos se voltaram para ele. Um olhar que vinha de muito longe.

– Não sei – ela murmurou. – Morrer não dói.

– Deixe de asneira! – bradou Flavières. – Vamos! Mexa-se!

Pegou-a por baixo dos braços, ergueu-a e, como ela estava desabando sobre ele, jogou-a para cima de seu ombro. Não era pesada, e o bar não estava longe. Contudo, suas panturrilhas tremiam de cansaço quando chegou à porta.

– Ei!... Tem alguém aí?

Plantou Madeleine de pé junto ao balcão. Ela continuava vacilando e começou a bater os dentes.

– Ei!

– Já vai, já vai! – respondeu uma voz.

E uma mulher saiu de alguma cozinha dos fundos carregando um bebê no colo.

– Um acidente... – explicou Flavières. – A senhora não teria algumas roupas velhas para nos emprestar, qualquer coisa? Estamos encharcados.

Ele ria nervosamente tentando tranquilizar a mulher.

O bebê começou a chorar e a mãe o balançou ritma-damente.

– Seus dentes estão nascendo – ela disse.

– Só alguma coisa com o que nos cobrir... – insistiu Flavières. – Depois chamarei um táxi... Vou buscar meu casaco... Deixei minha carteira nele. Sirva um copo de conhaque para a senhora... alguma coisa forte!

Tentava criar um ambiente caloroso, cordial, para obrigar Madeleine a retomar confiança e fazer a mulher se interessar pelo incidente deles. Na verdade, sentia-se cheio de alegria, de energia e de vontade.

– Sente-se – gritou para Madeleine.

Atravessou o cais deserto, correu até a pilha de barris, apanhou seu paletó e seu colete. Um banho, naquela estação, não era nada grave, mas tinha sido por pouco... O que mais o perturbava não era o esforço e o medo, mas a visão de Madeleine transpondo calmamente a margem e caindo. E depois, em vez de se debater, nada, ela tinha se abandonado imediatamente, com uma monstruosa resignação. Sequer prestando atenção na morte. Flavières jurava para si mesmo que não a perderia mais de vista, que a defenderia de si mesma, pois agora estava persuadido de que ela não era completamente normal. Voltou a galope, para se esquentar. A mulher, com o bebê no pescoço, servia dois copos de conhaque.

– Onde ela está?

– Aqui ao lado, trocando-se.

– Tem um telefone?... Vou chamar um táxi.

– Ali.

Com o queixo, ela apontava o aparelho, no fundo do bar.

– Só encontrei um macacão, será que está bom para o senhor?

Ela repetiu a pergunta quando Flavières desligou.

– Está ótimo – ele respondeu.

Nesse momento, Madeleine saiu da cozinha, e ele sentiu um novo choque. Vestida com um pobre vestido estampado, sem meia-calça, calçando alpargatas, aquela era outra Madeleine, que nada tinha de intimidante.

– Vá logo se secar – ela disse. – Sinceramente, lamento muito... Da próxima vez vou tomar mais cuidado...

– Espero que não haja uma próxima vez – resmungou Flavières.

Esperava agradecimentos, algo de vagamente patético, e ela lhe saía com aquele tom de brincadeira. Enfiou raivosamente o macacão, grande demais para ele. Ia ficar completamente grotesco com aquilo. No bar, as duas mulheres cochichavam, imediatamente cúmplices, e ele, com sua alegria em pedaços, tentava inutilmente encontrar a ponta das mangas e descobria consternado que o traje estava manchado de graxa. Sua raiva se voltou para Gévigne. Ele pagaria

por aquilo! E que pedisse para outro otário vigiar sua mulher! Escutou a buzina do táxi. Desajeitado e vermelho de vergonha, empurrou a porta.

– Está pronta?

Madeleine estava com o bebê no colo.

– Não fale tão alto – sussurrou. – Assim vai acordá-lo.

Entregou-o delicadamente à mãe, e aquela solicitude toda exasperou Flavières. Por pouco não se exaltou. Recolheu as roupas molhadas, colocou uma nota embaixo do copo cheio de conhaque e saiu. Madeleine veio correndo atrás.

– Onde devo deixá-la? – ele perguntou friamente.

Ela entrou no carro.

– Vamos para sua casa – ela propôs. – Suponho que esteja louco para se vestir adequadamente... Já eu não me importo.

– Mas pelo menos me diga onde mora.

– Na Avenida Kléber... Sou a Sra. Gévigne... Meu marido trabalha com construções navais.

– Eu sou advogado... doutor Flavières.

Abriu o vidro e disse ao taxista:

– Rua de Maubeuge, esquina com a Rua Lamartine.

– Deve estar zangado comigo – retomou Madeleine. – Realmente não sei o que aconteceu...

– Pois eu sei – disse Flavières. – Você tentou se matar.

Esperou um pouco, à espreita de uma resposta, de um protesto.

– Pode confiar em mim – prosseguiu ele. – Estou disposto a compreender... Uma mágoa, às vezes... uma decepção...

– Não – ela respondeu em voz baixa –, não é o que você está pensando.

Novamente ela era a desconhecida do teatro, a mulher com o leque, a outra Madeleine, aquela que se debruçava, na véspera, sobre um túmulo esquecido.

– Eu quis me jogar na água, mas juro que não sei por quê.

– E aquela carta?

Ela corou.

– Era para o meu marido. Mas o que eu estava tentando fazê-lo compreender é tão extraordinário que preferi...

Virou a cabeça para Flavières e pôs a mão em seu braço.

– O senhor acha que uma pessoa pode reviver?... Quero dizer... que alguém possa morrer e depois... renascer em outra pessoa?... Está vendo?!... Não ousa responder... O senhor me toma por uma louca...

– Que é isso...

– Contudo, não estou louca, não... Mas me parece que meu passado se prolonga até muito longe... Para além das minhas lembranças de menina tem ainda outra coisa, como uma outra vida de que retomo consciência... Não sei por que estou lhe contando tudo isso...

– Continue – balbuciou Flavières. – Continue!

– Revejo coisas que, no entanto, nunca vi... rostos também, outros rostos que só existem agora em minha memória. E às vezes tenho a impressão de ser uma mulher muito velha.

Tinha uma profunda voz de contralto, e Flavières a escutava imóvel.

– Devo estar doente... – ela continuou. – Porém, se estivesse doente, minhas lembranças não teriam essa nitidez. Seriam desordenadas, incoerentes.

– Mas, agora há pouco, você cedeu a um impulso repentino ou foi uma decisão refletida?

– Algo como uma decisão... mas isso não está claro em minha mente. Sinto que estou me tornando cada vez mais uma estranha, que minha verdadeira vida está atrás de mim... então... por que continuar?... Para o senhor, para todo mundo, a morte é o contrário da vida... Mas para mim...

– Não fale assim – disse Flavières. – Por favor... Pense em seu marido.

– Pobre Paul! Se ele soubesse!

– É melhor ele não saber. Isso ficará sendo um segredo nosso.

Flavières não pôde evitar colocar em sua frase uma inflexão terna, e ela sorriu, de repente, com uma vivacidade desconcertante.

– Segredo profissional – ela disse. – Agora estou tranquila... Tive mesmo sorte de o senhor estar passando por ali.

– Lá isso é verdade. Estava indo ver um construtor numa obra que fica ali um pouco mais adiante e, se o dia não estivesse tão bonito, na certa teria ido de carro.

– E eu estaria morta – ela murmurou.

O táxi parou.

– Chegamos – disse Flavières. – Desculpe a bagunça do meu apartamento. Sou solteiro e, para piorar, ando muito ocupado.

Não havia ninguém no hall do prédio. Ninguém na escada. Flavières teria ficado constrangido se algum vizinho o visse naquele traje. Ouviu o telefone tocar enquanto abria a porta e pedia para Madeleine entrar.

– Um cliente, na certa. Sente-se. Volto num minuto.

Correu até o escritório.

– Alô.

Era Gévigne.

– Já liguei duas vezes para você – disse Gévigne. – De repente, lembrei de algo a respeito do suicídio de Pauline... Ela se jogou na água. Não sei se essa informação pode servir para alguma coisa, mas achei importante lhe dizer, para o caso de... E você, alguma novidade?

– Conto para você depois – disse Flavières. – Agora tem alguém no meu escritório.

IV

Flavières olhou para sua agenda com ar desconfiado.*6 de maio*. Três reuniões de trabalho: duas sobre herança e um divórcio. Estava cheio daquele emprego estúpido. Mas não tinha como simplesmente baixar a porta metálica e colar um cartaz em cima: *Fechado por razão de mobilização*, ou *de luto*... ou de qualquer coisa. O telefone ia tocar o dia inteiro. Seu cliente de Orléans lhe pediria mais uma vez para que fosse lá. Seria obrigado a ser amável, a tomar notas. No fim da tarde, Gévigne ligaria, ou passaria lá. Ele era exigente. Tinha que lhe contar tudo nos mínimos detalhes... Flavières sentou à escrivaninha e abriu o dossiê Gévigne.*27 de abril, passeio ao bosque. 28 de abril, tarde passada no Paramount. 29 de abril, Rambouillet e vale de Chevreuse.30 de abril, Marignan. Chá no terraço das Galerias Lafayette. Mal-estar provocado pela altura. Obrigado a descer. Ela riu muito. 1º de maio, passeio a Versalhes. Ela dirige bem, e olha que o Simca é caprichoso. 2 de maio, floresta de Fontainebleau. 3 de maio, não a vi. 4 de maio, saidinha até o jardim do Luxemburgo. 5 de maio, longo passeio em Beauce. Vista de longe a catedral de Chartres...*

Na data de 6 de maio, deveria escrever: estou apaixonado por ela.

Não posso mais viver sem ela? Pois era mesmo de amor que se tratava. Um amor melancólico, que ardia surdamente como fogo numa mina abandonada. Madeleine parecia não perceber nada. Ele era um amigo, só isso, um companheiro agradável com quem podia conversar livremente. Claro, a questão de apresentá-lo a Paul não se colocava! Flavières se aplicava em representar o papel do advogado rico que trabalha apenas para ocupar seu tempo livre, mas que fica encantado em poder ajudar uma bela mulher a enganar seu tédio. O acidente de Courbevoie foi esquecido. Ele tinha somente dado a Flavières um direito sobre Madeleine. E ela sabia como recordá-lo de que a tinha salvado; concedia a ele a atenção gentil, a deferência que poderia ter reservado a um tio, a um padrinho ou a um tutor. Uma palavra de amor teria sido de uma indelicadeza inconcebível. E, ainda por cima, havia Gévigne! Era por isso que Flavières fazia questão, a cada noite, de lhe fornecer um relatório completo, minucioso. Gévigne o escutava em silêncio, com as sobrancelhas franzidas. Depois falava

da estranha doença de Madeleine...

Voltou a fechar o dossiê, esticou as pernas e juntou os dedos... A doença de Madeleine!... Colocava-se esse problema vinte vezes por dia. Vinte vezes por dia, examinava, uma a uma, em sua cabeça, as atitudes e palavras de Madeleine, fazia-as desfilarem como fichas policiais, escrutava-as, comparava-as com uma atenção maníaca. Madeleine não estava doente; contudo, não estava completamente normal. Ela amava a vida, o movimento, a multidão. Era alegre, às vezes até petulante; muito espirituosa... Aparentemente, era a mais divertida das mulheres. Esse era seu lado luminoso, solar. Mas havia o outro lado, o lado noturno, misterioso. Ela era fria, não egoísta ou calculista... Fria em profundidade, indiferente, incapaz de querer e de se apaixonar. Gévigne tinha razão: se não estava mais sendo distraída, mantida do lado de cá da vida, mergulhava numa espécie de torpor que não era nem devaneio nem tristeza, mas antes uma sutil mudança de estado, como se um pouco de sua alma saísse dela e evaporasse no espaço. Diversas vezes Flavières a tinha visto assim, ao lado dele, escapando silenciosamente, esquivando-se como um sonho, como um médium cedendo a alguma solicitação invisível e poderosa.

– Algo errado? – ele perguntava.

Madeleine, lentamente, voltava a si; seu rosto se animava; parecia estar ensaiando seus músculos, seus nervos; seu sorriso hesitava; suas pálpebras batiam várias vezes, depois ela virava a cabeça.

– Não. Estou ótima.

Seus olhos o tranquilizavam. Talvez, um dia, ela lhe fizesse outras confidências. Enquanto isso, Flavières evitava deixá-la dirigir. Ela conduzia com muita habilidade, mas também com uma espécie de fatalismo... Aliás, não era essa a palavra exata. Flavières tentava inutilmente esclarecer sua impressão... Ela não se defendia; aceitava. Ele lembrava do tempo em que fez um tratamento para sua pressão baixa. Era a mesma coisa. Qualquer movimento lhe custava horrores. Podia ver uma nota de mil francos no chão sem se animar a apanhá-la. Da mesma forma, parecia haver em Madeleine um mecanismo quebrado... Flavières tinha certeza de que em presença de um obstáculo ela não tentaria reagir, frear, girar o volante. Já em Courbevoie ela não tinha sequer se debatido... Outro detalhe curioso: ela nunca propunha um destino para seus passeios.

“Gostaria de ir até Versalhes, ou Fontainebleau? Prefere ficar em Paris?”

“Para mim tanto faz...”

Sempre a mesma resposta. E, no entanto, cinco minutos depois ela ria; era evidente que estava se divertindo; seu rosto ficava mais corado; apertava o braço

de Flavières; ele sentia perto do seu o corpo dela, cheio de vida. Às vezes, não conseguia evitar dizer no ouvido dela:

– Você é encantadora!

– Sério? – ela dizia, olhando para cima.

E ele sentia sempre o mesmo rápido aperto no coração quando contemplava suas íris azuis, tão claras que o sol parecia sempre cegar um pouco. Ela se cansava rápido. Estava sempre com fome. Às quatro horas, precisava do seu lanche: brioche, chá, confeitos. Flavières não gostava muito de acompanhá-la às confeitarias ou salões de chá; por isso, sempre que podia a levava para o campo. Quando comia bolinhos ou bombas de chocolate, sentia-se culpadíssimo por causa da guerra, por causa das vendedoras cujos maridos encontravam-se na certa em algum lugar entre o Mar do Norte e a região de Vosges. Mas compreendia que Madeleine precisasse daquela comida, justamente para manter afastado aquele vazio, aquele nada, aquela noite onde ela estava sempre a ponto de naufragar.

– Você me faz pensar em Virgílio – confessou certa vez para ela.

– Por que isso?

– Lembra quando Eneias desce ao reino de Plutão? Ele espalha sangue à sua volta, e as sombras dos mortos vêm farejar esse sangue; alimentam-se desses eflúvios; voltam a ganhar, por algum tempo, um pouco de densidade, e falam e falam; sentem tanta falta da luz dos vivos!

– Sim, mas não vejo em que...

Ele empurrou para ela o prato cheio de croissants.

– Coma... Coma tudo... Acho que a você também falta espessura, realidade. Coma!... Pequena Eurídice!

Ela sorriu com uma migalha no canto dos lábios.

– Você me perturba com toda sua mitologia!

E, depois de um longo momento, soltando sua xícara, acrescentou:

– Eurídice!... Que lindo... É bem verdade que você me arrancou dos Infernos!

Em vez de rever o Sena, o cais lamacento, ele pensou nas moradas escavadas na falésia, perto do Loire; nos subterrâneos onde só se escutava o barulho de uma gota de água, sempre a mesma, e colocou a mão sobre a mão de Madeleine.

A partir desse dia, sempre a chamava de Eurídice, por brincadeira. Não ousaria chamá-la de Madeleine, por causa de Gévigne. Além disso, Madeleine era a mulher casada, a mulher do outro. Eurídice, ao contrário, pertencia-lhe inteiramente; ele a tinha segurado nos braços, encharcada, de olhos fechados,

com a sombra da morte nas covas do rosto. Sabia que estava sendo ridículo. Vivia num contínuo tormento, num tumulto de impressões dolorosas. Talvez! Mas nunca tinha conhecido, lá no fundo de si mesmo, aquela paz perfeita, aquela plenitude de alegria onde seu passado próximo, com seus medos e seus remorsos, desaparecia: fazia tanto tempo que esperava aquela mulher resplandecente! Desde os seus 13 anos. Desde a época em que se debruçava sobre o coração da terra, o país escuro dos fantasmas e das fadas...

O telefone tocou. Atendeu com um gesto rápido. Sabia quem era.

– Alô, é você?... Livre?... Provavelmente... Sim, tenho um bocado de trabalho, mas nada muito urgente... Você gostaria?... Tem certeza?... Então, combinado. Desde que eu volte até as cinco... Puxa vida, francamente... Por que você mesma não decide?... É muito amável de sua parte, mas me deixa constrangido... Um museu, talvez... Não é muito original, mas... Um passeiozinho sentimental ao Louvre?... Não, nem tudo foi tirado. Ainda resta muita coisa... Mais um motivo para ir logo... Combinado, então... Até logo.

Pousou delicadamente o aparelho, como se um último eco da voz amada ainda errasse entre os fios. O que aquele dia traria? Nada mais que os precedentes, decerto. Jamais sairiam daquele impasse. Madeleine nunca se curaria. Para que tentar se enganar? Talvez ela pensasse um pouco menos no suicídio desde que ele estava cuidando dela, mas, no fundo de si mesma, continuava obcecada. O que dizer a Gévigne? Devia expor a ele todos os seus pensamentos? Flavières se sentia aprisionado num círculo. De tanto ruminar as mesmas ideias, acabava por se sentir estéril, árido, incapaz do menor esforço intelectual.

Pegou seu chapéu e saiu. Os clientes voltariam mais tarde, ou simplesmente não voltariam. Que importância isso tinha? Já que Paris talvez logo fosse bombardeada. Já que, se a guerra se prolongasse, ele se sentiria na obrigação de se alistar. Já que, de qualquer jeito, o futuro era horrivelmente incerto. A única coisa que fazia sentido era o amor, a vida presente, o sol sobre as folhas. Procurou instintivamente os bulevares, o barulho, o contato com o rebanho. Fazia-lhe bem esquecer um pouco Madeleine; compreendeu, vagando ao redor da Opéra, que ela exercia sobre ele uma estranha influência; absorvia, literalmente, todas as suas forças; ele representava, junto a ela, não o papel de um doador de sangue, mas, de certo modo, de um doador de alma. E a prova disso era que sentia necessidade, quando sozinho, de voltar a mergulhar no rio humano para recuperar as energias perdidas. Então não pensava em mais nada; simplesmente, de vez em quando, cogitava que talvez tivesse a sorte de

sobreviver... Por vezes, deixava-se sonhar... Gévigne morria. Madeleine ficava livre... Comprazia-se em imaginar o impossível, em contar para si mesmo, detalhe por detalhe, histórias estapafúrdias. Logo alcançava uma maravilhosa liberdade, como um fumador de ópio. A multidão o envolvia lentamente. Deixava-se carregar, conduzir. Descansava do fardo de ser um homem.

Parou diante das vitrines da *Lancel*. Não sentia a mínima vontade de comprar. Gostava simplesmente de contemplar as joias, o brilho do ouro sobre os veludos escuros. E, de repente, lembrou que Madeleine tinha quebrado seu isqueiro. Estava vendo isqueiros numa bandeja de vidro; havia também estojos de cigarros finamente trabalhados. Ela não havia de se ofender com aquilo; entrou, escolheu um minúsculo isqueiro de ouro branco e um estojo de couro russo. Uma vez na vida, sentia prazer em gastar. Escreveu num cartão: *Para Eurídice ressuscitada,* e o colocou dentro do estojo. Daria o pacotinho a ela no Louvre ou senão um pouco mais tarde, quando estivessem lanchando antes de se separar. A manhã ficou mais bela com aquela compra. Sorria quando sentia sob seus dedos o papel atado com uma fitinha de seda azul. Querida, querida Madeleine!

Às duas horas, esperava-a na Praça da Étoile. Ela era sempre pontual nos encontros.

– Você está de preto hoje...

– Adoro preto. Se dependesse de mim, só usaria preto.

– Por quê? Preto é lúgubre.

– Não, pelo contrário, o preto confere importância a tudo o que a gente pensa. É como se obrigasse a gente a se levar a sério.

– Então o que aconteceria se vestisse azul, ou verde?

– Não sei. Teria a impressão de ser um riacho, ou um choupo... Quando era pequena, acreditava que as cores tinham poderes mágicos... Foi por isso que quis pintar.

Pegou o braço dele, com aquele gesto cheio de abandono que o enternecia de maneira tão perturbadora.

– Eu também tentei pintar. Mas desenho muito mal.

– E qual é o problema? É a cor que interessa.

– Adoraria ver seus quadros.

– Oh! Eles não valem nada. São completamente informes. Meros sonhos... Você sonha em cores?

– Não. Vejo apenas tons de cinza... como no cinema.

– Então não pode compreender. É um cego!

Riu e apertou o braço dele, para mostrar que estava brincando.

– É tão mais bonito do que aquilo a que chamam rea-lidade – ela continuou. – Imagine se puder: cores que se tocam, que se comem, que se bebem, que penetram você totalmente. A gente se torna semelhante a esses insetos que se confundem com a folha sobre a qual estão, a esses peixes que parecem corais. Cada noite, sonho com esse outro país.

– Você também! – ele murmurou.

Apertados um contra o outro, contornavam a Praça da Concorde, sem olhar para ninguém. Flavières mal tinha consciência da direção em que andavam. Estava completamente entregue à doçura daquelas confidências; ao mesmo tempo, uma parte de seu cérebro continuava à espreita, não perdia de vista o problema.

– Quando garoto – retomou –, era obcecado por esse país desconhecido. Poderia até lhe mostrar no mapa onde ele começa.

– Não é o mesmo.

– É sim! O meu é cheio de trevas; o seu, de luz, mas sei que eles se encontram.

– E não acredita mais nele?

Flavières hesitou. Mas ela olhava para ele com tanta confiança! Parecia atribuir tanta importância a sua resposta!

– Sim, ainda acredito. Sobretudo depois que conheci você.

Continuaram seu passeio em silêncio por algum tempo. O ritmo coordenado de seus passos prolongava neles pensamentos comuns. Atravessaram o imenso pátio, subiram uma escadinha estreita e escura. Logo estavam avançando, num frescor de catedral, entre os deuses egípcios.

– Eu não acredito – ela retomou. – Eu sei que ele existe... É tão real quanto o nosso. Só que não se deve dizer.

As estátuas de grandes olhos vazios, com seus pés postos um atrás do outro, olhavam-nos passar. Havia, de longe em longe, sarcófagos que reluziam como celofane, blocos de pedra rodeados por signos indecifráveis e, nas profundezas solenes das salas vazias, cabeças assustadoras, rostos estropiados pelo tempo, bichos acocorados, toda uma fauna monstruosa e paralisada.

– Já passei aqui de braços dados com um homem – ela murmurou. – Faz tempo, muito tempo. Ele se parecia com você, mas tinha suíças.

– Deve ser uma ilusão. A ilusão do *déjà vu*. É algo muito frequente.

– Oh, não! Eu poderia lhe dar detalhes de uma precisão assustadora... Por exemplo, vejo com frequência uma cidadezinha cujo nome ignoro... Sequer sei

se fica na França. Contudo, passeio ali, em sonho, como se sempre tivesse morado nela... Há um riozinho que a atravessa... Na margem direita, vejo um arco do triunfo galo-romano... Subindo uma avenida com grandes plátanos, chega-se às arenas, à esquerda... Algumas abóbodas, escadarias em ruínas. No fundo das arenas, vejo três choupos e um rebanho de carneiros...

– Mas... eu conheço essa cidade! – exclamou Flavières. – É Saintes. E o riozinho é o Charente.

– Pode ser!

– Mas as arenas foram demolidas... E não há mais choupos.

– Mas havia, na minha época... e o pequeno chafariz, ainda existe? As mocinhas vinham jogar grampos de cabelo nele, pedindo para se casar naquele ano.

– O chafariz Sainte-Estelle!

– E a igreja, atrás das arenas... uma igreja alta, com um campanário muito antigo... Sempre adorei essas velhas igrejas.

– Saint-Eutrope!

– Está vendo?

Percorriam lentamente as ruínas enigmáticas ao redor das quais pairava um odor de cera. Por vezes, cruzavam um visitante atento, douto, recolhido. Mas estavam inteiramente compenetrados em si mesmos enquanto viam desfilar os leões, as esfinges e os touros alados.

– Como disse que se chama essa cidade? – perguntou Madeleine.

– Saintes... Fica perto de Royan.

– Devo ter vivido lá... outrora.

– Outrora?... Quando era pequena?

– Não – disse Madeleine tranquilamente –, em minha outra existência.

Flavières não protestou. As palavras de Madeleine despertavam nele ecos demais.

– Onde você nasceu? – ele perguntou.

– Na região de Ardennes, pertinho da fronteira. A guerra sempre rondou nossa casa. E você?

– Fui criado pela minha avó, ao lado de Saumur.

– Sou filha única. Minha mãe vivia doente. Meu pai passava o tempo todo na fábrica. Não tive uma infância muito alegre.

Estavam entrando numa sala de paredes ornadas com quadros cujas molduras brilhavam como que multiplicadas por jogos de espelho. Os olhos dos retratos os fixavam, seguiam-nos por muito tempo. Às vezes, eram grandes senhores de

rosto emagrecido, outras, oficiais ricamente vestidos, de mão na espada e um cavalo empinado atrás.

– Quando era garota – sussurrou Flavières –, não tinha já sonhos... pressentimentos?

– Não. Era apenas uma menina solitária, taciturna.

– E como isso começou?

– De repente, não faz muito tempo... Senti que não estava em minha casa... que morava com um estranho... sabe... a impressão que se tem quando se acorda e não se reconhece mais o quarto.

– Sim... Se estivesse seguro de que não ficaria zangada – acrescentou Flavières –, bem que lhe faria uma pergunta.

– Não tenho segredos para você – disse Madeleine pensativamente.

– Posso mesmo?

– Por favor.

– Você ainda pensa em... em desaparecer?

Madeleine deteve o passo e ergueu os olhos para Flavières, aqueles olhos que pareciam estar sempre suplicando.

– Você não compreendeu – ela murmurou.

– Por favor, responda.

Um grupo de visitantes se aglomerou diante de um quadro. Flavières entreviu uma cruz, um corpo pálido, a cabeça caída sobre o ombro, um fio de sangue escorrendo sobre o lado esquerdo do peito. Um pouco mais adiante, um rosto de mulher se erguia para o céu. Madeleine não pesava mais que uma sombra em seu braço.

– Não... Não insista.

– Sim, insisto... Por você... e por mim.

– Roger... Eu lhe suplico.

Ela mal tinha erguido a voz, porém, Flavières ficou transtornado. Passou o braço por cima dos ombros de Madeleine, puxou-a para si.

– Não compreende que amo você? Que não quero perdê-la?!

Andavam como dois autômatos, entre madonas, pietàs e gólgotas lívidos. Ela apertou a mão dele, por um bom tempo.

– Você me dá medo – ele disse. – Mas preciso de você... Talvez precise ter medo... para desprezar essa vida que levo... Se ao menos tivesse certeza de que não está enganada.

– Vamos embora.

Atravessaram salas vazias, procurando uma saída. Ela não tinha soltado seu

braço. Agarrava-se cada vez com mais força. Desceram degraus quase correndo, encontraram-se meio ofegantes num gramado onde um esguicho d’água projetava um arco-íris. Flavières parou.

– Pergunto-me se não estamos um pouco loucos... Você se lembra das minhas palavras de agora há pouco?

– Sim – disse Madeleine.

– Confessei que a amava... Você escutou bem?

– Sim.

– Se repetisse que a amo, não ficaria zangada?

– Não.

– Isso é extraordinário!... Quer passear mais um pouco...? Temos ainda tantas coisas a nos dizer.

– Não... estou cansada. Vou voltar para casa.

Ela estava pálida e parecia assustada.

– Vou chamar um táxi – propôs Flavières. – Mas antes, aceitaria este pequeno presente?

– O que é?

– Abra! Abra!

Ela desfez o nó, desenrolou o papel, colocou sobre a mão o estojo de cigarros e o isqueiro, e balançou a cabeça. Então abriu o estojo e leu as três palavras escritas no cartão.

– Meu pobre amigo.

– Venha!

Conduziu-a até a Rua de Rivoli.

– Não agradeça. Sei que estava precisando de um isqueiro novo... Podemos nos ver amanhã?

Ela inclinou a cabeça.

– Ótimo. Iremos para o campo... Não, não... não diga nada. Deixe-me com a lembrança dessa tarde... Pronto, eis um táxi... Eurídice, querida, não sabe a felicidade que me deu.

Pegou a mão dela e pôs os lábios em seus dedos enluvados.

– Não olhe para trás – disse, fechando a porta do táxi.

Estava exausto e tranquilo, como ficava outrora após correr o dia inteiro nas margens do Loire.

V

A manhã inteira, Flavières esperou em vão o telefonema de Madeleine. Às duas da tarde, correu para o ponto de encontro habitual deles, na Praça da Étoile. Ela não apareceu. Ligou para Gévigne, mas ele tinha ido para Le Havre e só voltaria no dia seguinte, por volta das dez da manhã.

Passou um dia abominável. Não dormiu. Bem antes do amanhecer já estava de pé, rodando em seu escritório, assaltado por imagens que o destruíam lentamente. Não, não tinha acontecido nada com Madeleine. Era impossível! E no entanto... Fechava os punhos, lutava contra o pânico. Nunca devia ter feito aquela declaração a Madeleine! Ambos tinham enganado Gévigne. E quem sabia até onde o remorso poderia conduzi-la, nervosa e instável como era?! Afinal, não via o que censurar na conduta do amigo. Gévigne tinha confiado nele. Gévigne tinha lhe confiado Madeleine. Precisava pôr um fim àquela história estúpida... E rápido!... Mas, quando tentava imaginar a vida sem Madeleine, sentia um nó se apertar dentro dele; abria a boca; apoiava-se no canto da escrivaninha, no dorso de uma poltrona. Sentia vontade de xingar Deus, o destino, a fatalidade, a potência oculta – pouco importava seu nome – que arranjava as circunstâncias de maneira tão cruel. Portanto, seria sempre um exilado! Nem mesmo a guerra queria saber dele. Sentou-se na poltrona em que Gévigne tinha se instalado naquela primeira noite. Não estaria exagerando sua desgraça? Uma paixão, uma verdadeira paixão, não se desenvolve em duas semanas. Com as duas mãos no queixo, observava-se lucidamente. O que sabia do amor? Nunca tinha amado ninguém. Ah! Por certo! Cobiçava todas as aparências da felicidade, como um pobre diante de uma vitrine. Mas sempre havia, entre as coisas e ele, algum obstáculo, frio e duro. E quando, finalmente, foi nomeado inspetor, teve a impressão de ser encarregado da defesa daquele mundo reluzente, feliz, proibido. Era a vitrine dele. Circulando!... Madeleine, não... Ele não tinha o direito... Não podia passar para o lado dos ladrões. Tanto pior! Renunciaria! Covarde! Sujeitinho vil! Assim, ia ceder ao primeiro obstáculo?! Justo no momento em que Madeleine talvez estivesse a ponto de amá-lo também...

“Basta!”, disse em voz alta, “Basta! Preciso de paz!”.

Fez um café fortíssimo, para se dopar, vagou por um momento, da cozinha ao escritório, do escritório à sala de espera. Aquela dor desconhecida que se instalava em seu corpo e em seu pensamento e o impedia de respirar direito, de refletir calmamente como estava acostumado a fazer, só podia ser amor. Sentia-se disposto a todos os erros, a todas as idiotices, estava quase orgulhoso por delirar, apesar de seu abatimento. Como pudera, por tanto tempo, ver desfilar em seu gabinete tantas pessoas, estudar tantos casos, ouvir tantas confissões, e não compreender nada, permanecer obstinadamente fechado à verdade? Dava de ombros quando um cliente exclamava, com lágrimas nos olhos: “Mas eu a amo!”. Sentia vontade de dizer:

“Qual é! Você me faz rir com seu amor. Um sonho de infância, o amor! Algo muito bonito, muito puro, mas inacessível. E simples trepadas não me interessam!” Imbecil!

Às oito horas, ainda estava de roupão, chinelos nos pés, despenteado, com os olhos brilhantes demais. Não tinha decidido nada. Impossível telefonar para Madeleine. Ela o proibia, por causa dos empregados domésticos. Além disso, talvez nem quisesse revê-lo. Talvez estivesse com medo também...

Distraidamente, barbeou-se, vestiu-se. E então soube, de maneira quase inconsciente, que devia ver Gévigne com urgência. De repente, precisava ser sincero e, ao mesmo tempo, com uma secreta patifaria, pensava que seu dilema era falacioso, e que podia muito bem tranquilizar Gévigne e continuar a frequentar Madeleine. Então, um pouco de alegria penetrou a bruma em que se debatia. Percebeu que o sol se insinuava pelas persianas que tinha esquecido de abrir. Desligou a luz elétrica e deixou que o sol invadisse seu escritório. Ia retomando confiança, sem razão, simplesmente porque o dia estava bonito e a guerra ainda não explodira. Saiu, deixou a chave sob o tapete da entrada para a faxineira, cumprimentou amavelmente a zeladora. Tudo lhe parecia fácil agora. Teria até sorrido de seus próprios alarmes. Seria para sempre o joguete desse misterioso pêndulo que oscilava nele, incessantemente, do temor à esperança, da alegria à melancolia, da desconfiança à audácia. Nunca haveria trégua. Jamais um dia de verdadeiro repouso, de equilíbrio moral. Contudo, quando estava com Madeleine... Afastou-a de seu pensamento para não voltar a cair na confusão. Paris se oferecia como uma miragem. A luz mais suave, mais sensualmente palpável do que nunca. Dava vontade de tocar nas árvores, tocar no céu, apertar contra o peito a metrópole que se estendia e se enfeitava ao sol. Percorreu o caminho a pé, lentamente. Às dez horas, adentrava o escritório de Gévigne, que tinha acabado de chegar.

– Sente-se, meu velho... Só preciso dizer uma palavrinha a meu subdiretor e já volto.

Gévigne parecia cansado. Em alguns anos teria enormes olheiras e o rosto macilento, coberto de rugas. Logo seria um cinquentão acabado. Flavières se regozijou fugidiamente com aquilo, enquanto aproximava uma cadeira da escrivaninha. Gévigne voltou e deu um tapinha no ombro de Flavières.

– Sabia que o invejo? – disse em tom de brincadeira. – Eu também adoraria passar a tarde escoltando uma bela mulher, ainda mais que se trata da minha! Essa vida está acabando comigo.

Deixou-se cair pesadamente sobre a poltrona e a fez girar na direção de Flavières.

– E então?

– Nada de mais. Fomos ao Louvre anteontem. Ontem não a vi. Fiquei esperando um telefonema. Confesso que esse silêncio...

– Nada grave – disse Gévigne. – Madeleine teve uma pequena indisposição. Agora há pouco, ao voltar, encontrei-a na cama. Amanhã estará de pé. Estou acostumado com isso.

– Ela lhe falou de nosso passeio?

– Muito pouco. Mostrou apenas umas bugigangas que comprou... um isqueiro, eu acho... Enfim, parecia estar bem.

– Que bom. Fico aliviado.

Flavières cruzou as pernas, jogou preguiçosamente um braço por cima do dorso da cadeira. Saboreava, até o mal-estar, a sensação de segurança reencontrada.

– Pergunto-me – retomou – se adianta alguma coisa continuar essa vigilância.

– Como assim?! Está pensando em...? De jeito nenhum! Você mesmo viu o que ela é capaz de fazer.

– Sim, sim – disse Flavières desajeitadamente. – Mas... é o seguinte... Fico constrangido por acompanhar sua mulher... Você entende... Parece que eu... o que não sou. Enfim, é uma situação esquisita...

Gévigne tinha um corta-papéis na mão e ficava vergando sua lâmina. Balançou a cabeça com pequenos movimentos rápidos.

– E eu? Acha que a situação me agrada? Aprecio seus escrúpulos, mas não temos escolha. Se eu tivesse mais tempo para dedicar a Madeleine, daria um jeito de me virar sozinho. Infelizmente, estou cada vez mais prisioneiro de meu trabalho.

Soltou o corta-papéis, cruzou os braços e, com o pescoço afundado nos ombros, encarou Flavières.

– Por favor, segure as pontas para mim por mais quinze dias, meu velho, três semanas no máximo. Com o apoio do ministério, vou expandir o estaleiro e terei que me estabelecer em Le Havre. Se tudo der certo, levarei Madeleine junto. Até então, vele sobre ela! É tudo que lhe peço... Compreendo perfeitamente o que você está sentindo. Sei que lhe encarreguei de uma missão dificílima. Mas preciso muito me concentrar no trabalho nesses próximos quinze dias.

Flavières fingiu hesitar:

– Se acha que realmente é uma questão de duas semanas...

– Tem minha palavra!

– Está bem. Mas é bom que você saiba minha posição. Não aprovo esses passeios. Sou um sujeito frágil; tenho imaginação fértil... Não quero lhe esconder nada...

Gévigne estava com uma expressão dura, provavelmente a mesma que ostentava nas reuniões do conselho administrativo. Porém, sorriu.

– Obrigado – disse. – Você é um homem leal, uma raridade hoje em dia. Mas a segurança de Madeleine está em primeiro lugar.

– Vê razões para temer alguma coisa?

– Não.

– Já pensou que, se sua mulher de repente resolver fazer o que fez aquele dia, talvez eu não consiga intervir a tempo?

– Sim... Pensei em tudo.

Baixou os olhos e juntou as mãos bruscamente.

– Não vai acontecer nada... – murmurou. – Mas, se acontecer alguma coisa, pelo menos você estará lá para me dizer o que viu. O que não consigo aguentar é a incerteza... Preferiria mil vezes que Madeleine estivesse realmente doente. Preferia sabê-la numa mesa de operação, nas mãos de um cirurgião. Num caso desses, a gente ao menos sabe para onde está indo. Dá para contar as chances a favor e as chances contra. Mas esse nevoeiro!... Você parece não compreender muito bem isso.

– Oh, sim, compreendo.

– E então?

– Eu a vigiarei... Não tenha medo!... A propósito, sabe se ela já esteve na cidadezinha de Saintes?

– Saintes? – repetiu Gévigne surpreso. – Não, certamente não. Por quê?

– Ela descreveu Saintes para mim como se tivesse morado lá.

– Como assim? Que história é essa?

– Talvez tenha visto fotografias da cidade?

– Certamente não. Repito, nunca fomos para o Oeste! Sequer temos um guia da região.

– E Pauline Lagerlac?... Ela morou em Saintes?

– Aí você está pedindo demais. Como quer que eu saiba?

– Lagerlac... É um nome típico daquela região... Cognac, Chermignac, Gemozac, poderia citar uns vinte desse tipo.

– Sim... É verdade... Mas não vejo a relação!

– Como assim? Está na cara!... Sua mulher foi capaz de descrever lugares que nunca viu, mas que Pauline Lagerlac provavelmente conheceu bem. E tem mais! Ela descreveu as arenas da cidade não como são hoje, mas como eram cem anos atrás.

Gévigne franzia as sobrancelhas tentando entender.

– O que está querendo dizer?

– Nada – respondeu Flavières –, por enquanto nada... Seria tão extraordinário!... Pauline e Madeleine...

– Pare com isso! – cortou Gévigne. – Vivemos no século XX. Não vai dizer que está pensando que Pauline e Madeleine... Pode ser que Madeleine esteja atormentada pela lembrança de sua bisavó, mas isso deve ter uma explicação. Aliás, foi por isso que pedi sua ajuda. Se imaginasse que você...

– Já disse que preferia abandonar...

Flavières sentiu a brusca tensão que estava nascendo entre eles. Esperou um pouco, então se levantou.

– Não quero tomar seu tempo...

Gévigne balançou a cabeça.

– O que importa é salvar Madeleine. Se ela está doente, louca, iluminada, possuída... não importa! O que importa é que continue viva.

– Sabe se ela vai sair hoje?

– Hoje não.

– Quando, então?

– Certamente amanhã... Hoje, vou seguir seu conselho. Passarei o dia com ela.

Flavières se manteve impassível, mas sentiu dentro de si um jorro de ódio. “Como detesto esse homem!”, pensou, “Que nojo sinto por ele!”.

– Amanhã... Não sei se estarei livre...

Gévigne também se levantou, contornou a escrivaninha e veio apertar a mão

de Flavières.

– Desculpe-me – suspirou. – Ando ríspido, nervoso... Não é minha culpa. Você acabaria por me fazer perder a cabeça. Escute. Hoje quero fazer uma experiência. Preciso começar a falar para ela da nossa ida para Le Havre, e não sei como ela vai receber isso... Portanto, você tem que me prometer que vai vigiá-la amanhã. E à noite me telefonará ou passará aqui. Vai me dizer tudo o que tiver observado... Tenho confiança total em seu julgamento. Combinado?

Onde Gévigne teria aprendido a falar com aquela voz grave, comovida, envolvente?

– Sim – respondeu Flavières.

Censurou-se imediatamente por aquele "sim" apressado, que o deixava em poder de Gévigne, mas a menor marca de bondade lhe tirava todo e qualquer poder de resistir.

– Obrigado... Nunca esquecerei o que está fazendo por mim.

– Vou nessa – murmurou envergonhado Flavières. – Não se incomode, sei o caminho.

E as horas recomeçaram a escoar lentamente para ele, vazias, mortalmente monótonas. Não conseguia mais pensar em Madeleine sem imaginar Gévigne junto a ela, e sentia, sempre no mesmo lugar, a mesma lancinante dor, como se lhe arrancassem algo do corpo. Que espécie de homem era ele afinal? Traía Madeleine. Traía Gévigne. Morria de ciúme, de raiva, de inveja, de desespero. E, no entanto, sentia-se puro e sincero. Em nenhum momento tinha deixado de agir de boa-fé.

Arrastou o dia até a noite. Ora se acusando de tratante, ora cedendo a um abatimento tamanho que tinha de se sentar no banco mais próximo, fosse o de uma praça ou o de um café. O que seria dele quando Madeleine deixasse Paris? Devia impedi-la de partir? Como?

Foi parar num cinema do centro, assistiu distraidamente as atualidades, as notícias que precediam o filme. Sempre tropas, revistas, acantonamentos, manobras. As pessoas ao seu redor chupavam balas placidamente. Tais espetáculos não interessavam mais ninguém. Todos sabiam que os boches, como eram chamados os alemães, estavam ferrados! Flavières caiu numa sonolência entorpecida, como um viajante perdido numa sala de espera. Saiu antes do fim por temer dormir para valer. Sua nuca estava dolorida e seus olhos ardiam. Voltou para casa lentamente sob a noite estrelada. Aqui e ali cruzava um homem de capacete, com um apito pendurado no pescoço, fumando discretamente diante de um portão. Mas um alerta parecia improvável. Os alemães precisariam de

uma aviação poderosa, o que estava longe de ser o caso!

Deitou na cama, acendeu um cigarro, e o sono veio tão bruscamente que sequer se animou a tirar a roupa. Mergulhou num torpor que o impedia de se mexer, petrificado pouco a pouco, como as estátuas do Louvre... Madeleine...

Acordou, com o espírito alerta, reconheceu imediatamente aquele barulho... As sirenes! Estavam tocando todas juntas, sobre os telhados, e a cidade escura parecia um navio sendo evacuado às pressas. Portas batiam nas casas. Ouviam-se passos rápidos. Acendeu o abajur: três da manhã. Virou de lado e voltou a dormir. Quando soube, às oito da manhã, enquanto bocejava ouvindo as notícias no rádio, que a ofensiva alemã tinha começado, sentiu um estranho alívio. Finalmente a guerra! Ia poder deixar de lado seus próprios tormentos, compartilhar a angústia dos outros, juntar-se a todos numa preocupação exaltadora e legítima. Surgiriam acontecimentos que, de um jeito ou de outro, decidiriam o debate que ele não ousava concluir sozinho. A guerra vinha em seu socorro. Bastava deixar-se levar por ela. Um fluxo de vida o animou. Tinha fome. Já não sentia o menor cansaço. Madeleine telefonou. Ela o esperaria às duas horas.

Durante toda a manhã, trabalhou, recebeu clientes, atendeu telefonemas. Percebia, na voz de seus interlocutores, uma excitação semelhante à sua. Mas as notícias eram raras. Os jornais e o rádio falavam de sucessos iniciais do exército francês, sem fornecer a menor precisão. O que aliás era normal. Almoçou perto do tribunal, com um colega advogado; conversou bastante; desconhecidos se abordavam entre si, batiam papo, desdobravam mapas da França. Flavières apreciava aquela atmosfera agitada, absorvia o tumulto por todos os seus poros. Quando viu, já era a hora de entrar no Simca e correr até a Praça da Étoile. Estava embriagado de palavras, de sons, de sol.

Lá estava ela. Por que tinha escolhido justamente o conjuntinho marrom que vestia no dia em que...? Flavières reteve na sua a mão enluvada de Madeleine.

– Quase me fez morrer de preocupação – ele disse.

– Tive uma pequena indisposição. Desculpe-me... Posso dirigir?

– Fique à vontade! Desde hoje de manhã estou que é uma pilha. Eles atacaram. Já soube?

– Sim.

Madeleine entrou na Avenida Victor-Hugo, e Flavières logo percebeu que ainda estava meio estranha. Não passava as marchas direito, freava brutalmente, acelerava demais. Havia uma palidez doentia em seus traços.

– Estou com vontade de ir longe... – ela explicou. – Talvez seja nosso último

passeio.

– Por quê?

– Quem sabe o que vai acontecer daqui para frente? Acaso é certo que eu permaneça em Paris?

Então Gévigne tinha mesmo falado. Talvez tivessem brigado. Flavières se calou para não distraí-la, embora a avenida estivesse bastante calma. Saíram de Paris pelo Portão da Muette e penetraram no Bosque de Boulogne.

– E por que iria embora? – retomou Flavières. – Não corremos o risco de ser bombardeados, e, desta vez, os alemães não chegarão até o Marne.

Como ela não respondesse, insistiu:

– É por causa... de mim que está pensando em partir?... Não quero perturbar a vida de vocês, Madeleine... Permite que a chame de Madeleine agora? Queria apenas ter certeza de que nunca mais escreverá uma carta como aquela que rasgou... Entende?

Ela apertava os lábios, concentrada aparentemente em ultrapassar um caminhão militar. O hipódromo de Longchamp parecia um imenso pasto e, instintivamente, o olho buscava ali um rebanho. A ponte de Suresnes estava engarrafada; tiveram que avançar lentamente.

– Não vamos falar mais nisso – ela murmurou. – Será que não podemos esquecer um pouco a guerra, a vida?

– Mas sinto que você está triste, Madeleine.

– Eu?

Ela estampou um sorriso triste e corajoso que comoveu Flavières ainda mais.

– Estou como de costume – ela prosseguiu. – Garanto a você. Nunca aproveitei tanto a existência quanto hoje... Não acha bom andar sem destino, seguir a primeira estrada que aparece, sem pensar em nada?! Gostaria de nunca pensar em nada. Por que não somos como os bichos?

– Ei! Você está delirando!

– Nada disso. Os bichos é que são felizes. Pastam, dormem, são inocentes! Não têm passado nem futuro.

– Está aí uma filosofia!

– Não sei se é uma filosofia, mas sinto inveja deles.

Durante mais de uma hora, quase não falaram. Reencontraram o Sena em Bougival e o margearam por algum tempo; um pouco adiante, Flavières reconheceu o castelo de Saint-Germain. Na floresta deserta, Madeleine pisava fundo; sequer diminuiu muito na entrada de Poissy, e continuou, sempre em frente, com o olhar fixo. Um pouco depois da saída de Meulan, havia uma

charrete de madeira, levando uma mulher, bem no meio da estrada. Madeleine jogou o Simca para uma travessa. Contornaram uma serraria recém-construída, mas que parecia abandonada, e o perfume adocicado das longas tábuas nuas perseguiu-os por um bom tempo. Encontraram-se num cruzamento; Madeleine escolheu o caminho da direita, na certa por causa das fileiras de flores que o margeavam.

Um cavalo com uma mancha branca na testa olhou para eles por cima da cerca. Madeleine, sem razão, acelerou, e o velho Simca sacolejou sobre a estrada. Flavières consultou furtivamente seu relógio de pulso. Dali a pouco parariam, caminhariam lado a lado; seria o momento de interrogá-la, pois era evidente que estava escondendo alguma coisa. Talvez tivesse cometido, antes de seu casamento, um ato pelo qual sentia continuamente remorsos, pensou Flavières. Não está doente nem é mentirosa, mas sofre de uma obsessão. E nunca ousou contar isso a seu marido. Quanto mais se apegava a essa hipótese, mais ela lhe parecia plausível. A atitude dela era a de uma pessoa culpada. Mas culpada do quê? Devia ser algo bastante grave...

– Conhece essa igreja? – perguntou Madeleine. – Onde será que estamos?

– O quê?... Desculpe!... Essa igreja?... Não... Confesso que não faço a mínima ideia... Que tal pararmos aqui? Já são três e meia.

Estacionaram numa esplanada deserta. Por trás das árvores, mais abaixo, viam-se alguns telhados cinzentos.

– Curioso – disse Madeleine. – Há uma parte românica. O resto é moderno. Não é muito bonita.

– O campanário é alto demais – observou Flavières.

Empurrou a porta. Um cartaz sobre a pia de água benta atraiu sua atenção.

> *Como o padre Gratien atende várias paróquias, a missa nesta igreja só é celebrada nos domingos às onze horas.*

– Por isso é que parece tão abandonada – sussurrou Madeleine.

Avançaram lentamente entre as cadeiras com assento de palha. Escutavam galinhas cacarejando não longe dali.

Os quadros da *via crucis* estavam se descamando. Uma vespa zumbia ao redor do altar. Madeleine fez o sinal da cruz e se ajoelhou no genuflexório empoeirado. Flavières, de pé ao lado dela, não ousava se mexer. Por que culpa ela estaria pedindo perdão? Teria ido para o inferno se tivesse se afogado? Não conseguiu se conter e murmurou:

– Madeleine, você realmente crê?

Ela virou um pouco a cabeça. Estava tão pálida que ele pensou que estivesse doente.

– O que você tem?... Madeleine, responda, por favor!

– Não é nada... Sim, eu creio... Sou obrigada a crer que nada termina aqui. E é justamente isso que é terrível!

Escondeu o rosto nas mãos por um longo momento.

– Vamos – disse por fim.

Voltou a se levantar e a se persignar diante do altar. Flavières pegou seu braço

– É melhor sairmos; não gosto de vê-la nesse estado.

– Sim... O ar vai me fazer bem.

Passaram diante do confessionário caindo aos pedaços. Flavières lamentou não poder levar Madeleine ali. Talvez ela precisasse mesmo de um padre. Os padres esquecem. Mas ele, se ela confessasse, será que esqueceria? Ouviu-a, tateando, na penumbra, procurando um ferrolho. Uma porta se abriu; dava para uma escada em caracol.

– Não é por aí, Madeleine... Essa é a escada do campanário.

– Quero ver como é lá em cima – ela disse.

– Não podemos nos atrasar.

– É só um momento!

Ela já estava subindo. Ele não podia perder tempo. Com repugnância, subiu os primeiros degraus, agarrando-se a uma corda sebosa que servia de corrimão.

– Madeleine!... Mais devagar!

Sua voz reverberou, retomada em ecos breves pelas paredes apertadas. Madeleine não respondeu, mas ele ouvia o estalido de seus sapatos nos degraus. Flavières atravessou um curto patamar, percebeu através de uma abertura o teto do Simca e, para além de uma fileira de choupos, uma plantação onde mulheres trabalhavam com lenços sobre a cabeça. Começou a sentir náuseas. Afastou-se da abertura, continuou a subir mais lentamente.

– Madeleine!... Espere por mim!

Respirava depressa. Suas têmporas latejavam. Suas pernas não obedeciam direito. Um segundo patamar. Pôs a mão diante dos olhos para não ver o vazio, mas podia senti-lo à sua esquerda, no poço onde pendiam as cordas dos sinos. Gralhas saíram voando, grasnando ao redor das pedras quentes. Nunca seria capaz de descer aquilo.

– Madeleine!

Sua voz se tornou mais rouca. Ele ia gritar, como uma criança no escuro? Os degraus iam ficando mais altos, escavados no centro. Um pouco de luz penetrava por uma terceira abertura, acima de sua cabeça. A vertigem estava à espreita dele naquele novo patamar. Não conseguiria evitar dar uma olhada e, dessa vez, estaria mais alto que o cimo das árvores; o Simca não seria mais que uma pequena mancha. O ar afluiria à volta dele, vindo de todos os lados, seria levado como uma onda. Deu mais um passo, dois. Esbarrou numa porta. A escada continuava do outro lado.

– Madeleine!... Abra!

Ele mexia desesperadamente na maçaneta, batia na madeira com a palma da mão. Por que ela tinha fechado aquela porta?

– Não! – ele gritou. – Não... Madeleine... Não faça isso... Eu... Eu...

Os sinos vibravam lá em cima. Davam à voz dele uma sonoridade de metal, repetindo a palavra *eu* com uma gravidade desumana. Desvairado, lançou um olhar pela abertura. A porta a dividia em dois. Daria para contorná-la por fora? Sim. Havia uma estreita cimalha em volta da torre. Ofegava, fascinado por aquela cimalha de onde a vista mergulhava no azul da paisagem. Um outro qualquer conseguiria passar... não ele... era impossível... cairia... morreria. Ah!... Madeleine... Urrava desesperado em sua jaula de pedra. O grito de Madeleine foi sua resposta. Um vulto passou pelo lado de fora da abertura. Com os punhos na boca, ele contou, como fazia, em criança, entre o raio e o trovão. Um choque surdo, breve, fez-se ouvir lá em baixo; com os olhos cheios de suor, ele repetia com uma voz de moribundo: “Madeleine... Madeleine... Não...”. Teve de se sentar. Pensou que ia desmaiar. Arrastando-se de degrau em degrau, começou a descer. Não conseguia evitar gemer, de terror e desespero. No primeiro patamar, aproximou-se da abertura, de joelhos, e pôs a cabeça para fora. Lá embaixo, à esquerda do campanário, estendia-se um velho cemitério e, ao pé da parede, no extremo de uma perspectiva terrivelmente vertical, jazia um amontoado de roupas marrons. Enxugou os olhos, porque queria ver, a todo custo. Havia sangue sobre as pedras, e uma bolsa preta, arrebentada. O isqueiro de ouro cintilava entre os despojos. Flavières chorava. Sequer lhe ocorria a ideia de descer até ela para lhe prestar socorro. Ela estava morta. E ele, morto com ela.

VI

De longe, Flavières observava o corpo. Tinha contornado a igreja, atravessado o cemitério e, agora, não ousava mais se mexer. Lembrava da voz de Madeleine murmurando: “Morrer não dói”, e se agarrava a essa ideia com desespero: ela não teve tempo de sofrer. Tinham dito isso de Leriche também. Que caiu como ela, de cabeça. Não teve tempo de sofrer? Como se pode saber? Quando Leriche se espatifou na calçada, espirrando sangue para todo lado... Flavières estava desfalecido. Viu os restos de seu colega no hospital. Leu o relatório do médico. E o campanário era bem mais alto do que a casa de onde Leriche caiu. Imaginava o choque terrível, o baque, a espécie de explosão em que a consciência se volatilizava, como um espelho frágil e cristalino que se estilhaça. Não havia mais nada de Madeleine além daquela carcaça imóvel que parecia jogada ao pé da parede como um espantalho. Aproximou-se temeroso, obrigando-se a olhar e a sofrer, já que era culpado de tudo. Através de suas lágrimas, via confusamente o cadáver, as urtigas esmagadas, os belos cabelos com reflexos acaju espalhados, manchados de sangue, descobrindo a nuca; uma mão, já cor de cera, em que brilhava a aliança e... entre os destroços da bolsa rasgada... o isqueiro. Recolheu-o. Se ousasse, teria pego o anel e posto em seu dedo.

Pobre pequena Eurídice! Nunca voltaria do nada em que tinha se lançado!

Afastou-se lentamente, sem deixar de olhar para ela, como se a tivesse assassinado. Tinha medo, de repente, daquela forma terrível, em volta da qual passavam as sombras das gralhas. Fugiu por entre os túmulos, apertando o isqueiro na mão com toda força. Tinha encontrado Madeleine num cemitério. Abandonava-a num cemitério. Era isso. Tinha acabado. Ninguém jamais saberia por que ela tinha se matado. E ninguém saberia que ele estava ali. Que não teve a coragem de contornar a porta da escada. Chegou à esplanada, escondeu-se em seu carro. Seu reflexo no para-brisa lhe causava horror. Odiava sua própria vida. O inferno acabava de começar. Rodou por muito tempo. Perdeu-se. Reconheceu surpreso a estação de Pontoise, passou na frente de uma delegacia. Devia entrar, dar o alarme, entregar-se? Mas a lei não podia nada contra ele. Seria considerado

louco. E então? O que fazer? Meter uma bala na cabeça? Impossível. Nunca teria coragem para tanto. Tinha de reconhecer agora que era mesmo um covarde, que a vertigem não desculpava nada. Era sua vontade que era doente. Ah! Como Madeleine estava certa. Ser um bicho! Ruminar tranquilamente até a hora do abatedouro e da martelada na cabeça!

Voltou a Paris pelo Portão de Asnières. Eram seis horas. De qualquer jeito, Gévigne devia receber seu relatório. Flavières parou num café do Bulevar Malesherbes. Trancou-se no banheiro, lavou o rosto com seu lenço, penteou-se. Então telefonou. Uma voz desconhecida lhe disse que Gévigne não estava e que provavelmente não voltaria ao escritório aquela noite. Pediu uma aguardente e bebeu no balcão. A mágoa o enchia de uma espécie de embriaguez; tinha a sensação de estar dentro de um aquário, e de que as outras pessoas flutuavam ao redor dele como peixes. Bebeu um segundo conhaque. Volta e meia, repetia para si mesmo: “Madeleine está morta!” e, no fundo, aquilo não o surpreendia. Sempre soube que a perderia daquele jeito. Teria sido necessária enorme força, enorme vitalidade para mantê-la entre os vivos.

– Garçom, mais um!

Ele a salvara uma vez. Podia ter feito melhor? Não, não devia se censurar. Mesmo que tivesse conseguido contornar a porta, teria chegado tarde demais. Ela estava decidida a morrer. Gévigne escolheu o homem errado. Ponto final. Devia ter procurado alguém sedutor, artista, luminoso. Escolheu um sujeito acanhado, perpetuamente preocupado consigo mesmo, prisioneiro de seu passado... Tanto pior! Pagou e saiu. Deus, como estava cansado! Rodou lentamente em direção à Praça da Étoile. Suas mãos, por vezes, apalpavam pensativamente aquele volante que ela tinha segurado. Invejava os videntes que, ao simples contato de um lenço, de um envelope, são capazes de ler os pensamentos mais escondidos. Como gostaria de conhecer as últimas angústias de Madeleine. Ou antes, o segredo de sua indiferença. Ela tinha saído da vida sem nenhuma hesitação; caiu na terra, de cabeça, braços abertos, como para melhor possuí-la, afundar-se inteira nela. Não estava fugindo. Estava voltando para alguma coisa. Era como se ela tivesse bruscamente se esquivado dele. Não deveria ter bebido. O vento que soprava em suas orelhas dispersava as ideias em sua cabeça, fazia com que voassem como os pedaços de uma carta rasgada. Virou na Avenida Kléber e estacionou o Simca atrás do grande carro preto de Gévigne. Não temia mais Gévigne. Era a última vez que falaria com ele. Subiu a escada solene demais, com seu tapete vermelho e seus degraus de pedra branca. A placa de Gévigne brilhava sobre a porta dupla. Flavières tocou a campainha e

tirou o chapéu antes que a porta fosse aberta. Assumiu uma expressão humilde.

– Gostaria de falar com o senhor Gévigne... Sou o doutor Flavières.

O apartamento de Madeleine!... No olhar que pousava sobre os móveis, sobre as tapeçarias, sobre os bibelôs, ele queria transmitir um adeus; os quadros da sala, sobretudo, perturbavam-no por sua estranha vida. Quase todos representavam animais, narvais, cisnes, pavões, e recordavam, por sua fatura, o *douanier* Rousseau. Flavières se aproximou, leu a assinatura: *Ma. Gév*. Seriam aqueles os habitantes do *outro país?* Onde ela tinha visto aquele lago negro, aqueles nenúfares semelhantes a taças cheias de veneno? Que floresta era aquela que parecia montar guarda, com sua armadura de troncos e cipós, ao redor da dança dos colibris? Sobre a lareira, havia o retrato de uma jovem mulher, cujo pescoço frágil estava enfeitado por um colar amarelo de gemas alongadas: o retrato de Pauline Lagerlac. O penteado era o mesmo que o de Madeleine. Mas o rosto, elegantemente atormentado, expressava uma espécie de ausência ao mesmo tempo pungente e extenuada, como se a alma tivesse se mortificado contra um obstáculo que só ela conhecia. Desconcertado, Flavières contemplava aquela pintura quando uma porta se abriu atrás dele.

– Finalmente você está aqui! – exclamou Gévigne.

Flavières se virou e, instintivamente, encontrou o tom adequado para perguntar:

– Ela está aqui?

– Como assim? Você é que devia saber onde ela está.

Flavières se sentou com lassidão numa poltrona. Não precisava fazer nenhum esforço para parecer abatido.

– Não estávamos juntos – murmurou. – Esperei-a até as quatro horas na Praça da Étoile... Então passei no hotel da Rua dos Saints-Pères, no cemitério de Passy... Acabei de voltar. Se ela não está aqui, então...

Ergueu os olhos para Gévigne: este estava lívido, de olhos esbugalhados, com a boca entreaberta, como um homem que está sendo estrangulado.

– Não pode ser... – ele balbuciou –, Roger... você não pode...

Flavières abriu os braços.

– Como lhe disse, procurei por toda parte.

– É impossível! – gritou Gévigne. – Você se dá conta de que...

Batia os pés no tapete, com as mãos agarradas uma na outra; finalmente, deixou-se cair no canto de um divã.

– Temos que encontrá-la. Imediatamente!... Imediatamente!... Eu não poderia suportar...

Martelou o braço do divã com os punhos, e havia nesse gesto tanta raiva, tanta dor, tanta violência, que Flavières, por contágio, também se irritou.

– Quando uma mulher quer fugir – disparou raivosamente –, é muito difícil impedi-la.

– Fugir, fugir! Como se Madeleine fosse mulher de fugir! Ah! Bem que eu gostaria. Só que, a essa hora, ela pode estar...

Levantou-se, esbarrou numa mesinha, andou até a parede onde se encostou, com os ombros curvados, a cabeça inclinada, como um lutador em guarda.

– O que devemos fazer? – perguntou. – Você deve saber. Avisamos a polícia?... Pelo amor de Deus, diga alguma coisa!

– Vão rir da nossa cara – resmungou Flavières. – Se sua mulher tivesse desaparecido há dois ou três dias, aí sim.

– Mas você, Roger, eles conhecem você... Se lhes explicar que Madeleine já tentou se matar... que você a salvou... que talvez tenha tentado novamente hoje... vão acreditar em você.

– Em primeiro lugar, é provável que estejamos fazendo uma tempestade num copo d’água. Daqui a pouco ela deve chegar para o jantar.

– E se não voltar?

– Nesse caso, não cabe a mim tomar as providências.

– Em suma, você está lavando as mãos.

– Não é isso... Só que, normalmente... enfim, tente compreender... são os próprios maridos que vão à delegacia.

– Bom... É o que farei.

– Não vai adiantar. De qualquer jeito, eles não farão nada. Anotarão as características dela, prometerão fazer tudo o que puderem e esperarão os acontecimentos. É assim que funciona.

Gévigne, lentamente, pôs as mãos no bolso.

– Se tiver que esperar – rosnou –, vou acabar enlouquecendo.

Deu alguns passos, parou diante de um buquê de rosas, contemplou-o com uma expressão de desânimo.

– Se fosse você – retomou Flavières –, não me atormentaria tanto. Acabou de dar sete horas. Ela pode ter se demorado numa loja, ou encontrado alguém.

– É claro, você não está nem aí!

– Não fique colocando coisas na cabeça!... Mesmo que se trate de uma fuga... Ela não irá longe.

Foi para o meio da sala e explicou a Gévigne, pacientemente, todos os meios de que a polícia dispunha para pegar uma pessoa foragida. Apesar da exaustão,

acabou se animando. Parecia-lhe, de repente, que Madeleine de fato não poderia escapar. Ao mesmo tempo, sentia vontade de deitar no tapete e extravasar seu próprio desespero. Gévigne, sempre imóvel, parecia devanear diante do buquê.

– Assim que ela voltar, telefone para mim – concluiu Flavières.

Caminhou em direção à porta. Não era mais senhor de seu rosto, de seus olhos. Sentia que a verdade ia jorrar de dentro dele, que ia gritar: “Ela está morta!”, antes de desabar.

– Fique – murmurou Gévigne.

– Meu velho, eu gostaria... Mas se soubesse todo trabalho que tenho... Deve ter uns doze casos em cima da minha mesa!

– Fique! – suplicou Gévigne. – Não quero estar sozinho quando a trouxerem.

– Paul, que é isso... Não está sendo razoável.

A imobilidade de Gévigne era assustadora.

– Você estará aqui... Você explicará para eles... Dirá que lutamos, ambos.

– Sim, claro... Mas ninguém vai trazê-la, pode acreditar em mim.

A voz de Flavières falhou. Levou o lenço à boca com um gesto rápido, tossiu, assuou-se para ganhar tempo.

– Vamos, Paul... Vai dar tudo certo... Não esqueça de me ligar.

Com a mão na maçaneta da porta, deteve-se. Gévigne, com o queixo encostado no peito, parecia petrificado. Flavières saiu, fechou delicadamente a porta. Atravessou a antecâmara na ponta dos pés. Estava enojado até o fundo da alma e ao mesmo tempo aliviado, porque o mais difícil estava feito. Não havia mais caso Gévigne. E quanto à dor de Gévigne?... Ele próprio não estava sofrendo ainda mais? Teve que confessar, ao bater a porta do carro, que, desde o começo, se considerou como o verdadeiro marido. Gévigne não passava de um usurpador. A gente não se sacrifica por um usurpador. Não iria à polícia contar a seus ex-colegas que deixou uma mulher se suicidar porque não teve coragem... Não renunciaria uma segunda vez à sua honra por um homem que... Não! O silêncio. A paz. Aquele cliente de Orléans... não seria aquele o momento de deixar Paris?... Flavières nunca descobriu como dirigiu o Simca até a garagem. Andava, agora, ao acaso, por uma rua onde a noite caía, uma noite de província, muito azul, muito triste, uma noite de guerra. Num cruzamento, havia um ajuntamento, uma pequena mas densa multidão ao redor de um carro com dois colchões amarrados em cima. O mundo se tornava incoerente. A cidade escorria lentamente para a noite, com todas as luzes apagadas, sem um murmúrio. Viam-se as praças quase desertas, um silêncio de cortar o coração. Tudo aludia à morte. Flavières entrou num restaurantezinho da Rua Saint-Honoré e escolheu

uma mesa bem no fundo.

– O menu do dia ou quer o cardápio? – perguntou o garçom.

– O menu do dia.

Tinha que comer. Tinha que continuar a viver como antes. Enfiou a mão no bolso para tocar no isqueiro. A imagem de Madeleine se desenhou diante dele, entre seus olhos e a toalha branca. “Ela não me amava”, pensou. “Ela não amava ninguém.”

Engoliu sua sopa maquinalmente; estava desprendido de tudo, como um asceta. Ia viver como um pobre, afundar em seu luto, impor-se duras provas para se punir. Sentia vontade de comprar um chicote para se autoflagelar a cada noite; agora, tinha o direito de se odiar. Devia se odiar por muito tempo para merecer sua estima.

– Eles furaram a linha perto de Liège – disse o garçom. – Parece que os belgas estão começando a recuar, como em 14.

– Boatos – respondeu Flavières.

Liège ficava muito longe, lá em cima do mapa. Aquilo não lhe dizia respeito. Aquela guerra não era mais que um episódio da guerra que o dilacerava.

– Viram, perto da Praça da Concorde, um carro mais furado do que uma peneira – prosseguiu o garçom.

– O próximo prato – disse Flavières.

Será que não podiam deixá-lo tranquilo? Belgas! Por que não holandeses? Cretino! Comeu logo a carne. Estava dura, mas não reclamou, já que tinha resolvido não se queixar mais, fechar-se em sua desgraça para se torturar à vontade. Na sobremesa, porém, bebeu mais dois conhaques e seu pensamento foi saindo pouco a pouco do nevoeiro em que flutuava havia horas. Com os cotovelos sobre a mesa, acendeu um cigarro com o isqueiro de ouro. Tinha a impressão de que a fumaça que aspirava era um pouco da substância de Madeleine. Retinha-a dentro de si. Saboreava-a. Compreendia claramente que Madeleine nada tinha feito de mal antes de seu casamento. Era uma hipótese estúpida. Gévigne não a teria desposado sem se informar. Além disso, seria um remorso muito tardio, já que por vários anos ela parecia normal. Tudo tinha começado no início de fevereiro. Precisava levar isso em conta... Apertou o botão do isqueiro. Olhou para a fina chama por um momento, antes de soprá-la. O metal estava quente em sua mão. Não, as razões de Madeleine não podiam ser razões vulgares. Ele continuava sendo grosseiro, preso ao porquê, ao como. Mas enfiaria o ferro em brasa até o fundo de sua mente. Ele se purificaria. E, um dia, seria digno de penetrar o mistério Lagerlac. Teria uma iluminação. Imaginou-se

feito monge, numa cela, de joelhos no chão batido; mas o que estava pendurado na parede não era um crucifixo: era a foto de Madeleine. Aquela que havia no escritório de Gévigne. Esfregou as pálpebras, a testa e pediu a conta. Diabos! Tudo isso?!... Proibido reclamar. Aquilo fazia parte do castigo. Saiu. A noite tinha caído. Fazia rodar entre as altas casas seu fluxo de estrelas. Às vezes, passava um carro, só com o farolete ligado por baixo de uma longa viseira metálica. Flavières não conseguia se decidir a ir para casa. Temia o telefonema que lhe informaria a descoberta do cadáver. Também gostava da ideia de se impor um novo cansaço, extenuar aquele corpo, o verdadeiro, o único responsável por tanta desgraça. Caminhava ao acaso, numa espécie de aturdimento. Devia prosseguir aquela vigília fúnebre até o amanhecer. Era uma questão de dignidade. Talvez até mais do que isso. Lá onde Madeleine estava, talvez precisasse de um pensamento amigo. Pequena Eurídice!... Seus olhos marejavam. Gostaria de imaginar perfeitamente o nada para nele tentar se juntar a ela ao menos naquela primeira noite. Mas o máximo que conseguia era evocar uma necrópole semelhante àquela cidade privada de luz. Sombras deslizavam à sua frente, perdiam-se ao longo das ruas; e o rio que corria negro em seu leito não tinha mais nome. Era agradável vagar naquelas trevas. A terra dos vivos estava longe. Só havia agora mortos, seres solitários assombrados pelos dias de outrora. Iam, vinham, cada um pensando em alguma antiga felicidade. Alguns paravam, debruçavam-se sobre a água; outros se apressavam sem razão. Talvez todos estivessem se preparando para algum juízo final. O que o garçom tinha dito mesmo? “Eles furaram a linha perto de Liège”... Flavières sentou num banco, estendeu o braço ao longo do espaldar. Amanhã partiria... Sua cabeça oscilou; ele fechou os olhos, teve o tempo de pensar: “Canalha, está pegando no sono!”. Dormiu, de boca aberta, como um mendigo no tabique de um posto policial. O frio o despertou, muito tempo depois. Sentiu uma forte câimbra na perna, e gemeu como se fizesse amor. Depois se afastou mancando. Tremia. Sua boca seca mascava um imenso tédio. A luz do dia projetava a silhueta das colinas de pedra, suas escarpas, suas arestas e as ruínas bizarras de suas chaminés. Flavières se refugiou num café que acabava de abrir. A rádio anunciava que a situação era confusa e que a infantaria tratava de fechar algumas brechas. Comeu dois croissants embebidos em café e voltou para casa de metrô.

Assim que entrou, o telefone tocou.

– Alô... É você, Roger?

– Sim.

– Eu estava certo... Ela se matou.

Melhor se calar, aguardar a continuação. Era agoniante, aquela respiração entrecortada que parecia encostar em sua orelha.

– Fui avisado ontem à noite – continuou Gévigne. – Foi uma velhinha que a encontrou ao pé do campanário da igreja Saint-Nicolas...

– Saint-Nicolas? – repetiu Flavières. – Onde fica?

– Ao norte de Mantes... Uma cidadezinha de nada, entre Sailly e Drocourt. Não dá para acreditar!

– O que ela podia estar fazendo para aqueles lados?

– Espere... Ainda não sabe o pior. Ela se jogou do campanário e caiu morta no cemitério. O corpo foi levado para o hospital de Mantes.

– Meu pobre amigo – murmurou Flavières. – Você vai lá?

– Estou voltando de lá. Fui assim que recebi a notícia. Tentei lhe telefonar, mas você não estava. Acabei de chegar. Tenho que tomar algumas providências urgentes e depois ir para a delegacia. Eles abriram uma investigação.

– Como de praxe. Mas o suicídio é evidente, não?

– Mas não explica por que ela foi tão longe, por que escolheu aquele campanário. Não queria ter de contar que Madeleine...

– Eles não vasculharão tão longe.

– Mesmo assim. Gostaria que você estivesse lá...

– Impossível! Tenho um caso muito importante em Orléans e não posso adiá-lo indefinidamente. Mas irei ver você assim que voltar.

– Vai se ausentar por muito tempo?

– Não. Apenas alguns dias. De qualquer jeito, não vai mais precisar de mim.

– Ligarei de novo. Gostaria que você assistisse ao enterro.

Gévigne continuava respirando como alguém que acaba de correr muito.

– Meu pobre Paul... – disse Flavières com sinceridade. – Meu pobre Paul!

Baixou a voz para perguntar:

– Ela não estava muito...?

– Sim, evidentemente!... Mas não o rosto!... Seu pobre rosto... Se o tivesse visto!

– Coragem! Eu também estou sofrendo.

E desligou. Então, com a mão na parede, foi até a cama, repetindo: “Eu também... Eu também...”. Desabou na cama e afundou no sono.

No dia seguinte, partiu para Orléans no primeiro trem. Não tinha mais coragem de andar em seu carro. As notícias do *front* não eram muito animadoras. Os jornais ostentavam enormes manchetes: “Ofensiva alemã contida – Violentos combates ao redor de Liège”, mas as informações eram vagas, reticentes, e as

pessoas estampavam um otimismo já corroído pela preocupação. Flavières cochilou no canto do compartimento. Parecia intacto por fora. Por dentro, no entanto, sentia-se devastado, destroçado, calcinado por um incêndio. Não passava de uma ruína ambulante, quatro paredes de pé ao redor de um monte de escombros. Essa imagem alimentava seu penar, tornava-o suportável. Ele começava a respeitar sua provação. Em Orléans, alugou um quarto no hotel mais próximo da estação. Ao descer para comprar cigarros, viu o primeiro carro de refugiados: um vasto Buick carregado de pacotes, coberto de poeira. Mulheres dormiam dentro dele. Visitou seu cliente, mas acabaram conversando sobre a guerra. No tribunal, cochichavam que o exército Corap tinha cedido terreno. Culpavam os belgas por terem se descontrolado. Falavam também do canhão do Marne que, por três dias, tinha rugido no horizonte. Flavières se sentia bem em Orléans. Passeava à noite pelos cais, observando as andorinhas roçarem a água violeta. Os rádios estavam ligados em todas as casas. Nas mesas externas dos cafés, as pessoas pareciam todas atingidas por um mal secreto, enquanto o sol incendiava o céu sobre o Loire e os crepúsculos se faziam cada vez mais belos. O que estaria acontecendo em Paris? Madeleine já tinha sido enterrada? Gévigne já estaria de novo em Le Havre? Flavières às vezes se perguntava, com precaução, como um convalescente que abre um curativo para observar sua ferida. Sim, continuava a sofrer. As terríveis convulsões iniciais deram lugar a um torpor frio, pontuado por alguns espasmos, momentos de dor aguda. Felizmente, a guerra o distraía. Agora, já se sabia que os tanques alemães penetravam em direção a Arras, e que o destino do país estava em jogo. Diariamente, cada vez mais carros atravessavam a cidade, procuravam a ponte, o caminho para o Sul. Os moradores iam vê-los passar, sem uma palavra, de coração vazio. Cada vez mais sujos, mais apressados. Interrogavam-se os fugitivos. Flavières descobria em toda parte a imagem de seu próprio desastre. Não tinha força de voltar para casa.

Por acaso, deparou-se com a notícia breve. Estava lendo o jornal, distraidamente, bebericando um café. Percebeu o título na seção policial. Estavam investigando a morte de Madeleine, interrogando Gévigne. Aquilo destoava tanto das notícias da primeira página, das fotos de vilarejos bombardeados, que releu o artigo. Era aquilo mesmo. A polícia parecia afastar a hipótese de suicídio. Então era para isso que ela servia? Enquanto uma multidão de refugiados atravancava as estradas... Ele sabia que Gévigne era inocente. Iria lá dizer para eles assim que a situação melhorasse. Naquele momento, os trens não estavam circulando direito, havia grandes atrasos. Passaram-se mais alguns

dias, e os jornais consagravam todas as suas colunas à batalha incompreensível que estava devastando as planícies do Norte. Ninguém sabia mais onde estavam os alemães, os franceses, os ingleses, os belgas. Flavières pensava cada vez menos em Gévigne. Prometia-se, contudo, restabelecer a verdade na primeira oportunidade. Essa decisão o fazia voltar a ter alguma confiança em si mesmo e lhe permitia participar melhor das emoções de todos. Assistiu, na catedral, a missas em honra de Joana d'Arc. Rezou pela França, por Madeleine. Não distinguia mais a catástrofe nacional da sua. A França era Madeleine estraçalhada, sangrando ao pé de uma parede.

E então, certa manhã, foi a vez dos moradores de Orléans colocarem seus colchões em cima dos carros. O cliente de Flavières sumiu. "Já que nada o retém aqui", diziam-lhe, "também devia partir para o Sul". Tentou telefonar para Gévigne, num ímpeto de coragem. Ninguém atendeu. A estação de Saint-Pierre-des-Corps foi bombardeada. Com a morte na alma, subiu num ônibus que ia para Toulouse. Não sabia que estava partindo por quatro anos.

SEGUNDA PARTE

I

– Respire!... Tussa!... Respire!... Isso! Deixe-me escutar mais uma vez esse coração... Segure a respiração... Hum!... Nada bom... Pode se vestir.

O doutor observava Flavières vestir sua camisa e se virar desajeitadamente para abotoar a calça.

– Casado?

– Não. Solteiro... Estou voltando da África.

– Foi prisioneiro?

– Não. Parti em 40. Fui reformado por causa de uma pleurisia contraída em 38.

– Pretende viver em Paris?

– Não sei. Abri um escritório em Dakar. Mas estou pensando em retomar meu gabinete.

– Advogado?

– Sim. Só que meu apartamento está ocupado. E não vai ser fácil encontrar um lugar!...

O doutor acariciava a orelha, enquanto observava Flavières tentando, sem sucesso, ajeitar a gravata.

– O senhor bebe, não é mesmo?

Flavières deu de ombros.

– Sim, às vezes bebo – admitiu Flavières. – A vida não é assim tão bela.

O doutor fez um gesto vago com a mão. Sentou diante da escrivaninha e tirou a tampa da caneta.

– Seu estado geral não é muito bom – observou. – Precisa de repouso. Se fosse você, eu me instalaria no litoral de Côte d'Azur. Nice... Cannes... Quanto a suas obsessões... devia ver um especialista. Recomendo-lhe meu colega, o doutor Ballard.

– Acha que é muito sério?

– Vá ver Ballard.

A caneta rangeu sobre o papel. Flavières tirou algumas notas de sua carteira.

– Vá até o setor de abastecimento – disse o doutor enquanto escrevia. – Com

esse atestado, terá direito a um suplemento extra de carne e proteínas. Mas precisa sobretudo de calor e de repouso. Evite as preocupações. Nada de cartas. Nada de leituras. São trezentos francos. Obrigado.

Já estava acompanhando Flavières até a porta, e um novo paciente entrava na sala. Flavières desceu as escadas, irritado. Um especialista! Um psiquiatra que o faria revelar todos os seus segredos, que o faria confessar tudo o que sabia sobre a morte de Madeleine. Impossível! Preferia viver com seus pesadelos, perder-se, a cada noite, em sonho, nas galerias inextricáveis de um mundo povoado por vermes, gritar por alguém no escuro... O calor africano, a luz excessiva é que tinham judiado dele. Agora estava salvo.

Ergueu o colarinho de seu sobretudo, dirigiu-se para a Praça des Ternes. Não reconhecia mais aquela Paris ainda mergulhada nas brumas do inverno, aqueles vastos espaços vazios, aquelas avenidas onde só passavam jipes. Ficava constrangido por estar bem vestido demais. E andava rápido, como todo mundo. Flanar ainda era um luxo. O Arco do Triunfo abria um pórtico indeciso na paisagem cinzenta. Tudo era cor de passado, cor de memória; que Dia de Todos os Santos moroso tinha vindo celebrar? Não era melhor ter ficado na África? O que esperava daquela peregrinação? Tinha conhecido outras mulheres; as feridas tinham se fechado. Madeleine não era mais sequer um fantasma...

Entrou no café Dupont, sentou-se perto da vidraça. Alguns oficiais, perdidos na enorme mesa redonda. Nenhum barulho além do zumbido da cafeteira. Um garçom impertinente o examinava, considerava o tecido de seu sobretudo, seus sapatos de camurça com solas de crepe.

– Um conhaque – murmurou Flavières. – Um de verdade!

Sabia falar baixo e rápido, nos cafés, nos restaurantes. Tinha adquirido uma expressão autoritária, talvez por causa da paixão medonha que retesava seu rosto. Bebeu tudo de um só gole.

– Nada mal... Mais um.

Jogou notas à sua frente. Mais um costume adquirido em Dakar. Assumia um aspecto *blasé* ao lançar suas notas amassadas, como se estivesse voltando do fim do mundo, como se todos os homens tivessem para com ele uma dívida que nunca seria paga. De braços cruzados, contemplava a bebida que despertava tão bem os fantasmas. Não, Madeleine não estava morta. Desde o momento em que tinha desembarcado na estação, ela não parava mais de atormentá-lo. Há rostos que esquecemos; eles se gastam; o tempo os rói como aquelas figuras de pedra, nos umbrais das catedrais, cujas testas e faces pouco a pouco perderam o modelado, a palpitação da vida. Mas ela continuava intacta no fundo dos olhos

de Flavières. O sol das tardes brilhava outrora ao redor dela como um nimbo. A imagem sangrenta, a última, a do cemitério, tinha se apagado, não era mais que uma ideia incômoda, fácil de afastar. Mas as outras, todas as outras, permaneciam miraculosamente frescas, novas, atraentes. Flavières, com a mão fechada em volta do copo, não se mexia. Voltava a sentir no corpo o calor do mês de maio; via a ronda dos carros em torno do Arco do Triunfo. Ela chegava, com sua bolsa debaixo do braço, os olhos dissimulados pelo pequeno véu... debruçava-se sobre a ponte, deixava cair a flor vermelha... rasgava uma carta cujos pedaços esvoaçavam... Flavières bebeu, apoiou-se pesadamente na mesa. Estava velho agora. Diante dele, o que havia? A solidão? A doença?... Enquanto os sobreviventes se esforçavam para reconstruir seus lares, reatar amizades, refazer um futuro, ele só tinha cinzas para remexer. Então, por que renunciar àquilo que...

– Mais um!

Só mais um. Não gostava do álcool. Buscava apenas reacender, no fundo de si mesmo, a pequena brasa de onde irradiava, a seguir, um pouco de esperança. Saiu, e o ar frio o fez tossir. Mas a cidade não o amedrontava mais. Atrás da fumaça de seu hálito, ela se tornava semelhante a um reflexo na água, à cidade de Ys, engolida pelo mar, onde as sombras só se alimentavam dos pensamentos dos vivos. Chegou à Praça da Étoile, fingiu estar esperando, à beira da calçada. A chuvinha de fevereiro voava numa fina poeira, rodava, como uma nuvem pálida, através das avenidas reluzentes. Ela não viria mais. Talvez Gévigne também tivesse deixado Paris... Flavières entrou na Avenida Kléber e procurou a casa. As persianas do segundo andar estavam fechadas. O Talbot na certa fora requisitado por algum membro do estado-maior. Os próprios quadros... a jovem sonhadora, acima da lareira... os pavões... o que teria acontecido com tudo aquilo? Adentrou o pórtico. A zeladora estava varrendo.

– O Sr. Gévigne se encontra?

– O Sr. Gévigne?!

Ela olhava para Flavières, sem compreender.

– O coitado... – retomou – faz tempo que morreu.

– Paul morreu! – murmurou Flavières.

Para que continuar? Eis o que descobriria a cada passo. A morte! A morte!

– Entre – disse a zeladora.

Sacudiu a vassoura e abriu a porta do seu cubículo.

– Eu parti em 40 – explicou Flavières.

– Então é por isso...

Havia, perto da janela, um velho senhor, com óculos de ferro sobre o nariz, examinando pensativamente um sapato em que sua mão estava enfiada. Ele ergueu a cabeça

– Não se incomode, por favor – disse Flavières.

– Não temos mais nem papelão para remendar esses sapatos – resmungou o velho.

– O senhor era amigo do Dr. Gévigne? – retomou a zeladora.

– Amigo de infância. Ele me telefonou quando sua mulher morreu. Mas tive que deixar Paris naquele mesmo dia.

– O coitado! Ele nem ousava voltar sozinho, lá... E não tinha ninguém para ajudá-lo. Fui eu que o acompanhei, que o ajudei a vestir aquela pobre madame. O senhor pode imaginar...

"Que roupa colocaram nela?", Flavières quase perguntou. "Seu *tailleur* cinza?..."

– Sente-se – disse a zeladora. – O senhor deve ter um minuto...

– Soube por acaso que a polícia o incomodou.

– Incomodou é apelido... Ele quase foi preso!

– Paul... preso?! Como assim... pensei que a mulher dele tinha se suicidado.

– É claro que ela se matou. Mas sabe como é, a polícia! Ele tinha desafetos, o pobre senhor... Então, quando começam a fuçar na vida das pessoas!... Vieram aqui nem sei quantas vezes. Perguntas que não acabavam mais, sobre ele, sobre a mulher dele... Eles se davam bem? Ele estava em casa no dia da tragédia? E mais isso, e mais aquilo... Meu Deus, você se lembra, Charles?

O velho estava talhando uma sola, com uma faca de cozinha, numa tampa de lata.

– Sim, foi o maior bafafá... Como agora – resmungou.

– Mas como Gévigne morreu? – perguntou Flavières.

– Foi morto na estrada, perto do Mans. Uma manhã, nós o vimos descer, estava muito nervoso. "Não aguento mais", ele nos disse. Com a gente ele se abria. "Vou dar no pé! Se quiserem me pôr no xadrez, que corram atrás de mim." Meteu as malas no carro e se foi... Soubemos depois... O carro foi metralhado. O coitado morreu enquanto o levavam para o hospital... Não merecia uma coisa dessas, com certeza!

"Se eu estivesse aqui", pensava Flavières, "ele não teria partido, o avião teria metralhado algum desconhecido, não ele. E eu poderia falar com ele agora, explicar...". Apertou uma mão na outra. Nunca deveria ter voltado.

– Não tiveram sorte – continuou a zeladora. – E, no entanto, davam-se tão

bem!

– Mas ela não estava um pouco... doente? – perguntou Flavières timidamente.

– Não... Ela tinha um jeito triste, com aquelas roupas escuras... mas era o jeito dela... Ficava tão contente, por outro lado, quando podia sair com ele!

– O que não era muito frequente – disse o velho.

Ela se virou para ele:

– Com o trabalho que ele tinha, o coitado, nunca estava livre. Sempre em trânsito daqui para Le Havre. Não devia ser fácil!

– Onde a enterraram? – perguntou Flavières.

– No cemitério de Saint-Ouen. Mas a fatalidade a perseguiu mesmo lá. Quando os americanos bombardea-ram La Chapelle, toda uma parte do cemitério que fica à beira da estrada foi revolvida. Encontraram pedras e ossadas por todo lado. Houve até uma cerimônia, acho.

Flavières tremia dentro do seu sobretudo, cujo colarinho levantado quase cobria seu rosto.

– Então, o túmulo dela? – sussurrou.

– Não há mais túmulos ali. Levaram terra, fecharam os buracos, as crateras como eles dizem. Vão reconstruir os jazigos mais tarde.

– Os mortos – disse o velho – não precisam de nossa piedade.

Flavières lutava contra imagens horríveis e sentia, lá no fundo de si mesmo, o trajeto áspero das lágrimas que não deixaria correr ali. Estava tudo acabado. A página virada. Os restos de Madeleine tinham sido aniquilados num incêndio. À maneira antiga, ela teve sua pira, e suas cinzas flutuaram ao vento das explosões. Aquele rosto, que ainda vinha visitá-lo, não era mais nada, nada. Devia devolvê-lo à noite e, uma vez liberado, tentar viver.

– E o apartamento? – perguntou.

– Por enquanto, fechado. Foi um primo distante dela que herdou o imóvel. É tudo muito triste.

– Sim – disse Flavières.

Levantou-se e ajeitou seu sobretudo.

– É um golpe duro – admitiu a zeladora – receber bruscamente a notícia da morte de um amigo.

O velho enfiava pregos na sola presa entre seus joe-lhos, e seu martelo fazia um horrível barulho de socos. Flavières praticamente correu até a rua. A chuvinha aplicou em seu rosto uma máscara pegajosa. Sentiu que a febre ia se instalar, novamente, em suas veias. Atravessou a avenida, entrou no pequeno

café onde se sentava, outrora, esperando Madeleine.

– Alguma coisa forte – pediu.

– Pode deixar – disse o dono. – O senhor não parece muito bem.

Passeou os olhos ao redor, baixou a voz:

– Um whisky?

Flavières pôs os cotovelos no balcão. Uma onda de calor se propagava agora pelo seu peito. A angústia diminuía, ia derretendo como um pedaço de gelo, transformava-se em calma melancolia. O médico tinha razão: cuidados, sol, paz no coração, era isso o que contava. Sobretudo a paz no coração! Não pensar mais em Madeleine. Tinha a intenção, ao vir para Paris, de pôr flores no túmulo dela. Pois bem, não havia mais túmulo! Melhor assim. O último elo tinha se rompido. A peregrinação acabava ali naquele bistrô, diante daquele copo pela metade contendo um líquido ensolarado. Tudo o que tinha amado, a mulher do retrato, a doce desconhecida que ele tinha arrastado pela mão para longe das sombras em que ela ia se perder, tudo culminava naquele copo de whisky. Um sonho concebido num momento de embriaguez! Mas não, já que havia aquele isqueiro. Levou um cigarro à boca, pegou o isqueiro de ouro, sopesou-o, guardou-o no oco da mão. Teria que se livrar dele, perdê-lo astuciosamente, como quando se abandona um bicho? Mais tarde. Por enquanto... Acabava de decidir, ou antes, acabavam de decidir por ele, como sempre. Soltou o copo vazio, pagou regiamente. Adorava surpreender os rostos tornados servis.

– Seria possível obter um táxi?

– Puxa, não vai ser fácil. O senhor vai para longe?

– Para o lado de Mantes.

– Não custa tentar.

Deu alguns telefonemas, sem parar de sorrir para Flavières. Soltou o aparelho.

– Gustave vai levá-lo – disse. – Talvez seja um pouco caro... O senhor sabe como anda o preço da gasolina no mercado negro!

O táxi logo chegou, um velho Renault C4 com barulho de ferro batendo. Flavières, antes de partir, pagou uma rodada. Tornava-se extremamente generoso quando queria realizar um projeto. Explicou pacientemente a Gustave:

– Vamos até o norte de Mantes, entre Sailly e Drocourt... Lá tem uma cidadezinha minúscula, com um campanário... Indicarei o caminho... Depois voltaremos pelo mais curto. Não ficarei muito tempo lá.

Partiram. As estradas de inverno contavam uma única e morna história, uma história de combates, de destruição, de trocas de tiro e bombardeios. Enregelado

no canto do carro, Flavières, através do vapor que se formava nos vidros, via desfilarem os campos escuros, procurava inutilmente a lembrança das árvores em flor, dos barrancos brancos, cobertos de margaridas. Madeleine, dessa vez, afastava-se, começava realmente a morrer. Vamos, mais um esforço! Sabia que ela continuava em seu coração. Nunca tinha enxergado com mais nitidez dentro de si mesmo do que naquele momento. Tinha começado a beber justamente para reduzir ao silêncio aquela testemunha cética, irônica, que zombava de tudo, acusava-o de mentir para si mesmo, desde sempre, de representar uma interminável elegia, para satisfazer seu gosto pela tristeza, pela solidão e pela impotência. Mas faziam-se necessários cada vez mais copos para calar aquela testemunha racionalizadora. Quando o torpor invadia os membros de Flavières, e sua cabeça ficava embotada, então Madeleine reaparecia, doce e misericordiosa. Falava-lhe da vida que podia ter sido, e Flavières sangrava de felicidade. O outro Flavières renascia pela manhã, amargo, com a boca cheia de insultos.

– Estamos em Sailly – gritou Gustave.

Flavières, com a ponta dos dedos, limpou o vidro.

– Vire à direita. Fica a dois ou três quilômetros daqui.

O táxi rodava por uma estradinha profundamente sulcada. As árvores, escurecidas pela chuva, pingavam sobre valas repletas de folhas mortas. Aqui e ali, uma casa, com uma pequena fumaça azul saindo pela chaminé.

– Estou vendo um grande campanário – anunciou Gustave.

– É ali... Espere-me na frente da igreja.

O carro parou. Flavières pôs o pé no chão e ergueu a cabeça para a galeria que havia bem no alto da torre. Não estava comovido, mas sentia um frio estranho. Afastou-se, em busca das casas cujos telhados avistara quando lutava, na escadaria, contra a vertigem. Elas estavam lá, mais abaixo, aninhadas sob castanheiros de galhos nus... uma dezena de casebres cinzentos em volta dos quais franguinhos ciscavam sem fazer barulho. Havia uma lojinha de pé direito baixo, com uma vitrine e um letreiro apagado. Flavières empurrou a porta. Cheiro de vela e de petróleo. Alguns cartões postais amarelavam numa estante.

– O que deseja? – disse uma velhinha, surgindo dos fundos da loja.

– Por acaso não tem ovos? – perguntou Flavières. – Ou um pouco de carne? Estou doente e não há como se abastecer em Paris.

Não tinha o tom suplicante o bastante, o aspecto humilde o suficiente. Sabia de antemão que ela recusaria. Com um jeito distraído, olhava os cartões postais.

– Pena – murmurou. – Tentarei em outro lugar. Mas vou levar este cartão com a vista da igreja... Saint-Nicolas?... Esse nome me lembra alguma coisa...

Espere... em 40, maio de 40... os jornais não falaram de um suicídio?

– Sim – disse a velha –, uma mulher caiu do campanário.

– Isso, agora lembro. A mulher de um empresário parisiense, não é isso?

– Sim. A Sra. Gévigne. Lembro do nome dela. Fui eu que descobri o corpo. Aconteceu muita coisa de lá para cá... Mas não esqueci daquela coitada.

– Por acaso não teria um pouco de aguardente? – perguntou Flavières. – Não consigo me esquentar.

Ela ergueu para ele seus olhos que tinham visto o fluxo e o refluxo da guerra, e não expressavam mais nada.

– Acho que sim – disse.

Flavières pôs o cartão postal no bolso e alinhou algumas moedas enquanto ela ia buscar uma garrafa e um copo. Era uma bagaceira horrível, que queimava a garganta.

– Estranha ideia, jogar-se de um campanário – ele observou.

Ela escondeu lentamente as mãos sob seu lenço. Talvez não achasse a ideia tão estranha...

– Ela sabia que não ia falhar – respondeu. – A torre tem mais de vinte metros. E ela caiu de cabeça.

"Eu sei", quase disse Flavières. Sua respiração estava acelerada, mas não tinha a impressão de estar sofrendo. Simplesmente, sentia que Madeleine estava se retirando dele, destruindo-se de maneira definitiva. Cada palavra da velha era como uma pazada de terra num túmulo ainda entreaberto.

– Eu estava sozinha no vilarejo – ela retomou. – Nem um homem. Todos mobilizados. E as mulheres nas plantações. Às seis da tarde, fui à igreja, rezar pelo meu filho que estava num corpo de voluntários...

Calou-se por um instante. Parecia ainda mais mirrada em suas roupas pretas.

– Saí pela sacristia. Há uma porta nos fundos da igreja... E um atalho até minha casa pelo cemitério. Foi então que a vi... Para chamar a polícia foi uma longa novela...

Ela observava as galinhas ciscando em volta da soleira. Na certa, lembrava do medo e da canseira daquele dia, a polícia finalmente alertada, as idas e vindas até o fundo do cemitério, homens vasculhando o chão com lanternas e, mais tarde, o marido, com um lenço na frente da boca...

– São momentos penosos – disse Flavières.

– Sim. Sobretudo por que a polícia ficou vindo aqui uma semana inteira. Achavam que a coitada tinha sido empurrada...

– Empurrada?... Por quê?

– Porque, no começo da tarde, para os lados de Sailly, tinham visto um homem e uma mulher num carro vindo para cá.

Flavières acendeu um cigarro. Então era isso. Testemunhas o tinham tomado pelo marido. E esse engano acabou levando à morte de Gévigne.

Do que serviria protestar agora? Explicar à velhinha que o homem não era Gévigne, que tudo aquilo era um erro monstruoso. Aquela história não interessava mais ninguém. Esvaziou o copo, procurou mais alguma coisa para comprar, mas só havia vassouras, feixes de lenha e rolos de barbante.

– Obrigado pela aguardente – murmurou.

– De nada – disse a velha.

Ele saiu e jogou fora o cigarro que o fazia tossir. Tendo voltado à frente da igreja, hesitou. Devia parar mais uma vez diante do altar, ajoelhar-se no genuflexório onde ela tinha rezado? Por que, se a prece dele foi em vão?! Por que, se ela tinha se dissolvido no espaço?! Pensou no dogma cristão da ressurreição dos corpos. Como, no dia do Juízo, o corpo de Madeleine poderia renascer daqueles átomos dispersados, reconduzidos à simplicidade dos elementos? “Adeus, Madeleine”, ele cochichou contemplando a cruz ao redor da qual grasnavam corvos.

– Vamos voltar, patrão? – perguntou o motorista.

– Sim, vamos voltar.

E, quando o táxi começou a rodar, teve a certeza, vendo, pelo vidro de trás, o campanário se afastar, que o passado, também ele, recuava, desaparecia para sempre na curva da estrada. Fechou os olhos e cochilou até Paris.

À tarde, aquilo foi mais forte do que ele: visitou o consultório do doutor Ballard e lhe contou sua história, como a um confessor, evitando apenas pronunciar o nome de Gévigne e falar dos desdobramentos judiciais da tragédia. Não aguentava mais. Estava quase chorando enquanto falava.

– No fundo – disse o psiquiatra –, você ainda a procura. Você se recusa a admitir que ela esteja morta.

– Não é exatamente isso – protestou Flavières. – É claro que ela está morta. Estou certo disso. Mas penso... sim, é uma loucura, se quiser... penso em sua bisavó, Pauline Lagerlac... Enfim, entende o que quero dizer... elas pareciam ser a mesma pessoa.

– Em outras palavras, essa jovem, Madeleine, já tinha morrido uma vez. É isso? É nisso que acredita?

– Não é uma crença, doutor. Sei o que pude ver, constatar...

– Em suma, considera que Madeleine bem que poderia reviver, já que tinha

superado a morte uma primeira vez.

– Se insiste em colocar as coisas nesses termos...

– Claro, elas são menos nítidas em sua mente. Você se aplica, inconscientemente, a encobri-las. Deite-se, por favor.

O psiquiatra verificou longamente seus reflexos, fazendo cara de que a coisa não estava boa.

– Você já bebia antes?

– Não, comecei em Dakar, pouco a pouco.

– Drogas?

– Não, nunca.

– Pergunto-me se realmente deseja se curar...

– Certamente – balbuciou Flavières.

– Não beber mais... esquecer essa mulher... repetir para si mesmo que ela está mesmo morta... que só se morre uma vez, para sempre. Entenda: para sempre... Quer mesmo isso, com todas as suas forças?

– Sim.

– Então, não deve hesitar. Vou escrever um bilhete para um amigo que dirige uma casa de saúde perto de Nice.

– Vão me internar?

– Não. Não está doente a esse ponto. Vou enviá-lo para lá por causa do clima. Alguém que morou na África como você precisa de muito sol. Tem dinheiro?

– Sim.

– Aviso, vai demorar.

– Ficarei o tempo que for preciso.

– Perfeito.

Flavières se sentou, com as pernas moles. Não prestava mais atenção às palavras do médico nem aos seus próprios gestos. Apenas repetia para si mesmo: “Curar-me... Curar-me...”. Arrependia-se por ter amado Madeleine, como se aquele amor fosse perigoso. Ah! Voltar a viver, recomeçar; mais tarde, aproximar-se de outras mulheres, ser semelhante aos outros, meu Deus!... O doutor multiplicava as recomendações. Flavières aceitava tudo, prometia tudo. Sim, partiria aquela noite mesmo... Sim, ia parar de beber... Sim, descansaria... sim... sim...

– Quer que chame um táxi? – propôs a enfermeira.

– Prefiro caminhar um pouco.

Foi até uma agência de viagens. No guichê, um cartazinho anunciava que

todos os trens estavam lotados por uma semana. Flavières pegou sua carteira e obteve uma passagem para aquela mesma noite. Faltava apenas ligar para o tribunal e para o seu banco. Uma vez acertado tudo, vagou pela cidade onde tinha se tornado um estrangeiro. O trem partia às 21 horas. Jantaria no hotel. Tinha quatro horas para matar. Entrou num cinema. Nem viu o que estava passando. Queria simplesmente esquecer sua consulta com Ballard, as perguntas de Ballard. Nunca tinha acreditado seriamente que podia ficar louco. Agora, sentia medo, suas costas estavam úmidas, o desejo de beber secava sua garganta. Estava recomeçando a se odiar e ter nojo de si mesmo.

A tela se iluminou e uma música tonitruante anunciou as atualidades. *A visita do general de Gaulle a Marselha.* Uniformes, bandeiras, baionetas, a multidão transbordando das calçadas. *Closes* de rostos, de boca aberta, gritando aclamações que não se ouviam. Um homem gordo brandindo seu chapéu. Uma mulher virando-se lentamente para a câmera: viam-se seus olhos muito claros, seu rosto magro que se assemelhava a um retrato de Thomas Lawrence. O turbilhão da multidão logo a tirava do foco, mas Flavières teve tempo para reconhecê-la. Erguendo-se, avançou para a tela um rosto aterrorizado.

– Sentado! – gritou uma voz. – Sentado!

Tentou afrouxar o colarinho, com a cabeça perdida, o peito invadido por um grito que o sufocava. Contemplava sem compreender os quepes, as saudações, os corneteiros. Uma mão brutal o forçou a sentar.

II

Não, não era ela... Flavières ficou para a segunda sessão; obrigou-se a observar friamente a tela; esperou a aparição do rosto com toda sua atenção concentrada, pronto para captar e reter a imagem. E a imagem surgiu, pelo espaço de um segundo; e toda uma parte dele gemeu, mais uma vez, enquanto a outra permanecia impassível. Não havia como se equivocar: a mulher na tela devia ter seus trinta anos; parecia corpulenta... o que mais? a boca... não era o mesmo desenho dos lábios... Contudo, a semelhança era inegável... Os olhos, sobretudo... Flavières se contraía, tentava comparar a lembrança recente com a lembrança antiga e acabava por não ver mais senão manchas coloridas, como se tivesse olhado para uma luz forte demais. Voltou à noite. Não importava, pegaria o trem do dia seguinte... E, à noite, fez uma descoberta: o homem cujo rosto, em *close-up*, precedia o da desconhecida, estava visivelmente com ela; marido ou amante, ele a acompanhava; segurava seu braço, decerto para não perdê-la na multidão. Outro detalhe que tinha escapado a Flavières: o homem estava bem vestido; havia uma grande pérola em sua gravata; a desconhecida também usava um casaco de pele... Flavières notou ainda mais uma coisa, o que mesmo?... Saiu logo após as atualidades. As ruas estavam pouco iluminadas; continuava chovendo, e Flavières afundou mais o chapéu por causa do vento. O gesto o fez pensar mais uma vez na cena de Marselha: o homem estava sem chapéu, apesar de seu sobretudo, e, por trás, meio desfocada, havia uma fachada de hotel, três grandes letras na vertical: RIA. Provavelmente parte de um nome que devia se acender a noite. Talvez *Astoria*... Bom e o que mais?... Mais nada... Flavières aplicava-se simplesmente a reconstruir a imagem do filme; fazia tanto tempo que não cedia àquela mania de raciocinar. Sentia prazer em pensar que, com toda probabilidade, o homem e a mulher tinham saído do hotel para assistir ao cortejo. Quanto à semelhança... Sim, aquela mulher se parecia um pouco com Madeleine. E daí?... Grande coisa! Isso era razão para ficar transtornado daquele jeito? Havia, em Marselha, um homem feliz junto a uma mulher cujos olhos... Porém, pessoas felizes, ele veria por toda parte dali em diante! Devia se acostumar com aquela ideia, ainda que doesse um pouco!... Parou no bar do

hotel. Sim, tinha prometido ao médico... mas precisava de um ou dois copos, para escarnecer daquele casal de hóspedes do Astoria.

– Whisky!

Bebeu três. Não tinha importância, já que logo iria começar a se cuidar seriamente, e o whisky era mais eficaz do que o conhaque. Derrubava na hora os arrependimentos, as suspeitas, os rancores. Restava o sentimento confuso de uma enorme injustiça, mas este nenhuma bebida jamais derrubaria. Deitou-se. Tinha sido idiota retardar sua partida.

No dia seguinte, despejou algumas notas no bolso de um controlador e se instalou num compartimento de primeira classe. Aquele poder infinito do dinheiro tinha chegado tarde demais para ele. Não o impedia de estar sempre febril, cansado, aborrecido. Se fosse rico antes da guerra... se pudesse oferecer a Madeleine... de novo essa velha história! É verdade que tinha conservado o isqueiro... Talvez por causa daquela filmagem ridícula. Aliás, nada o impedia de o jogar pela janela. Há objetos que possuem um poder sorrateiro, que secretam uma espécie de veneno invisível e estragam lentamente a vida. Os diamantes, por exemplo. Então, por que não um isqueiro? Mas sabia que nunca conseguiria se desfazer dele. Era a prova de que quase tinha sido feliz. Exigiria que fosse enterrado junto com ele quando morresse. Ir para o fundo da terra com um isqueiro, mais uma ideia maluca!... Ao ritmo das rodas, no balanço regular do trem, ele devaneava... brincava com aquela ideia... por que o mistério das galerias sempre o atraíra, assombrara, o barulho de uma gota d’água num subterrâneo, o sopro monótono da noite através do entrelaçamento das passagens, dos túneis, aquele mundo estagnado, tortuoso, ramificado em filões, lagos negros, pedras preciosas adormecidas em suas gangas? Quando estava em Saumur... tudo tinha começado lá, talvez por causa de sua infância solitária... O livro que lia e relia, com o arrepio da pequena morte, era uma velha mitologia, o prêmio ganho por seu avô na escola... Havia uma divisa na folha de rosto: *Labor omnia vincit improbus* e, quando viravam-se as páginas, cheias de manchas avermelhadas, descobriam-se gravuras estranhas: Sísifo e sua pedra, as Danaides... e, saindo de um jazigo, Orfeu trazendo Eurídice pela mão. Sob os véus, apesar de seu perfil grego, a jovem se parecia com a menina do livro de Kipling... Flavières, com a cabeça oscilando sobre a renda suja do encosto da poltrona, contemplava pela janela as formas barulhentas do mundo dos vivos. Sentia-se bem: desfrutava de si mesmo, de seu cansaço, da liberdade reencontrada. Em Nice, poderia comprar uma casa de campo. Dormiria de dia e, à noite, na hora em que os morcegos abrem suas asas como pavilhões negros,

vagaria pela costa, sem pensar em nada... Ah! Sem pensar em nada! Afundava no nada do sono como um peregrino que reconhece pouco a pouco seu país e acelera o passo.

Quando o trem chegou a Marselha, Flavières desceu. Não estava pensando, obviamente, em se instalar naquela cidade. Aliás, fez questão de se informar com um funcionário.

– Sua passagem lhe dá direito a uma parada de oito dias.

Portanto, inútil tentar trapacear. Logo teria que partir. Aquela simples pausa não o obrigava a nada. Só o tempo de verificar, nada além disso. Ergueu o braço para chamar um táxi.

– Para o Astoria.

– O Waldorf Astoria?

– Naturalmente – disse Flavières, com uma ponta de humor.

No saguão do imenso hotel, olhou prudentemente ao seu redor. Sabia que aquilo era um jogo. Estava brincando, naquele momento, de causar medo em si mesmo. Gostava daquela perturbação, daquela expectativa não sabia bem do quê.

– Quantos dias pretende ficar no hotel?

– Eh... oito.

– Só temos um quarto grande no primeiro andar, com uma pequena sala.

– Para mim tanto faz.

Mesmo aquilo lhe agradava. Precisava do luxo para acreditar na comédia que representava para si mesmo. No elevador, interrogou o ascensorista.

– Quando foi que o general de Gaulle esteve em Marselha?

– Faz oito dias a contar de domingo.

Flavières calculou. Doze dias. Era muito.

– Por acaso não reparou, nessas duas últimas semanas, num homem de certa idade, muito elegante, com uma pérola na gravata?

Aguardava a resposta sentindo nas costelas a lenta dor da ansiedade, por mais que soubesse que aquilo não levaria a nada.

– Não, não me lembro – disse o ascensorista. – Passa tanta gente por aqui!

Santo Deus! Aquilo era óbvio. Não havia nem mesmo razão para ficar decepcionado. Flavières trancou a porta do quarto. Um velho costume. Sempre tivera a mania dos fechos, dos ferrolhos, das fechaduras de segurança, mas ultimamente tinha se deixado dominar por ela. Barbeou-se. Vestiu-se luxuosamente. Aquilo também fazia parte do jogo. Seus pulsos tremiam um pouco, e seus olhos, que ele observava no espelho do banheiro, estavam

brilhantes como os de um ator. Desceu indolentemente a grande escadaria, dirigiu-se ao bar com as mãos no bolso do jaquetão, exatamente como se esperasse encontrar um antigo amigo. Seu olhar varria rapidamente o salão, à direita, à esquerda, detinha-se em cada mulher. Procurou um banco junto ao balcão.

– Whisky!

De ambos os lados de uma estreita pista de dança, pessoas tagarelavam em enormes poltronas. De pé, dois homens conversavam de cigarro na mão. Havia bandeirinhas dentro de vidros, reflexos em cada garrafa, uma música sincopada que batia lentamente como uma pequena febre, e a vida começava a parecer um conto. Flavières bebia seus whiskys a grandes goles. A febre entrava nele. Sentia-se pronto. Pronto para quê?...

– Mais um!

Pronto para suportar a presença dos dois sem estremecer. Vê-los de uma vez e partir. Não pedia mais do que isso. Talvez... na sala de jantar? Dirigiu-se ao imenso cômodo onde um garçom logo veio atendê-lo.

– O senhor está sozinho?

– Sim – disse Flavières distraidamente.

Um pouco ofuscado pelas luzes, intimidado, instalou-se desajeitadamente em sua cadeira, sem ousar ainda examinar as pessoas das outras mesas. Escolheu alguns pratos, quase ao acaso. Então, com expressão de tédio, começou, lentamente, a virar a cabeça. Muitos oficiais, poucas mulheres; ninguém prestava atenção nele. Sozinho em seu canto, percebeu de repente que estava perdendo tempo, que seu raciocínio era inepto e que o casal entrevisto no cinema jamais se hospedara naquele hotel. A câmera os registrara por acaso, parados na calçada; podiam ter saído de um carro ou ter vindo de um hotel vizinho. E então? Ia vasculhar a cidade inteira? Para quê? Para encontrar uma mulher que se parecia vagamente com... Para reavivar a chama de um amor feito em cinzas!... Obrigou-se a comer. Sim, estava terrivelmente só; tinha se imposto a travessia, a viagem a Paris, para mergulhar na enorme onda de tumulto, de alegria e de ódio que varria a Europa. Sua peregrinação? Um pretexto. E, aquela noite, ele não era mais que um destroço abandonado na costa pelo refluxo da maré; só lhe restava voltar a Dakar, retomar suas atividades monótonas. Lá também havia clínicas, se fazia tanta questão de se curar...

– Um café?... Um licor?

– Sim, um licor de mirabela.

A hora avançava. Fumava, com o olhar turvo, uma gota de suor formando-se

na raiz dos cabelos. Em volta dele, as pessoas se levantavam, entre os estalidos dos talheres, das bandejas. Inútil permanecer oito dias. Iria para Nice no dia seguinte, descansar um pouco antes de dizer adeus à França. Levantou-se, todos os ossos doloridos, alquebrado pela interminável viagem. A sala de jantar tinha se esvaziado. Os espelhos refletiam ao infinito sua silhueta magra que hesitava por entre as mesas. Subiu lentamente a escadaria, para se oferecer uma última chance, mas só cruzou dois americanos que desciam apressados, saltando os degraus. Uma vez no quarto, amontoou suas roupas numa poltrona e se deitou de lado. Penou para adormecer e, mesmo em seu sono, tinha a impressão de buscar alguma coisa que fugia diante dele.

De manhã, quando abriu os olhos, tinha como que um gosto de sangue na boca e se sentia esgotado. Levantou-se desanimado. Estava naquele pé. Por culpa sua! Se tivesse esquecido aquela mulher em 1940, se não tivesse se comprazido em carregar seu luto, se não tivesse desdenhado se tratar... Agora era tarde, talvez já estivesse condenado. Ah! De repente a odiava tanto! Como se detestava por ser aquele sujeito de sentimentos complicados, que cultivava como um esteta emoções suspeitas! Massageou delicadamente as pálpebras e apoiou a mão na testa: um gesto que se tornaria habitual... Sua doença!... Falariam gentilmente com ele dali em diante... Acabou de se vestir, com pressa de consultar os horários dos trens. Marselha lhe parecia uma cidade a ser temida, com sua fumaça, sua algazarra, aquela vida pujante demais que fermentava nas ruas. Além disso, sentia vontade de ser mimado por mulheres de branco, maternais; aspirava ao silêncio; estava construindo um novo romance para manter afastada a ideia assustadora que, apesar de tudo, volta e meia o assolava como uma veia repleta de sangue negro: “Minha vida já era!”.

Saiu, percorreu o longo corredor com seu grosso tapete. Sua cabeça continuava doendo. Desceu a escada degrau por degrau, respirou um pouco mais fundo, então se dirigiu à recepção. Numa pequena sala que se abria diante desta, viajantes tomavam seu café da manhã; pessoas robustas, cujos maxilares se moviam em cadência, de uma maneira repugnante. Flavières viu um homem gordo... estaria sonhando?... Um homem cuja gravata... Meu Deus!... Seria ele?... Um homem elegante, dos seus cinquenta anos, que cortava em dois um pãozinho, conversando com uma mulher mais jovem que estava de costas para Flavières. Ela tinha cabelos castanhos, muito longos, em parte escondidos pelo casaco de pele que estava jogado sobre seus ombros. Para descobrir seu rosto seria preciso entrar na sala... Dali a pouco, sim, entraria... mais tarde. Por ora estava perturbado demais. Aquilo não era nada bom para ele, aquelas emoções

estúpidas! Maquinalmente, tirou um cigarro de seu estojo. Mas logo voltou a guardá-lo. Não devia ser imprudente. E, para começar, aquele homem e aquela mulher absolutamente não o interessavam. Apoiou-se no balcão da recepção e interrogou o empregado em voz baixa:

– Aquele senhor ali... o homem meio careca... está vendo?... aquele de frente para a mulher com o casaco de pele... como é mesmo seu nome?

– Almaryan.

– Almaryan!... O que ele faz?

O empregado piscou o olho.

– Um pouco de tudo... Nesse momento, há dinheiro para ser ganho... e ele o ganha!

– É a esposa dele?

– Certamente não... ele nunca fica com elas por muito tempo, entende?

– Posso dar uma olhada no horário dos trens?

– Certamente, senhor.

Flavières foi se sentar no saguão e ficou folheando o horário; então ergueu os olhos. De sua poltrona, podia ver melhor a mulher, e a certeza resplandeceu nele, imediatamente, como um sol negro... Madeleine! Era ela. Como pôde hesitar?... Ela tinha mudado, envelhecido: seu rosto tinha engordado... Era outra Madeleine, mas era a mesma Madeleine... A mesma!

Deixou-se afundar lentamente na poltrona, abandonando sua cabeça no encosto. Não tinha força para pegar seu lenço e enxugar o suor que molhava seu rosto. Talvez desmaiasse se tentasse fazer um gesto, formar um pensamento. Não se mexia mais, porém, a imagem de Madeleine estava ali, em sua memória, atravessava-o de cabo a rabo como uma flecha incendiária em sua mente; ardia sob suas pálpebras fechadas; “Morrerei se for ela”, pensou. O horário escapou de seus dedos e caiu no assoalho.

Lentamente, com desconfiança, Flavières se recompôs. Também não ia perder a cabeça só porque tinha visto uma sósia de Madeleine! Abriu os olhos. Não. Não era uma sósia. Quem pode dizer de onde vem a certeza de reconhecer alguém? Ele sabia, agora, que Madeleine estava ali, perto do gordo Almaryan, exatamente como sabia que não estava sonhando, que se chamava Flavières, e que sofria abominavelmente. Sofria porque também tinha certeza absoluta de que Madeleine estava morta...

Almaryan se levantou e ofereceu a mão à mulher. Flavières apanhou o horário e ficou curvado enquanto o casal entrava no saguão e passava perto dele. Percebeu a parte de baixo do casaco de pele, os sapatos finos... Quando se

levantou, viu-os através das grades do elevador que desenhavam no rosto de Madeleine uma fina rede de sombras semelhante a um veuzinho, e sentiu de novo a mordida áspera de seu antigo amor. Deu alguns passos vacilantes, deixou o horário no balcão, perguntando-se se ela o teria notado, reconhecido.

– O senhor vai continuar com seu quarto? – perguntou o empregado da recepção.

– Evidentemente! – respondeu Flavières entre os dentes.

Aquela palavra selava seu destino. Ele sabia disso.

Durante toda a manhã, vagou ao redor do Porto Velho, ao sol. A guerra e os negócios se misturavam ali. As velhas pedras tremiam à passagem dos trens como a superfície de um vulcão. Flavières, assustadiço, oferecia-se ao barulho, à irradiação da multidão. Nunca haveria gente o suficiente para protegê-lo do medo. Pois, afinal, ele tinha visto o cadáver... e Gévigne também o tinha visto, e a velha que a vestiu... e os policiais encarregados daquela estúpida investigação. Dez pessoas tinham identificado o corpo... Portanto, não era Madeleine quem estava acompanhando Almaryan... Bebeu um pastis num bar da Avenida Canebière. Só um. Mas bastou para que um leve torpor se instalasse nele. Acendeu um cigarro com o isqueiro, aquele isqueiro que não mentia, que estava ali, em sua mão, polido de tanto tê-lo passado em seus dedos, numa prece muda, como as contas de um rosário. Madeleine tinha morrido, lá, ao pé do campanário... e, antes dela, Pauline... E no entanto... Voltou ao whisky, porque a ideia que acabava de atravessar sua mente era tão estranha que precisava concentrar todas as suas forças para examiná-la sob todos os seus aspectos. Não tinha nenhuma dificuldade em se lembrar daquela conversa no Louvre: “Já passei aqui de braços dados com um homem...”, dissera Madeleine, “ele se parecia com você, mas tinha suíças...”.

Como tudo, de repente, ficava claro! Naquela época, não pudera entender; estava cheio demais de vida, cego pelos preconceitos; ainda não tinha sido iniciado na desgraça, na doença... Agora estava pronto para aceitar a inacreditável e consoladora verdade. Assim como Pauline tinha tomado emprestado o corpo de Madeleine, Madeleine tinha... Mas ele próprio, num tempo esquecido, talvez também já tivesse contemplado aquele mar violeta, aquelas velas marrons!... Talvez a morte já o tivesse atingido... Quantas vezes?... Meu Deus, se a gente pudesse ter certeza, realmente certeza... Madeleine sabia! Então por que ele tinha medo? O que temia? Acordar? Não acreditar mais no milagre? Ser terrivelmente desenganado? Não. Simplesmente tinha medo de revê-la, pois não conseguiria impedir a si mesmo de falar com ela; queria falar

com ela. Mas conseguiria suportar seu olhar? Escutar sem estremecer o som de sua voz?

Levantou cambaleante, voltou para o Waldorf e se trocou para o jantar. Vestiu-se de preto, julgando que continuava de luto. Assim que transpôs a porta do bar, avistou-a na sala de jantar. Ela parecia devanear, com o queixo sobre as mãos cruzadas, enquanto Almaryan falava em voz baixa com o *maître*, provavelmente tentando obter pratos proibidos. Flavières se sentou, levantou um dedo, e o garçom, que agora já o conhecia bem, deixou diante dele um copo cheio de whisky. Na pista exígua, casais dançavam e, pela porta aberta de par em par para a sala de jantar, viam-se os hóspedes e os carrinhos lentamente empurrados por garçons em trajes brancos. Ela parecia triste, e era aquela tristeza que fascinava Flavières. Já outrora... E isso que Gévigne a mimava! Estranho pensar que desconhecidos tinham herdado a fortuna dela e que agora ela era pobre, obrigada a viver com aquele Almaryan que parecia um califa cheio de astúcia. Trazia nas orelhas brincos de mau gosto. Suas unhas estavam pintadas. A outra Madeleine era tão mais refinada! Flavières tinha a impressão de assistir a um filme mal dublado, com uma atrizinha perdida no papel da vedete. Ela quase não comia e de tempos em tempos levava os lábios ao copo. Pareceu aliviada quando Almaryan se levantou. Aproximaram-se do bar, procurando uma mesa livre. Flavières girou em seu banco, mas escutou atrás dele Almaryan pedindo dois cafés. Seria aquele o momento? Nunca teria coragem... Estendeu uma nota para o garçom e desceu do banco. Precisava agora se virar e dar três passos. Então, quatro anos de angústia deixariam de pesar sobre ele; passado e presente se reconciliariam; Madeleine estaria ali, como se a tivesse deixado na véspera, depois de um passeio a Versalhes. E talvez ela esquecesse como tinha escapado...

Bruscamente, deu os três passos, inclinou-se cerimoniosamente para a mulher e convidou-a para dançar. Por alguns segundos, viu Almaryan bem de perto, suas bochechas amareladas, seus olhos úmidos de um negro aveludado, e o rosto erguido de Madeleine, seu olhar pálido que nada expressava além de tédio. Ela aceitou contrariada. Será que não o reconhecia? Balançavam um contra o outro e Flavières sentia um aperto na garganta. Era como se estivesse violando um mandamento, transgredindo algum intangível interdito.

– Eu me chamo Flavières – murmurou. – Esse nome não evoca nada para você?

Ela fingiu polidamente procurar em sua memória.

– Não, desculpe-me... realmente não.

– E você, como se chama?

– Renée Sourange.

Ele quase protestou, mas compreendeu de repente que ela tinha sido obrigada a mudar de estado civil, e sua perturbação aumentou ainda mais. Estudava-a de viés. A testa, o azul dos olhos, a linha do nariz, a saliência da maçã do rosto, cada detalhe daquela figura amada e cem vezes contemplada no segredo da memória era igual ao que tinha visto outrora. Se fechasse os olhos se sentiria transportado para aquela sala do Louvre onde pela primeira e última vez teve Madeleine em seus braços. Mas o penteado da nova Madeleine não era elegante; mas sua boca tinha murchado, apesar dos cremes e da maquiagem. E era quase melhor assim. Ela não o intimidava mais. Ele ousava aproximá-la dele, senti-la viva com a mesma vida que ele. Ele temia vagamente abraçar uma sombra. Encontrou uma mulher e já se censurava por desejá-la, como se tivesse profanado algo muito profundo e muito puro.

– Você morava em Paris antes da Ocupação, não é?

– Não. Eu vivia em Londres.

– Não pode ser. Você não era pintora?

– Não, está enganado... Pinto um pouco, quando não tenho nada para fazer, mas não passa disso.

– Nunca foi a Roma?

– Não.

– Por que está tentando me enganar?

Ela olhou para ele com seus olhos claros, um pouco vazios, inesquecíveis.

– Não estou enganando você, garanto.

– Esta manhã você me viu no saguão do hotel. Você me reconheceu. E agora está fazendo de conta...

Ela tentou se soltar, e Flavières apertou-a mais forte contra si, bendizendo a orquestra que tocava ininterruptamente.

– Perdoe-me.

Afinal, por vários anos Madeleine tinha ignorado que era Pauline. Não era de admirar que Renée ainda não soubesse que era Madeleine. “Estou completamente bêbado”, pensou Flavières.

– Ele é ciumento? – perguntou, apontando Almaryan com o queixo.

– Oh! Não... – ela respondeu tristemente.

– Mercado negro, não é?

– Evidentemente. E você?

– Eu não. Sou advogado. Ele é muito ocupado?

– Sim. Sai muito.

– Então podemos nos ver durante o dia?

Ela não respondeu. Ele deixou sua mão deslizar um pouco, até a cintura de Madeleine.

– Se precisar de mim... – ele murmurou – quarto 17... Não vai esquecer?

– Não... Mas agora tenho de voltar para ele.

Almaryan estava fumando um charuto. E lendo o jornal da região, *Le Dauphiné libéré.*

– Ele não parece estar sentindo falta de você... – disse Flavières. – Até amanhã.

Inclinou-se, depois atravessou o saguão, esquecendo que não tinha jantado. No elevador, perguntou ao ascensorista:

– Qual é o número do quarto do Sr. Almaryan?

– Apartamento 11, senhor.

– Essa mulher que está com ele, como se chama?

– Renée Sourange.

– É o seu nome verdadeiro?

– Com mil diabos! É o que está escrito na carteira de identidade dela...

Ele que nunca dava gorjetas foi extremamente generoso. Teria dado qualquer coisa para saber... Para saber! Bebeu, antes de deitar, vários copos d'água, sem conseguir dissipar o nevoeiro em que se sentia perdido. Teve que admitir que estava com medo, de novo. Por mais bêbado que estivesse, dava-se conta de que ela devia tê-lo reconhecido. A menos que fosse amnésica. Ou estivesse fingindo. Ou não fosse Madeleine!

No dia seguinte, quando acordou, a primeira coisa em que pensou, com raiva, foi naquilo, e concluiu, rindo com escárnio, que estava mais do que na hora de ir para a casa de saúde em Nice. Corava de vergonha de suas elucubrações da véspera. Além disso, não tinha mais nada a fazer em Marselha. Sua saúde em primeiro lugar! E para o diabo aquela mulher que se parecia com Madeleine!

Contudo, espreitou a partida de Almaryan e a seguir foi até a porta nº 11. Deu pequenas batidinhas, como alguém familiar.

– Quem é?

– Flavières.

Ela abriu. Tinha os olhos vermelhos, as pálpebras inchadas e não estava vestida.

– Renée, o que houve?

Ela recomeçou a chorar. Ele fechou a porta com o ferrolho.

– Vamos, minha pequena... conte-me tudo...

– É Almaryan... – ela balbuciou. – Ele quer me deixar.

Flavières olhava para ela sem indulgência. Sim, era Madeleine, uma Madeleine que o traíra com Almaryan. Talvez com outros também. Ele fechava os punhos no fundo dos bolsos, e seu sorriso estava crispado.

– Oh! Que grande tragédia! – disse em tom de deboche. – Então o deixe partir! Por acaso eu não estou aqui para cuidar de você?

As lágrimas de Renée redobraram.

– Não! – ela exclamou. – Não!... Você não!

– E por que não? – ele disse, inclinando-se para o rosto dela.

III

Senhor diretor,
Tenho a honra de informá-lo que a soma indicada foi depositada em sua conta de Marselha. Esta retirada não chega a afetar significativamente a tesouraria; contudo, é de meu dever alertá-lo da irregularidade dessa operação, que não poderá ser repetida sem gerar inconvenientes para nossa empresa. Espero que sua saúde esteja melhor, e que tenhamos o prazer de vê-lo logo de retorno a Dakar. Aqui tudo vai bem. O movimento dos negócios continua bastante satisfatório.
Queira aceitar, senhor diretor, a expressão da minha mais elevada consideração.

J. TRABOUL.

Flavières rasgou a carta com raiva. Qualquer coisinha o deixava fora de si. Sobretudo agora!

– Uma má notícia? – perguntou Renée.

– Não. É aquele idiota do Traboul.

– Quem é?

– Meu subdiretor... Se fosse dar ouvidos a ele, o fim do mundo seria amanhã. E o doutor Ballard que me recomendava repouso... Repouso! Venha – prosseguiu em tom brusco. – Vamos tomar um ar!

Sentia falta do amplo apartamento do Waldorf. Os quartos do Hôtel de France eram pequenos, feios e, ainda por cima, terrivelmente caros. Mas pelo menos ali não corriam o risco de encontrar Almaryan. Tirou um cigarro do estojo e riscou um fósforo. Não ousava mais usar o isqueiro desde que... Ela estava passando pó de arroz diante da penteadeira, arrumando o cabelo.

– Não gosto desse penteado – ele resmungou. – Não podia mudar um pouco?

– Como?

– Sei lá. Fazer um coque atrás da nuca.

Tinha falado sem pensar e se arrependeu imediatamente por ter dito aquilo. Para que recomeçar aquela briga que durava havia dias, com suas violências

extenuan-tes e seus apaziguamentos enganosos? Rodavam um em volta do outro como feras jogadas na mesma jaula que ficam grunhindo e mostrando os dentes ou se deitam e sonham com a liberdade.

– Espero você lá embaixo.

Foi direto ao bar e olhou furiosamente para o garçom sorridente. Eram todos da mesma laia, atrás dos seus balcões, fingidos, cúmplices, sussurrando suas ofertas como se quisessem enganar alguma testemunha desconfiada. Bebeu. Podia beber já que tinha certeza! Por mais que ela negasse, ele tinha certeza! Uma certeza total, profunda, vinda da carne e do sangue. Como se ela fosse sua filha, e não sua amante. Aliás, era de fato muito pouco sua amante! Podia passar muito bem sem aquele amor! Na verdade, ficava até meio escandalizado com o fato de que Madeleine pudesse consentir no prazer. O que amava nela, desde sempre, era... não sabia explicar aquilo para si mesmo... era justamente o fato de ela não ser completamente real. E agora, ao contrário, ela parecia se esforçar para se parecer com as outras mulheres; com todas as suas forças ela queria ser Renée, apegava-se àquela personalidade sem graça e sem mistério. E no entanto... Se consentisse em revelar seu segredo! Como ele teria se sentido maravilhosamente liberado de sua solidão! Pois era ele o morto e ela a viva!

Lá vinha ela descendo a escada. Ele a observava com um vago esgar no canto dos lábios. Aquele vestido era colorido demais, pretensioso, mal cortado. Os sapatos não eram altos o bastante... na verdade, seria preciso remodelar toda a cara. Uma ajudinha para restituir suas covinhas, devolver às maçãs do rosto sua saliência comovedora. Um traço vivo do pincel para retesar as sobrancelhas, conferir-lhes um pouco do seu mistério de outrora. Só os olhos continuavam perfeitos; só eles traíam Madeleine. Flavières pagou e foi até ela. Sentia vontade de abrir os braços, para abraçá-la ou para estrangulá-la.

– Vim o mais rápido que pude – ela disse.

Ele quase deu de ombros. Ela não sabia mais achar as palavras que ele esperava. Mesmo aquela maneira de deslizar a mão por sob o braço dele o incomodava. Era submissa demais, temerosa demais. Tinha medo dele. Nada era mais irritante. Andaram lado a lado em silêncio. “Se tivessem me prometido isso um mês atrás”, ele pensava, “teria morrido de felicidade”. Porém, nunca tinha sido tão infeliz.

Diante das vitrines, ela diminuía o passo, fazia-se mais pesada no braço de Flavières, e ele se impacientava, julgando vulgar aquela frivolidade.

– Deve ter lhe faltado muita coisa durante a guerra – ele disse.

– Tudo – ela murmurou.

Aquele acento de pobreza o comoveu.

– Foi Almaryan que a vestiu?

Sabia de antemão que aquilo a feriria. Contudo, não pôde se conter. Ela crispou um pouco os dedos sob a manga dele.

– Fiquei bem contente em encontrá-lo.

Foi sua vez de ficar vexado. Era o jogo deles. Mas ainda não estava resignado.

– Escute aqui... – ele começou furiosamente.

Mas para que continuar? Arrastou-a em direção ao centro.

– Não ande tão rápido – ela disse –, estamos passeando!

Não respondeu. Agora era ele que examinava as vitrines. Acabou descobrindo o que queria.

– Venha!... Deixe as perguntas para depois.

Um empregado se inclinou com as mãos unidas.

– A seção de vestidos! – disse Flavières em tom ríspido.

– Primeiro andar. O elevador fica ali no fundo.

Dessa vez estava decidido. E era bom aquela anta do Traboul pagar. Um áspero prazer o queimava. Ela ia confessar!... Teria de confessar! O ascensorista fechou a grade e o elevador deslizou.

– Querido – sussurrou Renée.

– Cale-se.

Ele caminhou até a vendedora.

– Mostre-nos vestidos. O que tiver de mais elegante.

– Sim, senhor.

Flavières se sentou. Estava um pouco ofegante, como depois de um exercício violento. A vendedora mostrava sobre uma longa mesa vestidos de todos os tipos e espreitava o rosto de Renée, mas ele logo interveio, apontando:

– Este aqui.

– O preto? – surpreendeu-se a vendedora.

– Sim, o preto.

E, virando-se para Renée:

– Pode experimentá-lo?... Dê-me esse prazer.

Ela hesitou. Corou por causa da jovem que os observava, então entrou no provador com a vendedora. Flavières se levantou, pôs-se a andar de um lado para o outro; voltava a encontrar suas expectativas de outrora, a mesma ansiedade palpitante, a mesma sufocação; encontrava de novo a vida. No fundo do bolso, apertava com força o isqueiro. Então, porque o tempo não passava

depressa o bastante, porque suas mãos se enervavam, ficavam úmidas, procurou, entre uma fileira de trajes pendurados, um *tailleur*. Queria que fosse cinza. Mas nenhum cinza que via era o certo. Nenhum cinza, decerto, reproduziria a tonalidade exata daquele de que guardava a lembrança. Mas será que sua memória não tinha idealizado os mínimos detalhes? Será que realmente estava certo daquela recordação?... A porta do provador rangeu; virou-se e recebeu o mesmo choque que recebera no hotel ao vê-la pela primeira vez, o mesmo choque em plena carne. Era Madeleine ressuscitada, Madeleine que se imobilizava, como se o tivesse reconhecido; Madeleine que, agora, avançava, um pouco pálida, trazendo nos olhos a mesma interrogação triste que outrora. Estendeu sua mão emagrecida, mas logo a deixou recair. Não. A imagem de Madeleine ainda não estava perfeita. Como não notar os brincos cujo brilho espalhafatoso arruinava irremediavelmente a linha do perfil?

– Tire isso! – ordenou em voz baixa.

E, já que ela não entendia, arrancou ele próprio, com seus dedos que apertavam forte demais, as bijuterias pretensiosas. Recuou um passo, sentiu com desespero a impotência do pintor que não consegue expressar inteiramente sua visão.

– Bom! – disse para a vendedora. – Madame já vai sair com esse vestido... Esse *tailleur* é do mesmo tamanho que o vestido, não?... Pode embalá-lo. E mostre para nós a seção de sapatos.

Renée se deixava levar. Talvez compreendesse por que Flavières estudava tão detalhadamente cada par de sapatos, parecendo discutir consigo mesmo, criticando silenciosamente a curvatura de um salto ou o desenho de uma presilha. Escolheu um par de finos calçados brilhantes.

– Vejamos... Caminhe!

Imediatamente, ela requebrou sobre os saltos altos, parecendo mais esbelta. Apertados no vestido preto, seus quadris se animavam delicadamente.

– Está bom! – gritou Flavières.

E como a vendedora, surpresa, levantasse a cabeça:

– Muito bem – disse bem rápido –, ficamos com eles... Coloque os outros numa caixa.

Pegou sua companheira pela mão e a conduziu até um espelho.

– Olhe para você... – murmurou. – Olhe para você, Madeleine.

– Por favor, não! – ela suplicou.

– Vamos, mais um esforço... Esta mulher de preto... Você percebe que ela não é mais Renée!... Lembre-se!

Ela sofria visivelmente. O pavor contraía seu rosto, retesava sua boca, e o outro rosto despontava intermitentemente, como um reflexo fugidio. Levou Madeleine para o elevador. Quanto aos cabelos, veriam mais tarde. O mais urgente era o perfume, aquele fantasma do passado. Agora tinha que ir até o fim, acontecesse o que acontecesse... Mas o perfume não existia mais. Por mais que Flavières se obstinasse a encontrá-lo.

– Não... não conheço nenhum assim – dizia a vendedora.

– Como não?... Não sei bem como explicar... Um cheiro de terra revirada, de flor murcha...

– Talvez o número 3 da Chanel...

– Talvez.

– Não é mais fabricado, senhor. Pode ser que ainda o encontre numa loja pequena, não aqui.

Ela o puxava pela manga para ir embora. Ele não saía do lugar, apalpando pensativamente os frascos de formas rebuscadas. Sem aquele perfume, a evocação não seria completa. Acabou cedendo, mas, antes de partir, comprou um chapéu *à la* Madeleine, um pequeno chapéu de pele de toupeira franzido com sutileza. E, enquanto pagava, contemplava de soslaio a silhueta insólita e familiar que estava ao seu lado, e um pouco de indulgência se infiltrava em seu coração. Foi ele quem pegou o braço de Madeleine desta vez.

– Por que todas essas extravagâncias? – ela perguntou.

– Por quê?... Porque quero que você se reencontre. Quero saber a verdade.

Ela estava tensa. Ele a sentia hostil, alheia, mas a mantinha apertada contra ele. Não escaparia mais. Acabaria cedendo.

– Quero que você seja a mais bela – ele retomou. – Almaryan já era. Nunca existiu.

Andaram por alguns minutos, apoiados um no outro. Então não se aguentou e voltou a dizer:

– Você não pode ser Renée. Está vendo, não estou zangado... Estou falando calmamente.

Ela suspirou e, imediatamente, ele quase explodiu de raiva.

– Sim, eu sei. Você é Renée; viveu em Londres com seu tio Charles, irmão do seu pai. Nasceu em Dambremont, nos Vosges, uma cidadezinha de nada, perto de um riozinho... Já me contou tudo isso, mas não é possível. Está enganada.

– Não vamos recomeçar – ela suplicou.

– Não estou recomeçando. Estou apenas afirmando que em algum ponto de

suas lembranças há algo errado. Deve ter ficado doente em algum momento, seriamente doente.

– Eu lhe garanto...

– Há doenças que deixam estranhas lesões.

– Lembraria de alguma coisa mesmo assim... Tive escarlatina aos dez anos de idade, só isso.

– Não, não pode ser só isso.

– Meu Deus, como você é chato!

Ele tentava ser paciente, como se Madeleine fosse uma convalescente, um ser frágil que não pudesse ser sobrecarregado, mas tamanha teimosia o deixava revoltado.

– Você não me contou quase nada de sua infância – continuou. – Gostaria de conhecê-la melhor.

E, como estavam passando na frente do museu Grobet-Labadié, acrescentou:

– Vamos entrar aqui. Poderemos conversar.

Mas compreendeu, assim que penetraram no vestíbulo, que seu tormento ia renascer, mais cruel do que nunca. O barulho de seus passos, o silêncio das coisas ao redor deles, as pinturas, os retratos, tudo o fazia lembrar do Louvre com uma intensidade pungente. E, como ela baixava a voz para não perturbar o mudo recolhimento das salas vazias, sua maneira de falar ficava ainda mais parecida com a de Madeleine, aquele contralto velado que conferia tanto valor a suas confidências. Flavières escutava menos suas palavras que a estranha música destas. Ela lhe contava sua juventude. E, talvez por coincidência, aquela juventude era quase igual à de Madeleine. Filha única... órfã... seus estudos num curso complementar, até o diploma... depois, a Inglaterra, seus trabalhos como tradutora... E, no braço de Flavières, estava a mesma silhueta perturbadora que ele ainda tinha vontade de abraçar. Parou diante de uma tela que representava o Porto Velho e perguntou com uma voz alterada:

– Gosta desse tipo de pintura?

– Não... Quer dizer, não sei... Sou muito ignorante, você sabe.

Ele suspirou e levou-a mais adiante, para o setor de miniaturas: caravelas, galeras, tartanas, um navio de três pontes com todos os seus canhões e a teia de aranha de seus cordames minúsculos.

– Continue falando.

– O que quer que eu diga?

– Tudo! O que você fazia. O que pensava.

– Oh! Eu era uma menina como as outras... um pouco menos alegre, talvez...

Gostava muito de ler, de lendas...

– Você também!

– Como todas as crianças! Passeava nos morros ao redor da minha casa. Contava histórias para mim mesma. Via a vida como um conto de fadas... Estava enganada!

Entraram numa sala consagrada às antiguidades romanas. Estátuas, bustos de olhos vazios e cabelos encaracolados sonhavam ao longo das paredes sobre seus pedestais. O mal-estar de Flavières aumentou. Aqueles rostos de cônsules e pretores pareciam multiplicar a máscara de Gévigne e, involuntariamente, recordava certas palavras de seu amigo: “Quero que vigie minha mulher... Ela me preocupa...”. Ambos estavam mortos, mas não suas vozes... Nem tampouco suas aparências... E Madeleine, como outrora, andava ao lado dele.

– Nunca morou em Paris?

– Não. Passei por Paris quando fui para a Inglaterra. Só isso.

– Quando o seu tio morreu?

– Ano passado, em maio... Foi então que fiquei desamparada e resolvi voltar para a França.

“Caramba”, pensou Flavières, “estou interrogando-a como se tivesse cometido algum crime!”.

Não sabia mais muito bem aonde queria chegar. Estava amargo e frustrado. Escutava Madeleine distraidamente. Estaria mentindo? Mas por que o faria? E como poderia ter inventado todos aqueles detalhes com que o cumulava agora? Mesmo o mais cético dos homens teria jurado que ela era mesmo Renée Sourange.

– Você não está nem me escutando. O que há com você?

– Nada... Estou um pouco cansado. É sufocante aqui dentro.

Atravessaram rapidamente várias salas. Flavières ficou feliz em rever o sol, ouvir o movimento da rua. Tinha vontade de ficar sozinho, de beber.

– Vou deixá-la aqui. Ainda não peguei minhas rações suplementares... Tenho que passar no abastecimento. Passeie... Compre o que quiser. Pegue!

Tirou um monte de notas da carteira, mas logo se arrependeu daquele gesto de esmola. Por que tinha feito dela sua amante? Tinha estragado tudo. Criado uma espécie de monstro, que não era Madeleine nem Renée.

– Não demore muito! – ela exclamou.

E, quando ela estava a vinte, trinta metros, afastando-se na calçada ensolarada, quase correu para alcançá-la, de tanto que seu jeito de andar, o movimento de seus ombros, o passo vivo de suas pernas ligeiramente entravadas

eram iguais aos de Madeleine. Ela estava chegando a um cruzamento – Meu Deus! Ia perdê-la, e fora ele próprio que abrira as mãos e a deixara fugir... Mas não, idiota, ela não fugirá... Não há perigo!... Ela não é besta. Vai esperá-lo comportadamente no hotel.

Entrou num café. Não aguentava mais.

– Um pastis!

A bebida fresca não o aplacou. Voltava incessantemente ao insolúvel problema. Renée era Madeleine, e, no entanto, Madeleine não era realmente Renée. E não havia doutor Ballard que pudesse resolver aquele enigma. A menos que ele, Flavières, estivesse enganado desde o começo; sua memória lhe pregasse uma peça. Tinha conhecido tão pouco a verdadeira Madeleine, a de outrora... Tanta coisa tinha acontecido... Ora, vamos! Madeleine não tinha assombrado seus dias e suas noites? Sua imagem não tinha permanecido perpetuamente erguida nele, como um ícone? Teria reconhecido Madeleine de olhos fechados, só de senti-la perto dele. Não, Madeleine é que era diferente das outras mulheres: de uma outra espécie. E assim como tinha parecido meio perdida no papel de Pauline, assim também hesitava no de Renée, como se seu espírito tivesse dificuldade em escolher entre tantos invólucros. Talvez fosse se tornar Renée definitivamente?... Nunca! Jamais aceitaria isso! Porque Renée era uma mulher que começava a envelhecer... porque não tinha nem a mesma distinção nem o mesmo charme que Madeleine... porque recusava, enfim, todas as provas que ele incansavelmente lhe apresentava.

Pediu um segundo aperitivo. Provas! Dava para chamar de provas aquelas afirmações incontroláveis? Ele estava moralmente certo de que ela era Madeleine. Mas só isso. Para desarmá-la, obrigá-la a reconhecer que estava se escondendo sob a identidade de Renée, teria sido necessário um fato material, indiscutível. Mas o quê?

O álcool começava a correr em suas veias, e, concentrando-se o máximo que podia, tentava transformar aquele fogo surdo em luz. Entrevia uma espécie de prova, ao alcance da mão, fácil de estabelecer. Diversas vezes tinha percebido a carteira de identidade de Renée em sua bolsa: *Renée Catherine Sourange; data de nascimento: 24 de outubro de 1916; local: Dambremont, Vosges.* E daí?

Pagou, ficou ali mais um pouco refletindo. Sua ideia era perfeitamente razoável. Saiu, subiu num bonde que se dirigia ao correio. Havia nele um grande vazio, por causa de sua descoberta. Não queria mais pensar agora. Olhava os rostos medíocres das pessoas apertadas, de pé, e quase desejava ser uma delas... Pelo menos teria menos medo.

No correio, entrou na fila, sem reclamar. Se as linhas estivessem restabelecidas, se as chamadas não fossem numerosas demais, logo ficaria sabendo...

– Gostaria de telefonar para Dambremont.

– Que departamento?

– Vosges.

– Dambremont? – repetiu o funcionário. – Deve depender de Gérardmer. Nesse caso...

Chamou um colega.

– Você deve saber isso... Dambremont, Vosges... O senhor quer telefonar.

O outro ergueu a cabeça.

– Dambremont?... Completamente destruída pelos boches... O que o senhor queria?

– Verificar uma certidão de nascimento – disse Flavières.

– Não há mais prefeitura, mais nada... Um monte de pedras espalhadas.

– Como posso fazer então?

O homem deu de ombros e voltou a escrever. Flavières deixou o guichê. Não havia mais arquivos, registros de estado civil. Mais nada além de uma carteira de identidade expedida em outubro ou novembro de 1944... E o que significava uma carteira de identidade? ...A prova, a única prova de que Renée já vivia quando Madeleine... Desceu as escadas tristemente. Aquela prova não existia. Ninguém jamais poderia demonstrar que elas tinham vivido ao mesmo tempo, que eram duas. Portanto, se não eram duas...

Flavières andava sem rumo. Não devia ter bebido. Não devia ter ido ao correio. Estava mais tranquilo antes! Por que não podia se contentar em simplesmente amar aquela mulher, sem envenenar com aquelas obsessões sua vida comum? Está certo que aquela prova indireta não valia nada. Uma coincidência não é uma prova. Então? Devia ir a Dambremont? Vasculhar os escombros? Estava ficando odioso. E se, cansada das suspeitas dele, de suas censuras, de sua vigilância irritante, ela o abandonasse? Sim... Se um belo dia ela fugisse...

Aquele pensamento quebrou suas pernas. Parou por um instante, numa esquina, com a mão no peito como um doente que verifica as batidas de seu coração. Então voltou a andar lentamente, encurvado. Pobre Madeleine. Como ele se comprazia em fazê-la sofrer! Mas também, por que ela se calava? E se ela falasse, se dissesse: “Sim, eu morri... Estou voltando de lá... esses olhos tão claros e tão desesperados viram e não podem esquecer...”, será que ele não cairia

fulminado?!

“Dessa vez”, pensou, “estou mesmo louco!”. E, um pouco mais adiante: “A extrema lógica talvez seja aquilo que chamam de loucura!”. Na frente do hotel, hesitou. Então, percebendo uma floricultura, comprou alguns cravos e mimosas. Aquilo alegraria o quarto. Renée não se sentiria mais prisioneira. Pegou o elevador, e, na estreita cabine, o cheiro da mimosa se intensificou e o fez pensar num antigo perfume... A obsessão voltou, sorrateira. Quando abriu a porta, estava desfalecendo de asco e de desespero. Renée estava deitada na cama. Flavières jogou o buquê em cima da mesa.

– E então? – perguntou.

O quê? Ela estava chorando. Ah! não... Avançou. Com os punhos cerrados.

– O que você tem?... Responda! O que aconteceu?

Pegou a cabeça dela, virou-a para a luz.

– Minha pobre pequena!

Nunca tinha visto Madeleine chorar, mas não tinha esquecido seu rosto molhado, sua figura pálida, aquele dia, à beira do Sena. Fechou os olhos, levantou.

– Por favor – murmurou –, pare de chorar, imediatamente... Não sabe o quanto...

E, arrebatado por um brusco movimento de cólera, bateu com o pé no chão.

– Pare! Pare!

Ela se sentou, puxou-o para perto de si. Não se mexeram mais. Pareciam ambos esperar alguma coisa. No final, Flavières passou o braço sobre os ombros de Renée.

– Perdoe-me... Não consigo mais controlar meus nervos... Mas gosto de você.

O dia declinava lentamente. Ouvia-se um bonde ranger lá embaixo, e seu trole lançava às vezes faíscas verdes que se refletiam nos espelhos. A mimosa cheirava a terra molhada. Com o corpo apoiado no de Renée, Flavières ia se acalmando. Por que procurar, continuar sempre procurando? Estava bem, junto àquela mulher. Teria preferido que ela fosse a antiga Madeleine, é claro, mas, no crepúsculo, com um pequeno esforço, não podia imaginar que ela estava ali, em seu vestido preto, tendo escapado por um momento das sombras em que tinha se dissolvido?

– Está na hora de descer – ela disse em voz baixa.

– Não. Não estou com fome... Vamos ficar.

Era um repouso maravilhoso. Ela seria dele enquanto a noite durasse,

enquanto o rosto dela não fosse mais do que uma mancha pálida no oco de seu ombro... Madeleine!... Ele mergulhava numa quietude que nunca tinha sentido. Não, elas não eram duas pessoas diferentes... inútil tentar explicar... não tinha mais medo.

– Não tenho mais medo – murmurou.

Ela acariciou a testa dele. Ele sentiu o hálito dela em seu rosto. O cheiro da mimosa se espalhava, enchia o quarto. Ele afastou delicadamente aquele corpo estendido cujo calor entrava nele, deitou-se, procurou a mão que tocara de leve seu rosto.

– Venha!

A cama afundou ao lado dele. Ele não tinha soltado a mão dela. Tocava com cautela, como se quisesse contar seus dedos. Reconhecia, agora, o punho ossudo, o polegar curto, as unhas arredondadas. Como tinha podido esquecer? Deus! Como sentia sono. Descia, por sua vez, às trevas onde vivem de modo estranho as recordações. Havia, diante dele, um volante sobre o qual se estendia uma mão miúda, tão viva, a mesma que tinha desfeito um pacote atado com uma fitinha azul, que tinha também amassado o cartão: *Para Eurídice ressuscitada*... Voltou a abrir os olhos... Ao lado dele, estendia-se uma forma imóvel. Por um instante, escutou-a respirar. Então, apoiando-se num cotovelo, inclinou-se sobre o rosto invisível, pôs os lábios sobre os olhos fechados que viviam, mexiam-se imperceptivelmente.

– Não quer mesmo me dizer quem você é? – sussurrou.

Lágrimas molharam as pálpebras mornas, e ele as saboreou pensativamente. Então procurou seu lenço debaixo do travesseiro, não o encontrou.

– Já volto.

Sem barulho, foi até o banheiro. A bolsa de Renée estava ali, sobre a mesa, em meio aos frascos. Abriu-a, tateou, mas não havia lenço. Porém, seus dedos encontraram uma coisa que o intrigou... gemas alongadas, um colar. Sim, um colar. Aproximou-se da janela, ergueu o colar na pálida luz de aquário que penetrava através dos vidros foscos. Um reflexo dourado percorreu as pedras de âmbar. Suas mãos começaram a tremer. Não havia dúvida. Aquele era o colar de Pauline Lagerlac.

IV

– Você bebe demais – disse Renée.

Olhou imediatamente para a mesa vizinha, temendo ter falado muito alto. Ela se dava conta de que fazia dias que Flavières chamava a atenção dos outros hóspedes. Só para desafiá-la, ele esvaziou seu copo de um gole. Tinha o rosto pálido e as maçãs do rosto vermelhas.

– Não é esse falso *bourgogne* que vai me subir à cabeça.

– Mesmo assim... Não devia...

– Sim, eu não devia... Passo a vida fazendo o que não devia. Não está me dizendo nada de novo.

Ele fazia uma expressão cruel, sem razão. Ela examinou o cardápio para não ver mais aqueles olhos duros e desesperados, que a espreitavam sem trégua. O garçom parou perto deles.

– Para a sobremesa?

– Uma tortinha – disse Renée.

– Para mim também – disse Flavières.

Inclinou-se para ela assim que o garçom se afastou.

– Você não anda comendo nada... Antes tinha mais apetite.

Estava sorrindo de leve e seus lábios tremiam um pouco.

– Engolia três ou quatro brioches com facilidade – ele continuou.

– Eu...

– Sim!... Lembre-se... Nas Galerias Lafayette.

– De novo essa história!

– Sim, é a história de um tempo em que eu era feliz.

Flavières respirou fundo, procurou em seus bolsos, depois vasculhou a bolsa de Renée atrás de cigarros e fósforos. Sem tirar os olhos dela.

– Não devia fumar – ela disse com voz fraca.

– Sei, também não devia mais fumar. Mas o fato é que gosto de ficar doente. E se rebentar... – Acendeu o cigarro e balançou o fósforo diante dos olhos de Renée ...também não tem problema. Foi você mesma que me disse um dia: “Morrer não dói!”.

Ela ergueu os ombros, passada.

– Sim – ele retomou. – Posso até lhe dizer exatamente onde. Foi em Courbevoie, na beira do Sena. Está vendo, eu tenho boa memória. Oh! E como!

Com os cotovelos sobre a mesa, ele ria, com um olho fechado por causa da fumaça. O garçom trouxe as tortinhas.

– Vamos, coma! – disse Flavières. – As duas. Não estou mais com fome.

– Estão olhando para nós! – suplicou Renée.

– E daí! Tenho todo o direito de dizer que não estou mais com fome. É uma excelente propaganda para o estabelecimento.

– Não sei o que você tem hoje à noite.

– Nada, minha querida, nada. Estou alegre... Por que não usa a colher? Antigamente usava a colher.

Ela empurrou o prato, pegou a bolsa e se levantou.

– Você é nojento!

Ele também se levantou. Sim! Estavam todos olhando para eles, mas já não sentia vergonha alguma. As pessoas tinham deixado de existir para ele. Sentia-se muito acima dos comentários. Quem teria conseguido viver uma hora que fosse daquilo que ele vivia havia dias?! Alcançou Renée perto do elevador, e o ascensorista examinou-os furtivamente. Ela se assuou, escondeu o rosto atrás da bolsa e fingiu estar passando pó. Ficava bonita quando estava assim, à beira das lágrimas, e era justo que tivesse sua parte de tormento. Percorreram em silêncio o longo corredor. Ela entrou no quarto, jogou sua bolsa na cama.

– Não aguento mais isso... Essas alusões contínuas a não sei quem... essa vida que você me faz levar... não... é melhor nos separarmos... Desse jeito vou ficar louca.

Não estava chorando, mas havia uma lágrima se formando que dava a seus olhos um brilho vítreo, um pouco desvairado. Flavières sorriu tristemente.

– Você se lembra? – começou ele. – A igreja Saint-Nicolas... você tinha acabado de rezar... estava pálida, como agora.

Ela se sentou lentamente na beira da cama, como se uma mão invisível pesasse sobre seu ombro. Sua boca mal se moveu.

– A igreja Saint-Nicolas?

– Sim... aquela igreja perdida no campo, perto de Mantes... Você estava prestes a morrer.

– Eu?... Eu estava prestes a morrer?

Bruscamente, ela se jogou de bruços, com o rosto sobre seu braço dobrado. Soluços agitaram seus ombros. Flavières se ajoelhou ao lado dela. Quis acariciar

sua cabeça, mas ela se afastou com vivacidade.

– Não toque em mim! – gritou.

– Está com medo de mim? – perguntou Flavières.

– Sim.

– Acha que estou bêbado?

– Não.

– Que estou louco, então?

– Sim.

Ele se levantou e a considerou por um momento. Então passou a mão na testa.

– No fim das contas, talvez seja verdade!... Contudo, há esse colar... Não, deixe eu falar! Por que você não o usava?

– Porque não gosto dele, já disse.

– Ou era porque tinha medo de que eu o reconhecesse? Era isso, não?

Ela virou ligeiramente a cabeça e, através de seus cabelos despenteados, observou-o.

– Não – respondeu.

– Jura?

– Evidentemente.

Ele refletiu, desenhando com o pé uma figura complicada na lã do tapete.

– Então, segundo você, foi Almaryan que lhe deu o colar.

Ela se apoiou num cotovelo e dobrou as pernas, como se quisesse se fazer menor. Ele a estudava com angústia.

– Almaryan me disse que o comprou em Paris, num antiquário do subúrbio de Saint-Honoré.

– Quanto tempo atrás?

– Também já lhe disse isso. Você sempre me faz repetir as mesmas coisas.

– Pois bem, repita. Há quanto tempo?

– Seis meses.

Era possível, afinal... Mas não, não era possível uma tamanha coincidência!

– Está mentindo! – ele gritou.

– Por que eu mentiria?

– Por quê?... Ora, confesse... Você é Madeleine Gévigne!

– Não!... Não recomece a me atormentar, pelo amor de Deus. Se continua apaixonado por aquela mulher, deixe-me... Será melhor. Eu partirei. Não aguento mais essa vida.

– Aquela mulher... está morta.

Ele hesitou. Estava com tanta sede que foi obrigado a tossir para atenuar a ardência que devorava sua garganta.

– Ou antes – ele corrigiu –, ela ficou morta por um tempo... Mas eis a questão: pode alguém ficar morto apenas por um tempo?

– Não... – ela gemeu. – Cale-se!

De novo o pavor colava a seu rosto uma máscara pálida. Ele recuou alguns passos.

– Não tema... Está vendo, não quero lhe fazer mal... Sei que digo coisas estranhas, mas não é minha culpa... Você já viu isto?

Remexeu em seu bolso e jogou sobre a colcha o isqueiro de ouro. Renée soltou um grito e foi para trás, até se encostar à parede.

– O que é isso? – balbuciou.

– Pegue!... Olhe!... É um isqueiro... Vamos, toque nele! Acenda-o!... Estou lhe dizendo que é um isqueiro... Não vai explodir em seu rosto... Então? Ele a faz lembrar de alguma coisa?

– Não.

– Nem mesmo do museu do Louvre?

– Não.

– Eu o recolhi perto do seu corpo... É verdade que não tem como ter conservado a lembrança do meu gesto.

Deu uma pequena risada sarcástica, e Renée não pôde reter suas lágrimas.

– Vá embora! Vá embora!

– Fique com ele – insistiu Flavières. – É seu.

O isqueiro brilhava entre eles, e sua cintilação marcava uma espécie de fronteira. O que Flavières via para além dele era Renée, que ele fazia sofrer por nada. Por nada! Suas veias latejavam violentamente nas têmporas. Dirigiu-se em passos moles até o lavabo e bebeu um gole de água, uma água de gosto desagradável, que cheirava a desinfetante. Tinha ainda uma miríade de perguntas a fazer. Elas se agitavam dentro dele como vermes. Mas esperaria... Tinha afugentado Madeleine com sua afobação e sua falta de jeito. Pouco a pouco ele a atrairia de volta, novamente, para o limiar da vida. Ele a recomporia, com a substância de Renée. Havia de chegar o momento em que ela se lembraria. Girou a chave na porta.

– Não vou ficar aqui – disse Renée.

– Para onde irá?

– Não sei. Mas não vou ficar aqui.

– Não vou me aproximar, prometo... Nem vou mais lhe falar do passado.

Escutava a respiração dela, rápida. Sentia que ela vigiava seus menores movimentos à medida que ele se despia.

– Tire esse isqueiro daqui – ela pediu.

E não teria outra voz se fosse um réptil. Flavières pegou o precioso objeto e o fez saltar em sua mão.

– Tem certeza? Não quer ficar com ele?

– Não. Quero é que você me deixe em paz. Fui infeliz que chega durante a guerra. Se agora é para...

Enxugou uma lágrima na ponta de seus cílios, procurou seu lenço. Flavières lançou o dele para ela, que fez de conta que não viu.

– Por que está zangada? Não quis ser desagradável, juro. Vamos fazer as pazes.

Ele apanhou seu lenço, sentou na cama e enxugou o rosto dela. Uma brusca ternura tornava seus gestos desajeitados. O pranto continuava a escorrer sobre o rosto de Renée como o sangue de uma ferida incurável.

– Vamos, não há razão para tanta mágoa – suplicava Flavières.

Apoiou a cabeça de Renée no oco de seu ombro e a embalou suavemente.

– Sim – confessou em voz baixa –, há momentos em que não me reconheço mais... Sou torturado por recordações... Ah!... Você não pode entender... Se ela tivesse morrido em seu leito, tranquilamente... eu teria sofrido, é claro, mas, com o tempo, talvez tivesse esquecido... ao passo que... e além disso, posso lhe dizer... Ela se matou... Ela se jogou no vazio... para escapar do quê?... Faz cinco anos que me faço essa pergunta a cada dia.

Um soluço surdo sacudiu ainda o peito da mulher que ele mantinha cativa junto a ele.

– Pronto – ele murmurou. – Acabou... Está vendo, contei tudo para você... Preciso de você, minha pequena. Não deve me abandonar, senão, desta vez eu morrerei... Sim, eu continuo a amá-la. Você também, amo você... e é o mesmo amor. Um amor como nenhum homem jamais teve... Ele poderia ser maravilhoso se você consentisse em fazer um esforço... se tentasse se lembrar do que aconteceu... depois do campanário...

A cabeça dela se agitou e ele a apertou mais forte com o braço.

– Deixe-me lhe dizer... Vou lhe contar uma coisa... uma coisa que só fui compreender nesses últimos dias...

Tateou para encontrar o interruptor e apagou a luz. O corpo dela pesava sobre seu ombro, mas não tentou mudar de posição. Soldados um ao outro, flutuavam na penumbra onde nadavam formas confusas. Estariam remontando

juntos rumo a alguma luz perdida?

– Sempre tive medo de morrer... – ele prosseguiu, e sua voz não era mais que um sopro. – A morte dos outros sempre me transtornou porque anunciava a minha... e a minha... não... sou incapaz de me conformar com ela. Quase passei a acreditar no Deus dos cristãos... por causa da promessa da ressurreição. Aquele cadáver, sepultado no fundo de uma caverna; a pedra que a vedava; os legionários armados, vigiando. E então, no terceiro dia... Quando era menino, como pensava naquele terceiro dia... Ia em segredo até a entrada das minas e gritava bem alto, e meu grito corria longamente por baixo da terra, mas não acordava ninguém... Ainda era muito cedo... Agora, acredito que ele foi escutado. Queria tanto acreditar! Se fosse verdade, se você quisesse... você... então eu não temeria mais... Esqueceria o que os médicos me disseram. Você me ensinaria a...

Baixou os olhos para o rosto dela, caído para trás, que parecia estar de órbitas vazias. Só a testa, as bochechas e o queixo eram tocados por uma vaga luminosidade. O coração de Flavières estava cheio de amor; ele olhava, esperava talvez uma palavra; um bonde rangeu, na curva, e centelhas se refletiram nas paredes, no teto; as íris de Renée cintilaram com um breve fogo verde, e foi Flavières que teve ímpetos de se afastar.

– Feche os olhos – murmurou. – Não olhe mais para mim desse jeito.

Não sentia mais seu braço, adormecido. Era como se aquela parte dele estivesse morta. Lembrou-se do instante em que, sobrecarregado pelo peso de Madeleine quase afogada, teve que lutar por sua própria vida. Naquela noite estava sendo novamente puxado para baixo, mas não tinha mais desejo de lutar. Sentia-se antes tentado a ceder, a renunciar a ser o guia e o defensor. Era ela, afinal, que conhecia o segredo... Já o sono começava a dominá-lo. Tentou ainda falar, prometer alguma coisa, mas já não era mais que uma sombra assombrada por suas imagens, um sonho confuso. Teve vagamente consciência de que ela estava se mexendo, decerto para se despir. Teve a intenção de dizer: “Madeleine... Fique comigo”, e seus lábios se moveram. Estava dormindo, sem descansar de verdade. Só se acalmou pela manhã, e sequer soube que ela o observava longamente, à luz da aurora, e que os olhos dela ainda marejavam.

Quando acordou, estava extenuado, com uma enorme dor de cabeça. Do banheiro vinha um barulho de água correndo, e ele logo se tranquilizou. Levantou-se. Diabos! Não estava nada bem.

– Já estou terminando – gritou Renée.

Sem pensamento, sem prazer, Flavières contemplava o céu azul por cima dos

telhados. Sim, a vida continuava, a mesma vida idiota. Vestiu-se lentamente. Como a cada manhã, sentia-se desanimado, obcecado pelo desejo de beber. O primeiro copinho limpava sua mente e ele reencontrava suas angústias, intactas, insolúveis, bem guardadas em sua cabeça como facas reluzentes. Ela surgiu, num magnífico robe comprado na véspera.

– Já pode usar o banheiro – ela disse.

– Sem pressa. Bom dia... Dormiu bem? Eu não acordei nada bem. Por acaso me ouviu gritar esta noite?

– Não.

– Às vezes grito durante o sono. Tenho pesadelos. Oh! Tenho isso desde a infância. Não é nada grave.

Bocejou. Olhou para ela. Também não parecia em seus melhores dias. Andava preocupado com ela desde que tinha começado a emagrecer. Ela começou a se pentear e, mais uma vez, Flavières cedeu, sem resistir, a um impulso brutal.

– Passe para cá esse pente!

Pegou-o e puxou uma cadeira.

– Sente-se, aqui, na frente do espelho. Vou mostrar para você... Esses cabelos nos ombros estão fora de moda!...

Tentava ser jovial, mas a impaciência fazia seus dedos tremerem.

– Em primeiro lugar – ele prosseguiu –, quero que você passe hena... tem mechas claras e outras mais escuras, uma verdadeira bagunça...

Os cabelos estalavam em volta do pente, e ricas luminosidades deslizavam ao longo de sua superfície espalhada. Estavam mornos, sobre as mãos de Flavières, cheiravam a restolho, a campo queimado, e suas emanações subiam numa embriaguez leve, como os eflúvios de um vinho novo. Flavières retinha a respiração. Renée, com os lábios um pouco arregaçados, também se abandonava à voluptuosa experiência. O coque tomava forma, reforçado, sustentado por grampos demais, mas Flavières não tinha a pretensão de realizar um penteado impecável. Queria apenas reconstruir aquela nobre e pudica massa de cabelos que dava ao retrato de Madeleine a graça serena de um quadro de Leonardo da Vinci. As orelhas, liberadas, mostravam agora seu desenho delicado. A testa voltava a exibir sua curva, seu modelado. Flavières se inclinou para finalizar sua obra. Alisou o nó apertado das tranças, conferiu-lhe, com mais um golpe de pente, uma flexibilidade, uma untuosidade cuja sensualidade logo corrigiu. Era preciso modelar uma cabeça de estátua, a um só tempo fina e fria. Colocou um último grampo e se ergueu, procurando à sua frente, no espelho, o novo rosto.

Ah!

Aquele rosto! Finalmente o via como Gévigne o descrevia tantas vezes. Não havia mais, na superfície do espelho, tocada de viés por uma lâmina de luz e brilhante como uma aquarela, senão uma figura pálida, misteriosa, inteiramente retirada em seus pensamentos...

– Madeleine!

Acabava de pronunciar seu nome e era como se ela não tivesse escutado. Seria mesmo um reflexo que ele contemplava no espelho? Não seria antes uma visão interior, semelhante às imagens que acabamos por distinguir numa bola de cristal? Sem barulho, contornou a cadeira, e soube que não tinha se enganado. Os lentos movimentos do pente, o contato leve e como que fluídico dos dedos na pele a tinham mergulhado numa espécie de devaneio, de meditação grave. Então ela deve ter se sentido olhada, pois suspirou e fez um esforço para virar a cabeça e sorrir.

– Mais um pouco – murmurou – e teria dormido... Ainda estou com sono...

Deu uma olhada distraída no penteado.

– Nada mal! – aprovou. – Sim, melhor do que antes. Mas talvez não esteja muito firme...

Sacudiu a cabeça e os grampos caíram. Sacudiu mais forte e o coque se desfez, os cabelos se desenrolaram numa onda sobre seus ombros. Caiu na gargalhada. Flavières também, de tanto medo que tivera.

– Meu pobre querido!

Ele ainda estava rindo, com as mãos nas têmporas, e sentia que não poderia mais ficar naquele quarto. Estava sufocando. Precisava de sol, de bondes, de barulho, de multidão. Tinha de esquecer o quanto antes o que acabava de ver. Sentia-se como um alquimista que tivesse tocado no ouro. Fez rapidamente sua higiene, abrindo muito a torneira da pia, batendo toda hora na mesinha de vidro do lavabo.

– Já vou descendo, pode ser? – ela propôs.

– Não. Espere por mim. Não custa esperar um minuto!

A voz dele estava de repente tão mudada que ela veio até a porta do banheiro.

– O que você tem?

– Eu? Nada... Por que teria algo?

Notou que ela tinha se penteado como antes e foi incapaz de decidir se estava zangado ou contente com isso. Deu um nó na gravata às pressas, vestiu seu jaquetão e agarrou o braço de Renée.

– Calma, não vou me perder! – ela brincou.

Mas ele não sentia mais vontade de rir. Saíram do hotel e logo não eram mais que passeantes acolhidos pelo tédio. Flavières já se sentia cansado. A enxaqueca latejava sob seu crânio. Teve que se sentar num jardim público.

– Desculpe – ele disse. – Acho que vamos ter de voltar... Não estou me sentindo bem.

Ela apertou os lábios, evitou olhar para ele, mas, docilmente, ajudou-o a voltar até o hotel e ficou remendando meias enquanto ele tentava recuperar suas forças. Por quanto tempo consentiria em ficar presa com ele naquele quarto de hotel atravessado por barulhos vulgares e morno como uma sala de espera? Não tinha o direito de retê-la. E adivinhava que ela não estava completamente tranquilizada. Ao meio-dia, quis se levantar, mas uma curta vertigem o derrubou de volta na cama.

– Quer que lhe faça compressas na testa?

– Não... não... vai passar... Vá almoçar.

– Tem certeza?

– Sim. Fique tranquila.

Contudo, assim que ela fechou a porta, uma terrível angústia crispou o rosto de Flavières. Era estúpido, já que todos os pertences de Renée estavam ali, guardados no armário. Ela não ia simplesmente dar no pé, desaparecer... “Ela pode morrer!”, ele pensou, e levou as mãos à testa para afastar aquela ideia maluca. O tempo passou. Flavières o escutava zumbindo em seus ouvidos como a areia de uma ampulheta. O serviço do almoço era lento, ele sabia. Mesmo assim! Ela bem que podia se apressar. Na certa, estava aproveitando a oportunidade para devorar alegremente todas as coisas de que gostava e de que se abstinha normalmente para não desagradá-lo. Aquele lado animal, como ele o odiava!... Já naquela época, no bar de Courbevoie, quando ela saiu da cozinha, vestida como uma funcionária de limpeza... como ele sofreu!... Fazia uma hora que ela tinha saído... Devia estar com muita fome! Quase uma hora e quinze!... A fúria e a aflição pioravam ainda mais a enxaqueca de Flavières. Lágrimas de impotência brotavam de suas pálpebras. Quando ela voltou, encarou-a com asco.

– Uma hora e vinte e cinco minutos para engolir um simples bife!

Ela riu, sentou na cama e pegou a mão dele.

– Tinha escargots. E a sequência de pratos não acabava mais... E você?

– Oh! Eu...

– Vamos! Não seja infantil.

Ele se agarrava àquela mão fresca, e a calma lentamente renascia nele.

Adormeceu com os dedos apertados ao redor da mão dela como se estivesse segurando um brinquedo maravilhoso. Mais para o fim da tarde, passado o marco das quatro horas, sempre penoso, sentiu-se melhor e desejou sair.

– Não iremos longe. Amanhã consultarei um médico.

Desceram. Na calçada, Flavières fingiu ter esquecido alguma coisa.

– Espere um pouco aqui. Só preciso dar um telefonema.

Voltou sobre seus passos e entrou no bar.

– Um whisky, rápido!

Tremia de afobação contida, como um viajante que teme perder seu trem. Ela era bem capaz de aproveitar aquele momento para se afastar, virar a esquina... para... Bebeu em grandes goles, saboreou o lento queimor. Seus olhos toparam com o cardápio.

– É o cardápio do meio-dia?

– Sim, senhor.

– Não vejo menção a escargots.

– Não havia escargots.

Flavières esvaziou o copo e enxugou os lábios com o lenço, já em pleno devaneio.

– Na minha conta.

Então correu até alcançá-la. Foi amável; falou bastante; sabia ser brilhante quando queria. Levou-a para jantar num restaurante chiquérrimo, perto do Velho Porto. Será que ela percebia suas segundas intenções por trás de toda aquela jovialidade? Notava a fixidez de certos olhares? Mas tudo era tão factício na existência deles! E Flavières era um homem tão estranho!

Voltaram tarde, dormiram por muito tempo. Ao meio-dia, Flavières se queixou de enxaqueca.

– Está vendo? – ela disse. – É só a gente sair um pouco da nossa vidinha regrada...

– Fico chateado é por você. Vai ser obrigada a almoçar sozinha de novo.

– Não vou demorar.

– Oh! Fique tranquila.

Assim que escutou o passo dela se afastar, Flavières abriu a porta devagar e foi direto para o elevador. Uma espiada no saguão e na sala de jantar. Ela não estava. Saiu. Avistou-a no final da rua. Apressou o passo. “Pronto”, pensou, “eis que tudo recomeça”. Vestia o *tailleur* cinza, e, ao redor dela, as tílias agitavam a sombra dos seus ramos. Andava a passos rápidos, com a cabeça um pouco abaixada, sem ver nada. Havia, como outrora, muitos militares nas calçadas. Os

jornais estampavam manchetes, e Flavières percebia palavras que reanimavam antigas imagens: *Bombardeios... derrota iminente...* Ela entrou numa ruazinha, e Flavières se aproximou. Era uma rua estreita, cheia de lojas, de antiquários, livrarias... Onde ele já tinha visto aquela rua?... Parecia a Rua dos Saints-Pères. Renée atravessou e entrou num pequeno hotel. Flavières não ousava mais segui-la. Uma espécie de medo supersticioso o paralisava na frente do prédio. Central Hôtel, anunciava uma placa de mármore e, pendurado na porta, um cartazinho: *Lotado*. Flavières, de pernas bambas, juntou forças para atravessar. Pôs a mão na maçaneta onde a mão de Renée acabava de pousar. Percebeu o pequeno hall e o quadro de onde ela provavelmente tinha acabado de pegar sua chave. Havia um homem, no caixa, lendo um jornal.

– O que deseja? – perguntou.

– A senhora... – disse Flavières – a senhora de cinza. Quem é ela?

– A que acaba de subir?

– Sim. Como ela se chama?

– Pauline Lagerlac – disse o homem, com um horrível sotaque marselhês.

V

Quando Renée voltou, Flavières estava deitado.

– Como está se sentindo? – ela perguntou.

– Um pouco melhor. Vou levantar.

– Por que está me olhando desse jeito?

– Eu?!

Tentou sorrir e afastou o cobertor.

– Você está estranho...

– Que é isso? Não há nada.

Passou um pente no cabelo e uma escova no jaquetão. Naquele quarto apertado, o menor movimento os aproximava, roçavam-se o tempo todo. Flavières não ousava nem falar nem se calar. Gostaria de ficar sozinho, com as mãos na cabeça e os polegares nos ouvidos, sozinho diante do terrível mistério.

– Ainda tenho umas comprinhas para fazer – disse Renée. – Subi só para ver como você estava.

– Compras?... Que compras?

– Bom, primeiro ir num salão, estou precisando lavar o cabelo. Depois queria comprar um par de meias...

Lavar o cabelo, comprar um par de meias... aquilo era bem real. E tranquilizador. Além disso, naquele momento, seu rosto estava claro, parecia incapaz de mentir.

– Posso ir? – ela perguntou.

Ele fez um gesto de ternura; mas sua mão hesitava, como a mão de um cego.

– Você não é minha prisioneira – ele murmurou. – Sabe muito bem que o cativo aqui... sou eu.

De novo, o silêncio. Ela se empoava diante do espelho. Flavières, atrás dela, observava-a.

– Você me dá nos nervos, meu querido.

Cabelos tremiam em volta das orelhas dela, e uma veia minúscula latejava, em sua têmpora; e era um sangue vermelho que preenchia aquela pequena veia azul; a vida estava ali; entrincheirada naquele corpo, espalhando um odor muito

sutil; com olhos mais penetrantes, talvez ele pudesse percebê-la, semelhante a uma aura, ou a um fogo-fátuo. Pousou delicadamente um dedo sobre o ombro da mulher. A carne era lisa, morna, e ele retirou a mão bruscamente.

– Caramba, por que não me diz o que você tem? – ela disse, inclinando o rosto para dar mais uma passada de batom em seus lábios.

Ele suspirou. Renée... Madeleine... Pauline... Para que continuar interrogando-a?

– Vá! – ele disse. – Vá logo.

Estendeu-lhe as luvas, a bolsa.

– Vou esperá-la lá embaixo... Você voltará?

Ela se virou.

– É claro! Que ideia!

Ele se esforçava para sorrir. Estava muito infeliz. Tudo nele dava a ver sua derrota, e sentiu que, de repente, ela tinha pena dele, hesitava em partir, como se tem vergonha de abandonar um doente terminal. Ela o amava. Algo de muito cruel e de muito terno se deixava ler em seus traços. Ela deu um passo, dois, ergueu-se na ponta dos pés e beijou a boca dele. Aquilo era um até logo? Um adeus? ... Ele acariciou timidamente a face dela.

– Perdoe-me... pequena Eurídice!

Ela pareceu empalidecer, debaixo da maquiagem. Seus cílios bateram rapidamente.

– Seja razoável, querido. Descanse um pouco... Precisa dar um pouco de sossego a essa cabeça!

Abriu a porta, olhou para ele mais uma vez e deu um tchauzinho com os dedos. A porta se fechou. A maçaneta ficou imóvel. Flavières, no meio do quarto, continuava a contemplar a porta. Ela voltaria... Mas quando? Quase saiu correndo pelo corredor, gritando com todas as forças: “Madeleine!”... Mas tinha dito a verdade: era ele o prisioneiro. O que esperava? Mantê-la ao lado dele, naquele quarto? Vigiá-la noite e dia? Por mais que montasse guarda junto a ela, nunca teria acesso ao que estava oculto nos recônditos de sua memória. A verdadeira Madeleine era livre; vivia alhures. Aquela aparência de si mesma que ela lhe oferecia era uma caridade. Chegaria o momento em que a separação seria inevitável. O amor deles era monstruoso. Estava fadado à morte... À morte!

Flavières deu um chute na cadeira que estava diante da penteadeira. Ora essa! E o hotel onde ela tinha alugado um quarto, e todas aquelas compras que fazia assim que conseguia dar uma escapada. Tudo aquilo não cheirava a fuga? Não havia nada de misterioso nisso. Depois de Gévigne, Almaryan. Depois de

Flavières, haveria outro alguém... “Com ciúmes... Com ciúmes de Madeleine!”, debochou de si mesmo. Aquilo fazia sentido?... Acendeu um cigarro com o isqueiro de ouro e desceu para o bar. Não estava com fome. Sequer sentia vontade de beber. Mesmo assim, pediu um conhaque para ter o direito de se instalar numa poltrona. Havia apenas uma lâmpada acesa sobre as garrafas coloridas. O garçom estava lendo um jornal. Flavières, copo na mão, cabeça caída para trás, podia finalmente fechar os olhos. A imagem de Gévigne veio visitá-lo outra vez. Tinha tratado Gévigne de maneira ignóbil, e eis que agora se via na mesma situação que ele. Em certo sentido, ele era Gévigne. Era sua vez de viver com uma estranha que era sua amante, ou seja, sua mulher. Se tivesse um amigo, talvez fosse lhe pedir conselho. Suplicaria para que vigiasse Renée. Estava nesse pé... Revia Gévigne em seu escritório; ouvia-o... “Ela é estranha... Me deixa preocupado...”.

– Garçom... Mais um!

Gévigne, felizmente, nunca tinha descoberto a verdade. Se soubesse... o que teria feito?... Na certa, também teria bebido. Ou dado um tiro nos miolos. Pois há verdades em que não podemos deter nosso pensamento sem sentir imediatamente uma vertigem da alma, cem vezes mais horrível que a vertigem do corpo. Ele, Flavières, fora escolhido entre todos os homens para carregar aquele segredo. Um segredo que não trazia nenhuma alegria, que redobrava, pelo contrário, a angústia de viver. Oh! Sentia-se totalmente calmo, extraordinariamente lúcido. Era mesmo capaz de voltar no tempo, mais uma vez, sem se arrepiar. Tinha visto o cadáver, ao pé do campanário, o sangue nas pedras, os membros retorcidos, quebrados. Mais tarde, Gévigne chorou diante do cadáver de sua esposa. A zeladora o ajudou a vestir decentemente o lamentável despojo. Inspetores de polícia examinaram detalhadamente Madeleine. Quanto a isso, estava tranquilo. Tão tranquilo quanto os legionários que jogavam dados ao pé da cruz... A vertigem começava quando pensava em Pauline Lagerlac, que tinha se suicidado, quando recordava, com um curto frisson de febre, as primeiras palavras de Madeleine: “Morrer não dói”, e sobretudo quando evocava a cena da igreja, a resolução tão tranquila de Madeleine... A vida tinha ficado difícil demais para ela... então, simplesmente, ela desaparecia. Mas a existência de Renée era mais fácil? Não... Então?... Então a cabeça de Flavières começava a rodar, uma espécie de abatimento, de vazio insuportável, se instalava atrás de sua testa, semelhante ao provocado pela meditação do infinito, do que dura para sempre, sem fim, sem trégua, sem limite!

– Garçom!

Agora Flavières sentia sede. Olhava com desespero as tapeçarias escuras que o cercavam e, atrás do balcão, as fileiras de garrafas. Será que ele próprio ainda estava vivo?... Sim. Sua testa estava úmida e quente e suas mãos ardiam sobre os braços da poltrona. Estava vivo e sua mente possuía, nesse momento, uma assustadora acuidade. Dava-se conta, com uma dolorosa intensidade, da impossibilidade, do absurdo da situação. Não apenas ele não poderia mais abraçar Renée como também sequer poderia lhe endereçar a palavra. Ela era *diferente* demais. Desde a descoberta do hotelzinho, surgiu algo entre eles que destruía a amizade. Ela o trocaria por outro homem, que a amaria na ignorância. Gévigne quase descobriu; ela então se matou. Agora...

Flavières deixou cair seu copo pela metade, e o álcool escorreu sobre seu joelho. Enxugou-se com o lenço. Então, envergonhado, apanhou o copo e deu uma olhada para o garçom que continuava lendo o jornal. Detestava-se por não ter adivinhado antes... Agora ela fugiria, era óbvio... Devia ter preparado suas bagagens no hotelzinho... Talvez estivesse naquele momento comprando uma passagem para a África... para a América... E, para ele, aquilo seria pior que a morte.

Levantou, sentiu-se tonto, segurou-se na poltrona.

– Senhor, tudo bem aí?

Já o apoiavam, conduzindo-o lentamente até o balcão.

– Tudo bem... podem me soltar.

Agarrava-se à barra niquelada e fixava estupidamente o traje branco e o avental do homem inclinado sobre ele.

– Pronto... já estou melhor, obrigado.

– Alguma coisa para levantar o ânimo? – o homem propôs.

– Sim... sim, um whisky!

Levou gulosamente o copo à boca. Censurava-se por ser tão fraco, mas o líquido cor de âmbar lhe daria energia. Encontraria um meio de impedir Madeleine de partir. Afinal, era ele o culpado por tudo, com suas insinuações, suas alusões contínuas. Talvez ela tivesse esquecido de suas metamorfoses até o momento em que o encontrara. E ele tinha, pouco a pouco, recriado Madeleine, sem se dar conta de que preparava assim sua perda. Como reverter a situação agora? Como lhe mostrar que a vida podia continuar como antes? Era tarde demais.

Procurou o relógio sobre o balcão. Quatro e meia!

– Na minha conta!

Suas mãos soltaram a barra de metal. Deu alguns passos vacilantes. Então

suas pernas se firmaram. Atravessou o saguão, chamou o moço de recados.

– Sabe se tem aqui perto algum salão de beleza? Um salão chique, naturalmente.

– Chez Maryse – disse o rapaz. – É o salão mais cotado.

– Fica longe?

– Não. Dez minutos no máximo. É só seguir o bulevar e pegar a terceira rua à esquerda. Fica entre uma floricultura e um café. Não tem como errar.

– Obrigado.

Flavières saiu e o ar o deixou aturdido. Devia ter almoçado. O sol fazia os trilhos do bonde brilharem de maneira insuportável. A vida corria como um rio na cheia, e Flavières roçava as fachadas para escapar do fluxo dos passantes. Tentava se manter à margem do tumulto. Volta e meia, apoiava-se nas pedras quentes das casas. Encontrou o salão sem dificuldade e se aproximou da vitrine como um pobre que vai pedir esmola. Viu-a, com um capacete complicado sobre a cabeça. Está ali! Era mesmo ela! Ambos teriam ainda um prazo extra. Obrigado!... Obrigado!... Passou adiante e entrou no café.

– Um sanduíche e uma cerveja!

A partir de agora, evitaria qualquer imprudência. Ia se cuidar, recuperar suas forças. Teria que ser muito forte para impedi-la de... E em primeiro lugar, como ganhar de volta a confiança dela? Abstendo-se de qualquer alusão? Renunciando a fazê-la confessar que...

Suspirou e desistiu de terminar o sanduíche. A cerveja lhe causava enjoo. O tabaco deixava sua boca pastosa. Procurou, no banquinho, uma posição cômoda. Ela não teria como escapar. Provavelmente voltaria para o hotel. Como suportar a longa noite que viria a seguir? Pedir-lhe perdão? Implorar para que esquecesse as brigas deles?... Flavières olhava fixamente para o quadrado de asfalto do outro lado da vidraça e tinha a impressão de estar fazendo uma prova oral muito difícil e ter um branco diante do quadro... Conhecia a si próprio: nunca renunciaria a saber. O que amava nela não era o fato de ela ser Madeleine, mas de estar viva. Era sua vida superabundante que ela não queria partilhar. Ela era muito rica e ele muito pobre. Nunca se resignaria a estar afastado do segredo. E então?

O tempo escoava lentamente. De longe, o dono do bar observava aquele estranho cliente que falava sozinho às vezes e que não tirava os olhos da rua. Flavières meditava tristemente. Não tinha saída. Madeleine fatalmente partiria. Impossível prendê-la... Na primeira oportunidade que se oferecesse estaria tudo acabado. Ele não tinha mais o direito de sentir dor de cabeça, de ficar deitado...

Talvez já fosse mesmo tarde demais. Talvez dali a pouco ela se dirigisse à estação ou a algum paquete pronto a levantar a âncora. Só restaria a ele morrer...

De repente, Madeleine saiu. Pareceu surgir da calçada, como uma aparição. Estava sem chapéu, com os cabelos atados na nuca e delicadamente tingidos com hena...

Flavières saiu em seu encalço. Ela andava à frente dele, sem se apressar, com sua bolsa preta debaixo do braço. Vestia o *tailleur* cinza que ele comprara para ela. Estava tal qual ele a evocava em seus sonhos. Aproximou-se dela, como outrora, no cais do Sena; e sentiu seu perfume, um perfume de terra no outono, de folhas esmagadas e de flores moribundas. Flavières, com uma mão no peito e a boca entreaberta, andava como um sonâmbulo. Dessa vez tinha sido demais. Estava desfalecendo. Esbarrava nas pessoas e estas o encaravam, preocupadas. Talvez fosse cair ao final da rua? Talvez explodisse em soluços?... Ela descia, flanando em direção às ruínas do bairro velho. Como tivera razão de vigiá-la! Ela não pretendia voltar para o hotel. Indiferente, ela percorria as butiques, e o sol poente projetava a sombra dela lá atrás, até os pés de Flavières. Estaria passeando? Teria um encontro? Gozava simplesmente de sua liberdade antes de voltar aos tormentos daquele impossível cara a cara? Ou já tinha entrado em seu alheamento, estrangeira numa cidade estrangeira?... Por trás das fachadas mutiladas ouvia-se o ronco das escavadeiras. Placas pendiam das paredes enegrecidas. Crianças brincavam nos escombros. Madeleine alcançou o cais dos Belgas, com seu passo levemente rebolado. Parou por um curto instante, com a cabeça virada para os pilares destruídos da ponte móvel. A água cinzenta refletia os cascos gêmeos dos veleiros adormecidos. Um garoto de pernas abertas conduzia uma barca com o remo da popa. Aqui e ali barcaças de desembarque apodreciam encostadas às pedras. Era Marselha e, ao mesmo tempo, era Courbevoie. O passado aflorava de maneira fascinante no incompreensível presente. Flavières se sentia fora do tempo. Talvez aquelas ondinhas que balançavam tábuas e frutas estragadas, talvez a própria silhueta de Madeleine, talvez nada daquilo tivesse qualquer existência... Restava, no entanto, o acre perfume que mesmo os odores do porto não chegavam a encobrir. Madeleine seguiu o cais em direção às docas. Estaria pensando em embarcar? Ou tinha vindo contemplar os paquetes e sonhar com os países para onde teria podido fugir? Homens vestidos com jaquetas americanas e calças cheias de bolsos iam e vinham indolentemente entre barracas e hangares. Madeleine parecia não ver ninguém. Olhava a água com manchas de óleo e, por trás das mastreações emaranhadas, a muralha negra do forte Saint-Jean. De longe em longe, sentinelas

de fuzil no ombro vigiavam parques. Ele aguardava o inevitável. E o inevitável ocorreu, no cais da Joliette. Madeleine se sentou à única mesa de uma espécie de café-cantina. Flavières procurou um canto onde se esconder. Havia, como da outra vez, uma pilha de barris ao seu lado, todos com uma inscrição branca: *Salgues, Alger*. Um cliente, Salgues. Mas em que vida anterior?... À mesa, Madeleine escrevia, enquanto as primeiras luzes se acendiam um pouco por toda parte, nos navios e ao longo do cais. O vento levantava uma ponta do papel. Era a ele que ela se endereçava naquele instante. Falava-lhe baixinho como tinha falado baixinho para Gévigne. Flavières estava doente de medo e de mágoa. Agora ela dobrava a carta, fechava o envelope, deixava algumas moedas sobre a mesa.

Ele contornou os barris. Uma horrível suspeita acabava de atravessar sua mente. Será que ela tinha a intenção de... Ainda estava bastante longe da beira, andando entre trilhos. Havia barcos demais para o seu gosto. Estava procurando um lugar mais deserto. Um atrás do outro, passavam por poderosas rodas de proa cujos escovéns escuros os fixavam como olhos arregalados. Às vezes, lá em cima, debruçado na amurada, um marujo batia as cinzas de um cigarro. Cabos enormes se cruzavam, ligando ao cais, como montanhas de noite e de silêncio, imóveis navios de longo curso. Dos lampadários caía uma luz amarelada, atravessada por rondas de insetos. Madeleine se apressava, com uma mão mantendo esticada a saia, assolada pelo vento. Abaixou-se para passar debaixo de um cabo torcido e, com precaução, aproximou-se da beira. Flavières a observava, protegido pela sombra de um guindaste. Não havia ninguém por ali. Encostadas às pedras, duas canoas rangiam uma contra a outra. Flavières avançou nas pontas dos pés, como um salteador que prepara seu golpe. Passou o braço em volta dos ombros de Madeleine e a puxou para trás. Ela gritou e se debateu.

– Sou eu... – ele disse. – Me dê essa carta.

Eles lutaram e a bolsa se abriu. A carta deslizou, voltejou sobre o cais como uma folha. Flavières tentou pôr o pé em cima dela, mas errou. Uma rajada mais forte carregou o envelope que transpôs a beirada e mergulhou na sombra. Ele reapareceu, já inacessível, sobre a espuma do mar. Flavières continuava apertando Madeleine contra si.

– Viu o que você fez?

– Me solte!

Pôs a bolsa dela no bolso e a arrastou consigo.

– Estava seguindo você desde o salão. Por que veio aqui, hein?... responda!...

O que me dizia naquela carta?... Era um adeus?

– Sim.

Ele a sacudiu.

– E depois?... O que pretendia fazer?

– Partir... Amanhã talvez. Fazer qualquer coisa! Não aguento mais.

– E eu?

Ele sentia a mente vazia e como que endurecida. Um terrível cansaço esmagava seus ombros.

– Venha!... Vamos andar!

Meteram-se em ruas estreitas onde circulavam sombras suspeitas. Mas Flavières não temia os bandidos. Sequer pensava nisso. Seus dedos seguravam com firmeza o cotovelo de sua companheira. Empurrava-a diante de si e tinha mesmo a impressão de que voltava com ela de muito longe, do próprio país da morte.

– Agora – retomou –, tenho o direito de saber... Você é Madeleine!... Vamos, diga para mim!

– Não.

– Então quem?

– Renée Sourange.

– Não é verdade.

– Sim, é verdade.

Ele ergueu a cabeça para contemplar o fino riacho de céu entre as altas casas sem janelas. Tinha vontade de bater nela, até a morte.

– Você é Madeleine – repetiu com raiva. – A prova disso é que disse ao dono do hotel que se chamava Pauline Lagerlac.

– Foi só para confundir você se tentasse ir atrás de mim.

– Me confundir?

– Sim... já que você quer tanto que eu seja essa tal de Pauline... Eu imaginava que você fosse investigar, e que fatalmente chegaria àquele hotel... Quis que você conservasse unicamente a lembrança... da outra, que esquecesse Renée Sourange.

– E esse penteado... essa hena?

– Acabei de dizer: para apagar Renée Sourange... Para que só tivesse existido, para você, essa Madeleine.

– Não!... É você que eu quero conservar.

Apertava o braço dela com desespero. Na sombra, reconhecia-a totalmente, pelo passo, pelo perfume, todos esses mil signos que o amor interpreta

inequivocamente. Vagas melodias de acordeom, de bandolim pareciam sair das paredes. Aqui e ali, um poste cintilava. Atrás deles, às vezes, uma sirene tocava como uma fera noturna.

– Por que queria fugir? Não é feliz comigo?

– Não.

– Por causa das minhas perguntas?

– Por causa disso... e de todo o resto.

– E se eu prometer nunca mais interrogar você?

– Meu pobre amigo... Você é incapaz disso.

– Escute... Na verdade, o que lhe peço é simples. Admita que é Madeleine e não falaremos mais nisso... Deixaremos Marselha... Viajaremos. Verá como nossa vida será boa.

– Eu não sou Madeleine.

Ah! Aquela teimosia! Não dava para acreditar!

– Tanto você é Madeleine que até mesmo voltou a ter aquela maneira de olhar para o vazio, de fugir para um mundo invisível.

– Tenho minhas preocupações e ninguém pode carregá-las em meu lugar.

Ele sentiu que ela estava chorando. Caminharam abraçados até um bulevar iluminado. Iam voltar ao mundo dos vivos. Flavières pegou seu lenço.

– Dê cá esse rosto.

Enxugou a face dela com um gesto muito terno. Depois beijou seus olhos e tomou sua mão.

– Venha!... Não tenha medo!

Entraram no bulevar e se misturaram à multidão. Orquestras tocavam nos cafés. Jipes passavam a toda levando homens de capacetes brancos. Havia camelôs, vendedores de amendoim, mendigos que pediam fogo e ofereciam maços de Camel ou de Lucky Strike. Madeleine virava o rosto quando Flavières olhava para ela. Não baixava as armas, e o rancor contraía sua boca. Mas Flavières estava infeliz demais para ter pena dela.

– Me solte! – ela disse. – Preciso comprar aspirina. Minha cabeça está doendo demais.

– Primeiro admita que é Madeleine!

Ela deu de ombros e eles continuaram andando, apertados um contra o outro como dois namorados; mas ele segurava o braço dela como um policial segura um criminoso.

Voltaram para o hotel e foram direto para a sala de jantar. Flavières não conseguia mais tirar os olhos de Madeleine. Sob o lustre, com aquele coque, ela

surgia para ele tal qual a tinha visto pela primeira vez, no teatro Marigny. Ele estendeu a mão, apertou os dedos dela.

– Você não quer dizer nada – ele sussurrou.

Ela baixou a cabeça. Estava pálida como uma moribunda. O *maître* veio anotar o pedido deles.

– Para beber?

– Uma garrafa de Moulin-à-vent.

Ele se sentia lançado fora de si mesmo, como se a presença de Madeleine o privasse de realidade, de peso, de verdade e de existência. Um dos dois devia estar sobrando. Olhava para ela e ora pensava: “É impossível”, ora dizia para si mesmo: “Estou sonhando”. Ela mal tocou na comida. Diversas vezes, quase caiu naquele devaneio em que Flavières a tinha visto mergulhar tantas vezes. Ele esvaziou a garrafa calmamente, quase metodicamente. Sentia a hostilidade de Madeleine, entre eles, como uma parede fria.

– Vamos – ele disse. – Estou vendo que você não resiste mais... Fale, Madeleine.

Ela se levantou bruscamente.

– Já estou indo também – ele disse.

Enquanto ela ia pegar a chave, ele engoliu um whisky no bar e correu para o elevador. O ascensorista fechou a grade diante deles. O aparelho começou a subir. Flavières passou o braço sobre os ombros de Madeleine e encostou a boca em sua orelha, como se fosse beijá-la.

– Admita, querida.

Ela se apoiou lentamente na parede de mogno.

– Sim... – disse. – Eu sou Madeleine.

VI

Maquinalmente, ele girou a chave na fechadura. Deslocava-se numa espécie de nevoeiro, aturdido por aquela confissão que esperava havia tantos dias. Dava para considerar aquilo uma confissão? Ela falou com tamanho cansaço! Talvez quisesse apenas agradá-lo, obter uma trégua. Ele se encostou na porta.

– Como quer que acredite em você agora? É fácil demais.

– Precisa de provas?

– Não, mas...

Ele não sabia mais. Deus, como estava cansado!

– Apague a luz – ela suplicou.

O reflexo da rua desenhou as persianas, projetando no teto sombras semelhantes a grades. A jaula estava fechada. Flavières se deixou cair na beira da cama.

– Por que não me disse logo a verdade? Do que tinha medo?

Não via mais Madeleine, mas escutava-a se movendo perto do banheiro.

– Responda. Do que tinha medo?

Ela permaneceu em silêncio; ele retomou:

– Você me reconheceu imediatamente no Waldorf?

– Sim, desde o primeiro dia.

– Mas então devia ter se aberto comigo desde aquele instante. Não faz sentido. Por que agiu de maneira tão estúpida?

Ele martelava a colcha com o punho fechado, e as molas do colchão ressoavam como as cordas de um violão.

– Toda essa farsa!... Acha isso digno de nós?... E essa carta... Em vez de me contar olhando nos olhos o que tinha acontecido...

Ela sentou ao lado dele e procurou sua mão no escuro.

– Justamente – murmurou. – Preferia que você nunca soubesse... que nunca tivesse certeza.

– Mas eu sempre soube...

– Escute... Deixe-me lhe explicar... É tão difícil para mim!

A mão dela estava ardente. Flavières não se mexia mais; estava tenso, cheio

de angústia. Ia finalmente conhecer o segredo.

– A mulher que você conheceu em Paris – disse Madeleine –, que você viu no teatro, em companhia do seu amigo Gévigne, que você seguiu, que tirou das águas do Sena, essa mulher... nunca morreu. Eu nunca morri, entende?

Flavières sorriu.

– Claro – ele disse –, você nunca morreu... Tornou-se Renée, eu entendo perfeitamente.

– Não, meu caro... não... Seria muito bonito... Eu não me tornei Renée. Eu sempre fui Renée. Eu sou realmente Renée Sourange. E sou eu, Renée Sourange, que você sempre amou.

– Como assim?

– Você nunca conheceu Madeleine Gévigne. Fui eu que me fiz passar por ela... Eu era a cúmplice de Gévigne... Perdoe-me... Se soubesse pelo que passei...

Flavières apertou o punho da mulher.

– Quer me fazer acreditar que o corpo, lá embaixo, ao pé do campanário...

– Sim, era o corpo de Madame Gévigne, que seu marido tinha acabado de matar... Madeleine Gévigne estava mesmo morta e eu continuava viva... Pronto... Essa é a verdade.

– É mentira – disse Flavières. – Só por que Gévigne não está mais aqui e não pode protestar você aproveita para denegri-lo. Pobre Gévigne!... Então você era amante dele, é isso que está tentando insinuar? E juntos tramaram este plano: eliminar a esposa legítima... Mas por quê? Por quê?

– Era ela a dona da fortuna... Depois partiríamos para o exterior.

– Magnífico! E por que Gévigne veio me pedir para vigiar sua mulher?

– Acalme-se, querido.

– Estou calmo. Juro que nunca estive tão calmo. Vamos, responda!

– Ninguém devia desconfiar dele. Ora, Madeleine não tinha nenhuma razão para se suicidar. Por isso ele precisava de uma testemunha que afirmasse que ela tinha ideias extravagantes, que estava convencida de já ter vivido, que considerava a morte algo sem importância, quase uma brincadeira... de uma testemunha cuja palavra não fosse posta em dúvida quando declarasse que assistira ao suicídio... Você era advogado... além disso, ele o conhecia bem... desde a infância... Sabia que você ia acreditar naquela história.

– Em suma, ele me tomava por um idiota, um cara meio maluco, não é?... Muito bem pensado!... Portanto, era você no teatro Marigny, você no cemitério de Passy... e era a sua foto que enfeitava a escrivaninha de Gévigne quando eu o visitava...

– Sim.

– E, naturalmente, de acordo com você, Pauline Lagerlac nunca existiu?

– Sim, ela existiu.

– Ah! Pelo menos isso... Você não ousa negar tudo!

– Mas veja se entende... – ela gemeu.

– Eu compreendo – ele gritou arrebatado. – Compreendo tudo. Mas também compreendo que Pauline Lagerlac a deixa embaraçada, hein! Não é fácil encaixá-la na história que está inventando agora.

– Se ao menos fosse uma história inventada por mim agora! – ela sussurrou. – Pauline Lagerlac era realmente a bisavó de Madeleine Gévigne. Foi mesmo isso que sugeriu ao seu amigo a ideia inicial de sua maquinação: a obsessão por aquela antepassada um pouco estranha, a peregrinação ao túmulo, à casa da Rua dos Saints-Pères onde Pauline tinha morado... o falso suicídio de Courbevoie, já que Pauline tinha se afogado...

– O falso suicídio?

– Sim, para preparar... o outro. Se você não tivesse se jogado na água, eu teria me virado sozinha. Sei nadar.

Flavières enfiou as mãos nos bolsos para não esmurrá-la como uma fera.

– Gévigne era mesmo muito esperto! – disse com sarcasmo. – Em suma, ele tinha previsto tudo. Quando propôs que eu fosse à casa dele no primeiro dia, decerto também já sabia que eu recusaria.

– Exatamente. E a prova disso é que você recusou. E eu o proibi de telefonar para a casa da Avenida Kléber.

– Cale-se! Está bem!... Mas e o campanário?... Como ele podia saber que íamos para lá?... Sim, você vai me dizer que era você que estava dirigindo... que já tinham combinado tudo antes, localizado aquele vilarejo abandonado, marcado a hora exata... que bastava ele propor à mulher dele um passeio, que ele sabia a roupa que ela estaria usando... Pois bem, dane-se! Eu não acredito, ouviu? Não acredito no que está dizendo! Gévigne não era um criminoso.

– Sim, ele era. Claro, havia circunstâncias atenuan-tes. Ele tinha se casado mal... Madeleine era mesmo um pouco doente. Ele a levou a médicos, mas eles não encontraram nada...

– Naturalmente! Querendo, a gente sempre encontra explicações... O campanário? Fácil... Gévigne está lá. Ele espera você, depois de já ter matado e desfigurado sua mulher. Ele sabe que não vou conseguir seguir você até lá em cima: a vertigem... Você chega... solta aquele longo grito... ele joga o corpo. E vocês ficam me observando, lá do alto, os dois, enquanto eu contemplo aquela

mulher estatelada, de cara para o chão... aquela mulher que usa um coque e passa hena nos cabelos... Eu também sou capaz de inventar explicações!... E quando me afasto, vocês saem por uma das duas portas...

Flavières respirava ruidosamente... O pior é que aquela história ficava de pé, os detalhes iam se encaixando em sua cabeça, compondo um mosaico alucinante. Continuou falando, em voz baixa:

– Eu deveria ter dado o alarme, alertar a polícia. Gévigne estava seguro do meu testemunho. Afinal, já alguns dias antes, em Courbevoie... Só que eu não dei o alarme!... Não tive coragem de reconhecer mais uma vez minha covardia. E isso Gévigne não tinha previsto... Tinha pensado em tudo, menos no meu silêncio... o silêncio de um homem que tinha deixado morrer um colega...

E era verdade o que estava dizendo. Recordou sua visita à Avenida Kléber, o terror de Gévigne, que, ele também, estava condenado ao silêncio... e seu telefonema na manhã do dia seguinte, sua suprema e vã tentativa: “Encontraram o corpo dela... a polícia abriu uma investigação...”. E sua mentira: “Não, ela quase não ficou desfigurada”... Santo Cristo! Já que ele, Flavières, não tinha ousado olhar o rosto esmagado, já que a medonha precaução tinha sido supérflua, melhor esconder... E então, por falta de testemunhas, a polícia tinha aprofundado suas investigações e chegado aos negócios do casal... O motivo tinha aparecido: o interesse... Gévigne não podia ter um álibi, já que realmente estava lá no vilarejo... Além do mais, camponeses declararam ter visto um casal num carro: provavelmente o Talbot... E, por fim, Gévigne tinha morrido.

Renée chorava baixinho, com a cabeça no travesseiro, e Flavières compreendia de repente que estava no fim da linha, que tinha acabado de viver, de olhos abertos, o pior dos pesadelos... Portanto, aquela mulher, ao lado dele, era mesmo Renée Sourange. Talvez até morasse no mesmo prédio que Gévigne... Talvez o tivesse conhecido lá... Ela tinha se prestado àquela farsa, por fraqueza... e, anos depois, por uma espécie de fatalismo, aceitado se aventurar com o miserável advogadozinho reencontrado... Não... Não... Ela tinha inventado tudo aquilo para afastá-lo dela, porque não o amava... porque nunca o amara, nem outrora, nem...

– Madeleine! – ele chamou.

Ela enxugou os olhos, afastou os cabelos.

– Eu não sou Madeleine – disse.

Então, com os dentes apertados, ele agarrou seu pescoço com as duas mãos, derrubou-a de costas na cama, imobilizou-a.

– Está mentindo... – ele gemeu. – Nunca parou de mentir... Não vê que eu a

amo, que sempre a amei? Desde a primeira vez!... Por causa de Pauline, por causa do cemitério, por causa do seu ar sonhador... Um amor que parecia uma tapeçaria mágica: na frente, contava uma lenda extraordinária; no verso... não sei... não quero saber... Mas quando a tive nos meus braços, quando senti que você seria a única mulher da minha vida... Madeleine... era essa, a frente... E nossos passeios... você se lembra?... O campo cheio de flores... o Louvre... o país perdido... Madeleine!... Pelo amor de Deus... Diga a verdade para mim.

Ela não se mexia mais. Flavières, com uma mágoa infinita, afrouxou os dedos. Depois, trêmulo, procurou o interruptor, acendeu a luz. Soltou então um grito terrível, que fez as pessoas saírem em pânico para o corredor.

.....

Flavières não chorava mais. Olhava para a cama. Mesmo que não estivesse algemado, teria mantido as mãos unidas. O inspetor acabava de ler a carta do professor Ballard a seu colega de Nice.

– Levem-no – disse.

O quarto estava cheio de gente, mas ninguém fazia barulho.

– Posso me despedir dela? – perguntou Flavières.

O inspetor deu de ombros. Flavières se aproximou. A morta parecia muito delicada sobre a cama. Seu rosto exprimia uma grande paz. Flavières se inclinou, pousou os lábios em sua fronte pálida.

– Vou esperar por você – murmurou.

Sobre os autores

Boileau-Narcejac: sob esse nome ocultam-se dois escritores, Pierre Boileau (1906-1989) e Thomas Narcejac (1908-1998). Ambos aficionados por literatura policial e autores de romances de aventuras, eles se encontram e se associam em 1948. Inseparáveis desde então, seus papéis são, no entanto, claramente definidos: Boileau constrói a intriga; Narcejac redige, dá corpo e estabelece o texto definitivo. E, assim como a bomba de Hitchcock, que nunca deve explodir, para Boileau-Narcejac há uma regra de ouro: o protagonista nunca deve acordar de seu pesadelo. Sua primeira colaboração, *Celle qui n'était plus*, surgiu em 1952, e, reza a lenda, Alfred Hitchcock subiu pelas paredes para adquirir os direitos para filmá-la. Ele acabou superado pelo cineasta Henri-Georges Clouzot (*As diabólicas*), mas moveu mundos e fundos para obter os direitos de *Vertigo* quando o livro, *D'entre les morts*, foi publicado, em 1954. Mal sabia ele que a dupla Boileau-Narcejac havia escrito o livro tendo em mente o próprio Mestre do Suspense!

Na França, o filme foi chamado de *Sueurs froides* [Suores frios], o que levou o livro a ser assim rebatizado em suas edições subsequentes. Já no Brasil, o filme ficou conhecido como *Um corpo que cai* e, em Portugal, como *A mulher que viveu duas vezes*.

Copyright © Éditions Denoël,1958
Copyright © 2016 Editora Nemo/Vestígio

Título original: *D'entre les morts*

Todos os direitos reservados pela Editora Nemo. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

GERENTE EDITORIAL
Arnaud Vin

EDITOR ASSISTENTE
Eduardo Soares

PREPARAÇÃO
Eduardo Soares

CAPA
Carol Oliveira
Diogo Droschi

DIAGRAMAÇÃO
Larissa Carvalho Mazzoni

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil

Boileau, Pierre, 1906 -1989
Vertigo / Pierre Boileau, Thomas Narcejac ; tradução de Fernando

Scheibe. -- 1. ed. -- São Paulo : Vestígio, 2016.

Título original: D'entre les morts.
ISBN 978-85-8286-289-6

1. Ficção policial e de mistério (literatura francesa) 2. Romance francês I. Narcejac, Thomas. II. Título

16-00574 CDD-843.0872

Índices para catálogo sistemático:
1. Ficção policial e de mistério: Literatura francesa 843.0872

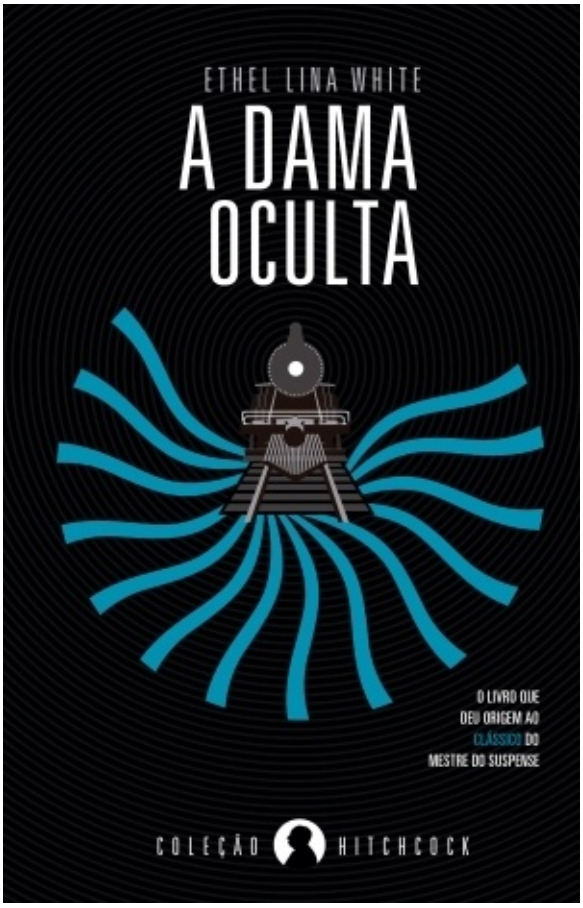
A **VESTÍGIO** É UMA EDITORA DO **GRUPO AUTÊNTICA**

São Paulo
Av. Paulista, 2.073,
Conjunto Nacional, Horsa I
23º andar . Conj. 2301 .
Cerqueira César . 01311-940 São Paulo . SP
Tel.: (55 11) 3034 4468

Belo Horizonte
Rua Carlos Turner, 420
Silveira . 31140-520
Belo Horizonte . MG
Tel.: (55 31) 3465 4500

Rio de Janeiro
Rua Debret, 23, sala 401
Centro . 20030-080
Rio de Janeiro . RJ
Tel.: (55 21) 3179 1975

www.editoravestigio.com.br


ETHEL LINA WHITE
A DAMA OCULTA
O LIVRO QUE DEU ORIGEM AO CLÁSSICO DO MESTRE DO SUSPENSE
COLEÇÃO HITCHCOCK

A dama oculta

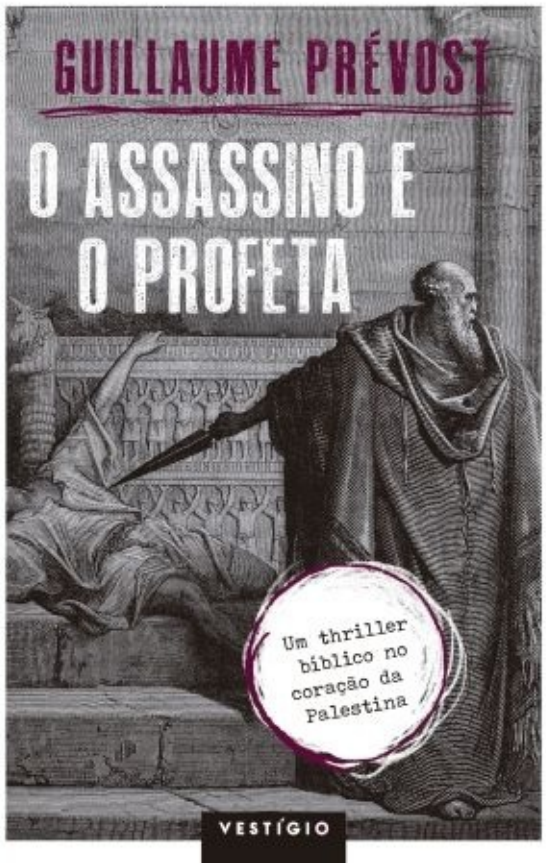
White, Ethel Lina
9788582862926
272 páginas

Compre agora e leia

Livro que deu origem ao clássico homônimo de Alfred Hitchcock, A dama oculta é por si só uma obra envolvente e extraordinária. Sua força está na maestria com que Ethel Lina White constrói atmosferas sinistras e perturbadoras, que pairam até mesmo sobre as cenas aparentemente mais corriqueiras. Iris Carr é uma jovem e bela socialite que retorna para a Inglaterra após um período de férias no continente europeu. Sentindo-se só e intimidada durante a viagem de trem, ela encontra conforto na companhia de uma estranha que conhece apenas como "srta. Froy". O conforto logo se transforma em pânico quando a srta. Froy some sem deixar vestígios. Questionando a própria sanidade e desconfiando das reais intenções das pessoas a sua volta, Iris tenta desesperadamente desvendar o súbito desaparecimento de sua companheira de viagem – uma mulher que ninguém mais se lembra de ter visto!

Não é difícil perceber por que Hitchcock adotou este clássico e se viu compelido a imprimir-lhe, em 1938, sua marca cinematográfica.

Compre agora e leia


GUILLAUME PRÉVOST
O ASSASSINO E O PROFETA
Um thriller bíblico no coração da Palestina
VESTÍGIO

O assassino e o profeta

Prévost, Guillaume
9788582860922
264 páginas

Compre agora e leia

Jerusalém, ano 6 d.C. As legiões romanas estão na Cidade Santa. Sacrilégio para os judeus… Enquanto os dirigentes religiosos divergem sobre a conduta a adotar diante do invasor, o chefe dos fariseus é assassinado a sete dias da Páscoa. Costurado em sua boca, um estranho pergaminho anuncia uma terrível punição divina contra Israel. Os principais suspeitos são os saduceus, seus rivais por mais de um século.

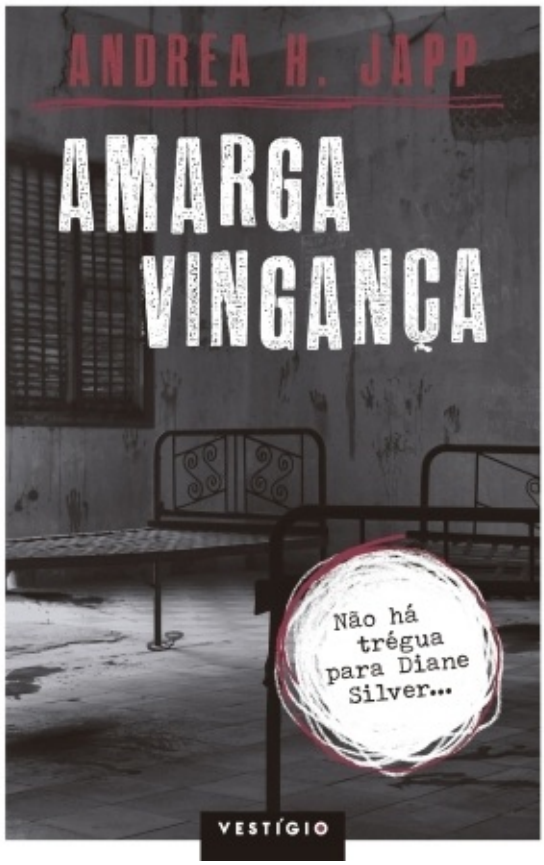
Algumas horas depois, o chefe dos saduceus, o sumo sacerdote do Templo, também é assassinado. Em sua boca, a continuação da profecia: a vinda do Salvador ou o caos. Nem fariseu nem saduceu: quem é o assassino? De onde vem essa perturbadora profecia?

Fílon de Alexandria, jovem filósofo judeu, lança-se nos rastros do misterioso assassino. Ele tem apenas sete dias para impedir o impensável: um crime que poderia mudar a História.

Das suntuosas cerimônias do Templo às infames masmorras da legião romana, um thriller de tirar o fôlego no coração de uma Palestina ardente e atormentada.

Do mesmo autor de Os sete crimes de Roma.

Compre agora e leia


ANDREA H. JAPP
AMARGA VINGANÇA
Não há trégua para Diane Silver...
VESTÍGIO

Amarga vingança

Japp, Andrea H.
9788582860984
272 páginas

Compre agora e leia

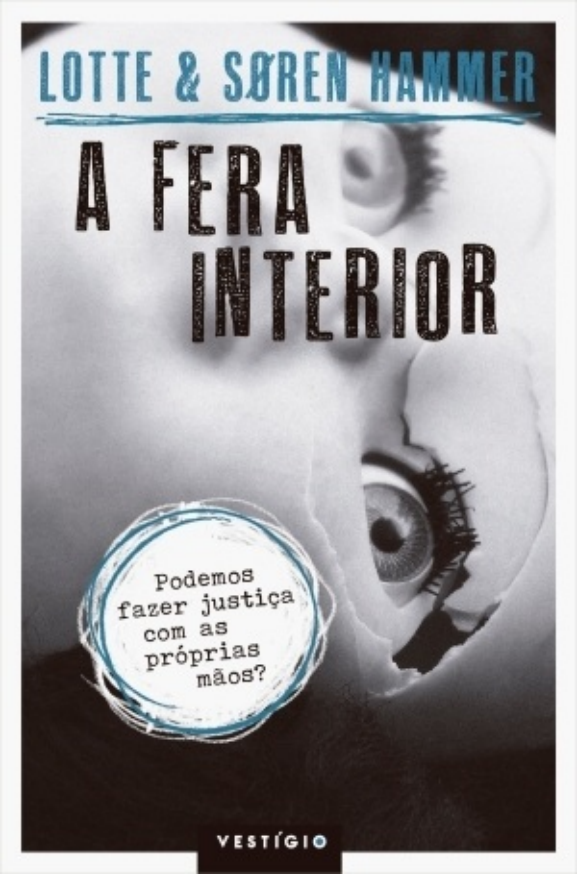
Não há trégua para Diane Silver…

A profiler do FBI Diane Silver continua sua caça aos serial killers. Ela se associou a Rupert Teelaney - também conhecido como Nathan Hunter -, um dos homens mais ricos do planeta, para eliminar esses carrascos, protegendo assim suas futuras vítimas. Mas o que ela deseja, acima de tudo, é encontrar a mulher que conduziu sua filha Leonor, de onze anos, até seu torturador. Diane sabe, no entanto, que, aliando-se a Nathan/Rupert, escolheu o caminho da ilegalidade, da extrema solidão.

Enquanto isso, em Paris, Yves Guéguen tenta proteger Sara Heurtel, cuja filha satanista foi assassinada por Nathan nos Estados Unidos. Na zona rural de Boston, uma cena digna dos piores pesadelos é descoberta em uma encantadora casa de campo, cujo porão foi transformado em um calabouço onde

jazem três cadáveres. Diane tem agora uma nova presa, um novo predador a caçar.

Compre agora e leia


LOTTE & SØREN HAMMER
A FERA INTERIOR
Podemos fazer justiça com as próprias mãos?
VESTÍGIO

A fera interior

Hammer, Søren
9788582860021
448 páginas

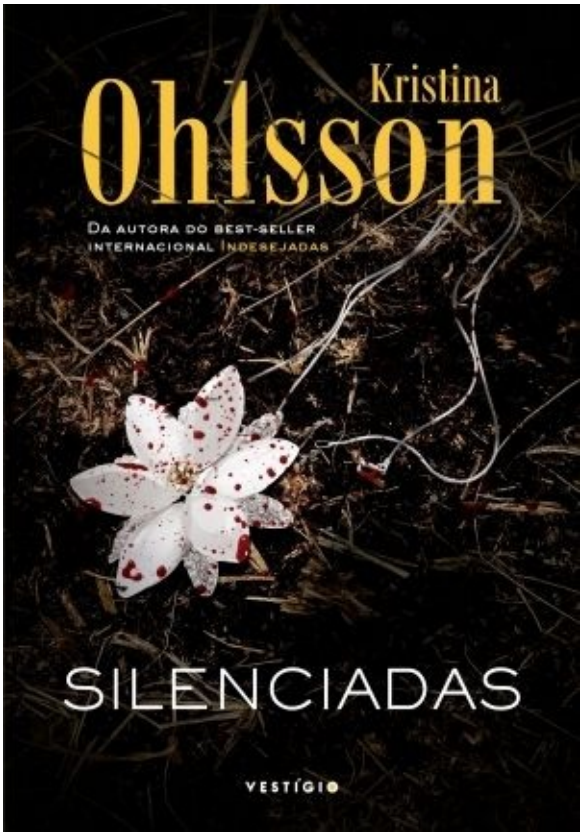
Compre agora e leia

Podemos fazer justiça com as próprias mãos?

Cinco corpos masculinos mutilados - castrados - e um rico empreendedor que denuncia na mídia a falta de firmeza da justiça dinamarquesa para com os pedófilos. O inspetor Simonsen, que tem experiência demais para não desconfiar das coincidências, logo compreende que está diante de um plano de grandes dimensões, cujos pormenores ainda desconhece…

Neste primeiro romance, intenso e cativante, Lotte e Søren Hammer constroem uma intriga milimétrica e engenhosa sobre um assunto ainda tabu na Dinamarca, a pedofilia. Pintando o retrato de uma opinião pública que toma partido dos assassinos, os autores levam o leitor a questionar suas próprias certezas éticas.

Compre agora e leia


Kristina
Ohlsson
Da autora do best-seller
internacional Indesejadas
SILENCIADAS
VESTÍGIO

Silenciadas

Ohlsson, Kristina
9788582862711
320 páginas

Compre agora e leia

Quinze anos atrás: uma adolescente é surpreendida enquanto colhia flores para a celebração do solstício de verão e brutalmente violentada. No presente, um homem é morto em um atropelamento. Ele não tem nenhuma identificação e não é reportado como desaparecido. Ao mesmo tempo, um sacerdote e sua esposa são encontrados mortos em um aparente duplo suicídio. Fredrika Bergman, juntamente com a equipe de investigação de Alex Recht, é encarregada de casos aparentemente desconexos. A investigação leva a uma rede de contrabando de pessoas: um novo agente a operar rotas de imigração ilegal a partir de Bangkok, Tailândia. À medida que a polícia desmantela o esquema, começa a se revelar uma trilha que remonta à década de 1980, a um crime não denunciado, mas cujas consequências irão muito além do que qualquer um poderia esperar.

Compre agora e leia